

Narrativas e Memória

Récits et Mémoire

de um Chefe Galibi

d'un Chef Galibi

do Oiapoque

de l'Oyapock

Lux Vidal

iepé

Narrativas e Memória de um Chefe Galibi do Oiapoque

Lux Vidal

IEPÉ – INSTITUTO DE PESQUISA E FORMAÇÃO INDÍGENA

O Iepé é uma organização sem fins lucrativos, fundada em 2002, com o objetivo de contribuir para o fortalecimento cultural e político e para o desenvolvimento sustentável das comunidades indígenas que vivem no Amapá e norte do Pará. O Iepé proporciona assessoria especializada e capacitação técnica diversificada, para que se organizem e possam enfrentar, de forma articulada, os desafios crescentes que se colocam hoje às suas comunidades e organizações, para a defesa de seus direitos e interesses.

CONSELHO DIRETOR

PRESIDENTE: Marina Kahn

SECRETÁRIA: Lúcia Hussak Van Velthem

TESOUREIRO: Ruben Caixeta

CONSELHO EDITORIAL

Denise Fajardo

Dominique Tilkin Gallois

Luis Donisete Benzi Grupioni

Lúcia Hussak Van Velthem

Lux Boelitz Vidal

COORDENADOR EXECUTIVO

Luis Donisete Benzi Grupioni

PROGRAMA OIAPOQUE

COORDENADORA: Rita Becker Lewkowicz

ASSESSORA ANTROPOLÓGICA: Lux Boelitz Vidal

ASSESSORES DE PROGRAMA: Ana Carolina Yamaguchi de Andrade, Estefany Baia Furtado e Marcelo Fernando Dominiques

AUXILIAR ADMINISTRATIVO: Luane de Kássia Sousa Farias

AUXILIAR DE LOGÍSTICA: Alenilda Benjamim Rocha

ESTAGIÁRIO: Lucas Gomes

ESTAGIÁRIA: Michele Conceição

Para saber mais sobre o Iepé consulte: www.institutoiepe.org.br

IEPÉ OIAPOQUE

Rua Lélio Silva, 91 – CEP 68980-000 – Oiapoque-Amapá – (96) 9 8411-3054

São Paulo, 2023

Narrativas e Memória de um Chefe Galibi do Oiapoque

Comentários feitos ao longo de
várias conversas informais com
Lux Vidal, sua amiga e antropóloga
da Universidade de São Paulo
(1995-2000)

Narrativas e Memória de um Chefe Galibi do Oiapoque
Récits et Mémoire d'un Chef Galibi de l'Oyapock

Copyright © Iepé, 2023

Copyright © Lux Boelitz Vidal, 2023

Trabalho realizado com o apoio do CNPq

AUTORIA

Lux Vidal

DEPOIMENTOS

Geraldo Lod

ASSESSORIA EDITORIAL

Claude Papavero

Antonella Tassinari

Mariana Baumgaertner

FOTOS

Acervo Lux Boelitz Vidal

PROJETO GRÁFICO

Renata Alves de Souza | Tipo Gráfico Comunicação

Introdução

O que motiva as pessoas, ou grupos de pessoas, a saírem de suas terras e migrarem para um país desconhecido? Muitas vezes abordamos esse tema com o senhor Gérard Lod, já que tanto ele como eu éramos imigrantes, ele em 1950 vindo da Guiana Francesa e eu em 1955 vindo da França.

De início não era a minha intenção trabalhar com os Galibi Kali'na, mas apenas conhecê-los, enquanto um dos povos indígenas que vivem na região do Oiapoque, norte do Amapá.

Com o tempo me encantei com o lugar e fiz amizade com o senhor Geraldo, como era chamado e conhecido. Um dia, durante minha terceira visita aos Galibi, em 1995, ele manifestou a vontade de falar. O senhor Geraldo praticava a arte da conversação com polidez e muito humor.

Nenhuma conversa foi gravada. Mais tarde escrevi alguns textos etnográficos sobre os Galibi do Oiapoque [ver referências]. Os depoimentos aqui recolhidos, resultado de nossas conversas, foram registrados em português ou francês, já que nos comunicávamos nas duas línguas, dependendo da ocasião. Daí a proposta em escrever um livro bilíngue, refletindo a dinâmica de nossas conversas, que usavam as duas línguas.

Devo à gentileza e competência de Claude Papavero e Antonella Tassinari as traduções em uma e outra língua. Agradeço também a constante ajuda de Mariana Baumgaertner para a organização dos textos. Quero lembrar aqui Gérard Collomb que sempre me incentivou a publicar estes textos. Agradeço especialmente a amizade e acolhida reconfortante dos filhos e família do senhor Lod, assim como de todos os Galibi do Oiapoque.

Há mais de uma década que os Galibi do Oiapoque passam por grandes transformações renovadoras, valorizando a cultura tradicional o que torna esta publicação um marco histórico ainda mais relevante.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vidal, Lux

Narrativas e memória de um chefe Galibi do Oiapoque : récits et Mémoire d'un chef Galibi do Oiapoque / Lux Vidal. -- 1. ed. -- São Paulo : Iepé - Instituto de Pesquisa e Formação Indígena, 2023.

Edição bilíngue: português/francês.
ISBN 978-65-89357-06-3

1. Cultura indígena 2. Narrativas pessoais 3. Povos indígenas - Aspectos sociais 4. Povos indígenas (Galibi) 5. Povos indígenas (Galibi) História I. Título.

23-148648

CDD-B869.803

Índices para catálogo sistemático:

1. Povos indígenas : Memórias : Literatura brasileira
B869.803

Henrique Ribeiro Soares – Bibliotecário – CRB-8/9314



Apresentação

“Nós apreciamos o mato e o oceano da mesma forma, porque os dois se complementam. Eles nos dão tudo o que precisamos, a pesca, a roça, a caça, as frutas, os remédios, a lenha.”

Este livro foi escrito sob a égide da amizade, das boas lembranças de minha convivência com o senhor Geraldo Lod, sua família e toda a comunidade Galibi Kali’na, as famílias de Julien e Mathilda Lod e Joseph e Marie Egyptienne Jeanjaques.

Coloquei entre aspas maiores e mais escuras as falas de Geraldo Lod, escolhidas por mim como sendo as mais relevantes. Não podemos perder de vista, entretanto, que as narrativas expõem as ideias do senhor Lod, e não forçosamente de toda a coletividade. Os depoimentos completos formam um grande conjunto de textos que eu já havia reunido e entregado, sem revisão ou edição, à Geraldo Lod e sua família.

O líder Galibi se destaca pela capacidade e curiosidade intelectual. Quando relata modos de vida dos antigos, ele não os considera como sendo apenas “histórias” do passado, mas sim maneiras específicas de pensar, conhecer e se *comportar*, em suma, toda uma filosofia e um estilo de vida. Se os Galibi Kali’na insistem tanto na limpeza da aldeia, das casas, das roças e do corpo, como tomar banho três vezes ao dia, ainda hoje, isso não é apenas um comportamento mundano, mas consequência direta da ideia de “pureza”, expressa na cosmologia Galibi. O nosso corpo é apenas uma camisa, uma “carcaça fedorenta”. O fundamental é o espírito, imortal. Entre os Galibi, segundo o senhor Lod, a noção de pessoa se resume a este aspecto do ser, o resto é descartável. Outro ponto muito importante é o catolicismo, parte integrante da cosmologia Galibi, tradicional e com precedência hierárquica. Geraldo Lod sempre repete: “Primeiro Deus, depois o *maráka*.”

Não foi tarefa fácil organizar os depoimentos, porque são espontâneos e muito dispersos. Eis porque escolhi uma sequência por temas. A grande maioria data de 1995, exceto no final, quando destaco as datas em 1998.

Alguns dados, em ordem cronológica, sobre a vida do senhor Lod

1920 – Nasce na Guiana Francesa, na Pointe Isère, na região de Mana, e vive na aldeia Couachi. O seu pai era um grande pajé e sua mãe uma exímia artesã.

1934 – Entra na escola. Estudou até o Certificat d'Études, o que corresponde ao nosso Ensino Médio completo.

1939 – Trabalha na enfermagem de Saint-Laurent como enfermeiro.

“Eu iniciei os meus estudos aos 14 anos. Aos 19 eu era enfermeiro para atender os índios, fiz um curso de preparação. Um dia chegou um médico que trabalhava para os índios e que frequentava as aldeias e ele me levou a Saint Laurent, mas eu prestava serviços em todas as aldeias: Grand Village, Couachi, Pointe Isère, Ouara.”

1942 – No dia 25 de abril se casa com senhora Caroline.

“Foi o primeiro casamento no civil e no religioso (segundo a fé católica), eu abri o caminho.”

1950 – Aos 30 anos, ele migra e se instala com um grupo de familiares no Brasil.

2018 – Ele morre no dia 14 de fevereiro, reconhecido em toda a região como um homem culto e uma grande liderança.

Esclarecimento sobre a denominação

Galibi Kali'na da aldeia São José é a maneira de se referir ao grupo que vive às margens do rio Oiapoque. Na Guiana Francesa eles se definem como Kali'na Tilewuyu, com o intuito de recuperar uma identidade mais específica, sendo Galibi uma designação genérica que era utilizada pelos europeus para se referir aos povos de fala Carib do litoral das Guianas.

“Tilewuyu é nosso verdadeiro nome. É a raça Tilewuyu. Galibi Kali'na apenas quer dizer “os humanos”, todos são humanos, mesmo os brancos. Depois, cada um adquiriu a sua língua, mas somos todos seres humanos em espírito. Antes somente havia os índios, depois chegaram os brancos, os amarelos e os pretos, são todos Kali'na, seres humanos. Os animais não são Kali'na.”



“Nanatangon é o nosso avô, nosso ancestral. Somos os seus descendentes. É um ancestral, não é um Deus. Nanatangon era o ancestral homem e Nananoyân a mulher ancestral, nossa avó. As mulheres Galibi falam uma língua entre elas e os homens, outra. Isso complica um pouco as coisas quando se quer aprender a língua Galibi.

Para primo, a mulher diz *iawo* e o homem *tûwo*. Na Guiana holandesa, os Galibi de pele preta, chamados Mulato, dizem *Paãmon*. Não são africanos, mas Galibi. A mulher diz para a prima *maê* e o homem *takanon*. Para a prima paralela, que é como uma irmã, para a mais velha, um homem diz *shonê* e para a caçula *wawa*; uma mulher diz *yaya* para a prima paralela mais velha e *mimi* para a caçula.

Hoje as crianças não conhecem mais essas diferenças, porque chamam as pessoas pelo nome.”

06/06/1995

Relato de Gérard Lod sobre as causas da migração do grupo Kali'na-Tilewuyu de Mana para o Brasil

Os preparativos da viagem no Brasil e na Guiana Francesa.

A viagem

A instalação na aldeia São José do Oiapoque

A narrativa dada de uma só vez, começou em português e em seguida o narrador Gérard Lod passou a falar em francês, o que muito me alegrou.

“Em Maná, três crianças já haviam morrido. Botavam algo para acabar conosco.

A Carolina, minha esposa me disse: “Onde tu vais eu vou também”. De manhã, um domingo, a minha mãe me disse a mesma coisa que a Caroline. Dois dias depois fui pedir uma licença de 15 dias no hospital onde trabalhava. No hospital falei com o chefe, o Dr. Varcelle¹, pedindo para ir ao Oiapoque. Ele aceitou. O Serviço de Saúde aceitou meu pedido. Minha mãe me aconselhou a viajar com um primo, Joseph Lieutenant. Chegamos a Caiena, onde ficamos três dias. Um funcionário da alfândega me informou que um barco brasileiro que ia para Saint Georges, sairia naquela tarde. Compramos, portanto, nossas passagens. Na chegada em Saint Georges meu primo pergunta: “O que será de nós?”. Eu lhe respondo: “Não se preocupe”. O vapor Oiapoque, um velho navio cargueiro brasileiro atraca. Um homem passa numa bicicleta. Era um empregado da Casa Tanon. Eu o conhecia, ele se chamava Dufonnais, eu o tinha conhecido em Maná. “Onde posso encontrar um quarto?” lhe perguntei. “O senhor está vendo aquele chinês ali adiante, então é na casa dele que vocês vão se alojar, ele cuida de

¹ O Doutor Eric de Fautereau-Vassel foi médico no hospital de Saint Laurent do Maroni, e, posteriormente, representante do “Service Indien” da Préfecture de la Guyane, na região de Saint Laurent / Maná (informação pessoal de G. Collomb).

todos os passageiros". Depois de desembarcar a nossa bagagem, eu cumprimento esse homem e vou diretamente ao assunto, como um europeu, explicando o que nos traz a essas paragens. O senhor, Ho-A-Chuck², um chinês, me informa: "Daqui a pouco, às 9 horas, vai sair um transporte para Maripá. O piloto é um índio. Ele é bilíngüe, fala francês e português". Comemos um lanche e esperamos a hora da partida.

Me perguntaram de onde eu vinha, respondi "de Maná", e acrescentei: "quero falar com o representante do Serviço dos Índios Brasileiros". O piloto me disse então que ele conhecia uma senhora que falava bem o crioulo. Chegando em Oiapoque achamos aquela senhora que estava limpando o pátio em frente de sua casa e lhe perguntamos onde poderíamos encontrar esse representante do Serviço dos Índios. Ela nos responde: "Vocês estão com sorte, é aqui mesmo, o representante é meu filho, Raimundo Braga". Ela nos convidou a sentar, ali tinha ainda outro índio do baixo-Amazonas que desejava ir a Camopi. Ela nos ofereceu um café e depois, o filho chegou. Falei com ele em francês e ele me respondeu num excelente francês. Bom eu lhe apresentei o meu caso. Raimundo me diz: "Eu não posso lhe dar uma resposta oficial, há um chefe do Serviço dos Índios em Belém, é preciso ir até Belém".

Não havia transporte, somente um avião por mês. Eram aviões C 47 e Catarina que serviam também a linha Oiapoque-Caiena. Raimundo reservou nossas passagens. Fomos buscar nossas bagagens em Saint Georges.

Partimos afinal para Belém, um sábado (Julho de 1948) e meu primo, sempre preocupado, perguntou-me: "Como vamos reconhecer aquele homem?". Lhe respondi: "Vamos nos virar", pois, somente falávamos o francês. Às 5 horas da tarde pousamos em Belém. Havia dois homens de paletó na ponta da pista e eu falei para meu primo: "Ai estão, são eles que nos esperam". Fomos até eles e os cumprimentamos em francês. Lhes perguntamos se um deles não era Eurico Fernandes³. Ele nos respondeu em francês: "Vimos justamente esperá-los." Era um homem simples e gentil. Eurico, no momento, foi explicar a questão na alfândega. Em seguida, vamos até os funcionários da alfândega. Eu lhes exponho a minha missão,

2 Membro de uma família de comerciantes instalada em Saint Georges.

3 Eurico Fernandes, administrador do SPI, Serviço de Proteção dos Índios, encarregado por muitos anos do Posto de Controle situado em Encruzo, no rio Uaçá.

isto é, a obtenção da autorização para imigrar no Brasil com a minha família. Eurico me disse que não havia problema e que no dia seguinte ele acertaria nossos documentos e ele acrescentou: "Vocês virão num navio brasileiro que faz o trajeto e sem pagar"⁴.

Depois disso, esperamos 15 dias em Belém o avião que nos levaria de volta.

Eurico nos levou até a sua casa, onde ficamos alojados e comemos durante nossa estadia. Havia três índios jovens na casa dele, dois eram daqui, do Curipi e o outro do Maranhão. Eles passeiam conosco para conhecer Belém. Meu professor em Maná tinha mostrado um cartão postal com a estátua de um índio na "Praça Brasil". Eu tinha visto aquele cartão postal, que meu professor me mostrara e eu queria ver a praça. Vimos a Catedral de Nossa Senhora de Nazaré. Em Belém, o próprio Eurico elaborou nosso documento, a autorização para nos instalarmos no Brasil com as nossas famílias. Foi ele mesmo que assinou. Não tenho mais esse documento. Ele caiu nas mãos das crianças que o rasgaram. Foi uma pena, eu percebo agora que seria um documento histórico. Eu não sei se eles têm uma cópia em Belém.

Voltamos para Caiena após dois meses de viagem. De Caiena a Sinnamary, viajamos de caminhão e dali, não tendo nenhum meio de transporte, vamos a pé até Maná. Em Sinnamary, havia um padre, o padre Michel que nos recebeu. Às seis horas da manhã, os barcos, canoas com remos, atravessavam o rio. Antes de partir, vou comprar pão, leite, queijo e sardinhas.

Nosso destino é Iracoubo, aonde chegamos às 6 horas da tarde. De novo procuramos alojamento na casa de um padre. Como não havia lugar em sua casa, somos recebidos por um ex-presidiário que é enfermeiro no hospital. No dia seguinte saímos às 5 horas da manhã para evitar o excesso de sol na travessia da savana. Era noite e mal enxergávamos a estrada. Por volta do meio-dia paramos, cansados por causa do sol, descansamos à sombra de um cajueiro, perto de Mamaribo e comemos frutas. Queríamos chegar à Organabo, eu encorajava sempre meu primo. Era longe, eu conhecia o caminho, mas a aldeia estava abandonada, era um mato inculto. Havia um riacho, era noite, mas decido atravessar na passagem de Counãmãmã, com a água pela cintura, bem perto de uma cascata.

4 De Maná a Oiapoque.

Do outro lado havia um pequeno igarapé, o Trou Poisson. Tínhamos lanternas. Fomos um pouco adiante. Acendemos uma fogueira e juntamos palha. Havia muitos mosquitos e acendemos uma fogueira em volta de nosso pouso. No dia seguinte trançamos caturis, jamaxis, cestas para transportar nossas bagagens. Estávamos com dores nos pés por causa dos sapatos. De manhã, às 6 horas, comemos um lanche e partimos. Em torno das 10 horas, após a travessia de uma ponte em Grande Passerelle, meu primo não aguentava mais os sapatos e os tirou, mas não conseguiu andar, precisou calçá-los de volta. Afinal chegamos no lugar que chamam Montagne Sable. Meu primo sugere deixarmos ali nossas bagagens, nossos pais viriam buscá-los no dia seguinte, como fizeram efetivamente. Imaginamos se conseguiríamos chegar até Bassin, um igarapé com muitos peixes. Olho para o sol e reparo que ainda era cedo. A cem metros de Bassin um homem vem em nossa direção, ele se aproxima e, chegando perto, reconheço um árabe, um argelino que conhecia. Era um homem muito forte, ele tinha até resgatado, certa vez, um trator caído na água. O árabe pergunta: “De onde vocês vêm?”. Eu lhe respondo: “Estamos vindo da pesca em Bassin”. Ele diz: “Assim?”. Eu lhe pergunto: “E o senhor?”, ele me responde: “Vou a Caiena”. “À pé?” lhe pergunto, um pouco desconfiado.

Chegamos a Bassin Aouara. “É aqui que dormiremos”, fala o meu primo. Ali tem uma árvore chamada Conachini em nossa língua. Pensei que se pudéssemos ir até lá seria muito bom, porque era um lugar bem limpo. Chegando naquela árvore, percebo que estamos numa trilha de caça que nos levaria diretamente a Couachi.

Chegamos afinal na casa da mãe de meu primo. Minha tia estava em sua roça, perguntamos se havia melancias, mas não tinha mais, e pensei imediatamente no caxixi. Continuamos a caminhada e chegando no cemitério, já pertinho da aldeia, me aproximei de minha mãe que estava varrendo seu cabé. Quando ela nos viu chegar, ela jogou a vassoura e começou a chorar, porque pensava que nos tinham matado. Eu lhe peço uma cuia bem cheia de caxixi. Minha filha Thérèse tinha então 7 meses. Quando cheguei ela não quis me beijar porque não me reconhecia mais.

Em Couachi havia muitas famílias. A família Lod (nome holandês), Lieutenant, François, Grand Emile (o avô de Caroline), Charles Philippe, Tiouka (holandês). Havia também três famílias créoles.

No dia seguinte reuni o grupo todo para mostrar a documentação conseguida em Belém. Contamos nossa viagem e suas peripécias. Todos reconheceram que a missão tinha sido bem sucedida e que as perspectivas de transporte eram boas.

Porém, foi aí que nossos aborrecimentos começaram. A população da região de Maná, e sobretudo os comerciantes, não se deram por satisfeitos porque éramos os principais fornecedores de farinha de mandioca, de legumes e de carnes de caça. Eles decidiram então falar com o *préfet*⁵ em Caiena para impedir nosso transporte no navio. Quando o barco brasileiro chega em Maná, vou procurar o comissário que era martiniquês. Lhe mostro os documentos e ele me diz que não há problema: “Vocês podem embarcar no navio”. Ele marca a data da próxima viagem (havia uma outra família que embarcaria também). Mas, chegando o momento do embarque, o comissário me informa que o prefeito tinha proibido nossa viagem no navio. Eu lhe digo: “Muito obrigado”. No mesmo dia organizo uma reunião na aldeia. Decidimos partir, apesar de tudo. Iremos de canoa. “Vocês estão de acordo?”. Todos responderam que sim, que estavam de acordo. Meu pai achou que era bom.

Após dois meses de ausência no hospital, meu chefe disse: “Eu tenho vontade de trancá-lo na cadeia”. Eu lhe respondi: “A cadeia não foi feita para os cães, é boa para os homens, se o senhor me trancar, não estarei sozinho, o senhor estará lá comigo”. Eu o teria segurado pelo braço, era tão forte quanto ele. Eles nos teriam trancado ambos.

No fundo, ele somente queria me assustar. Os gendarmes me fizeram comentários semelhantes. Respondi para eles da mesma forma: “Vocês entrarão comigo”. Continuei, portanto, a trabalhar no hospital e contribuía com meu dinheiro aos preparativos da viagem.

Levamos um ano inteiro para construir as quatro canoas. Afinal, três somente partirão. São meus parentes que as fabricam. Quando tudo fica pronto, dou a meu pai o dinheiro para comprar o material necessário, os pregos, as cordas, as velas.

Preparamos muita farinha de mandioca. Tudo estava pronto para partir. Uma manhã, vou até Maná para falar com o brigadeiro da

5 Robert Vignon, o primeiro *préfet* da Guiana após o final do estatuto colonial e a promoção da região a “*département d’outre mer*” em 1947 (informação pessoal de G. Collomb).

alfândega e lhe pedir o “manifesto” que nos permitiria de partir para Caiena com as três canoas. Ele me diz: “Sim, eu não posso lhe recusar o manifesto, agora tenho que lhe dar a autorização, pois são suas próprias canoas”. “Quando é que vocês viajam?”. Era numa quinta-feira e eu lhe respondo: “partiremos sábado”. E sábado, pela manhã, começamos a carregar as três canoas. Levamos barris de 150 litros de água potável, uma para cada canoa. Farinha de mandioca em grande quantidade, polvilho de mandioca, açúcar, café, chocolate, uma caixa de leite condensado, duas latas de biscoitos, cocos verdes, lenha para cozinhar, óleo, gasolina. Todo o necessário, redes, tambores para dançar e bancos de madeira. Maniva para plantar mandioca, sementes de abóbora, de melancia, de pimenta e abacaxi.

Dia 18 de julho de 1950, às duas horas da tarde, deixamos a aldeia de Couachi⁶, e às 7 horas da noite chegamos em Maná, onde fui me despedir de meu padrinho. Eu lhe falei de meu cabé que deixava, das pranchas que havia ali e de minhas plantações. Mas a família não aproveitou daquilo, foram os outros que tiraram proveito de meus jardins. Prosseguimos viagem durante a noite.

Domingo estávamos em pleno oceano, margeando a costa. No mesmo dia a alfândega avisou Caiena de nossa chegada. Nossa viagem era oficial e ao longo de todo o percurso as autoridades eram notificadas. Esperavam-nos e a cada escala recebíamos acolhida. Primeira parada, dia 19 à noite, ancoramos no mar. Não havia vento, então fomos obrigados a puxar as canoas com cordas e as mulheres andaram na praia. Dormimos nas canoas. Paramos em Kourou, porém, não fomos até a aldeia. Depois de Kourou paramos num lugar para pegar caranguejos. Após uma viagem de

6 38 pessoas embarcam em três canoas de 12 metros cada uma. Lod não se lembra de todos os nomes. Foram Gérard e Caroline Lod com duas crianças; seu pai Joseph e a esposa; Joseph Jean-Jacques e Marie Egyptienne e duas crianças; Julien e seu filho. Mathilde ficou na Guiana, pois, sua filha Monique estava com oito dias apenas. Georges François, tio de Lod, irmão de sua mãe, sua esposa e cinco filhos. Estes ficaram 10 anos no Brasil e depois retornaram a Maná. Voltaram mais tarde para Saint Georges. Depois de um ano, durante a festa de Saint Georges, um de seus filhos brigou com um Palikur, este ficou doente e acabou morrendo. Sendo assim retornaram a Maná. Um outro moço, parente de Jean Jacques também veio. Famílias Lieutenant, Tiaradis (holandesa), sua mulher e três crianças. Ele morreu aqui e sua mulher voltou para a Guiana. O irmão do pai de Lod pediu que o mandassem buscar, passou aqui alguns anos com sua mulher e filhos, depois voltou e morreu. Os pilotos das canoas eram Joseph Lod, Georges François e Lieutenant. As canoas, mais tarde, foram vendidas a pessoas de Caiena. Julien me disse: “Ninguém fotografou nossa viagem e chegada ao Brasil porque naquela época não havia civilização nesses lugares”.

cinco dias chegamos a Caiena. Na foz de Caiena tem um rochedo L'Enfant Perdu no qual há um farol. De longe eu via os policiais, os funcionários da alfândega, e a população reunida no cais que nos aguardavam. Quando desembarquei, eles nos cumprimentaram e perguntaram detalhes sobre a travessia. Peço um novo “manifesto” para ir até Saint Georges. Passamos a noite em Caiena e, no dia seguinte, partimos bem cedo.

Após três dias de viagem chegamos no rio Oiapoque. Como eu conhecia bem a costa não foi uma viagem difícil. No dia 27 de julho, chegando em Saint Georges mostramos os documentos e passamos pela alfândega. Não havia nada em Saint Georges, naquela época. Uma casa coberta com ripas de madeira, cabanas de palha, de créoles. Havia um padre, um funcionário da alfândega, alguns créoles que falavam patois e um gendarme que falava francês.

No dia seguinte subimos o rio Oiapoque e paramos na cidade de Oiapoque, do lado brasileiro, para ver se o responsável pelo Serviço dos Índios estava ali. Ao chegar nos informaram que o responsável era outro funcionário, Raimundo Fernando que se encontrava em Encruzo, no Uaçá, como inspetor de serviços. Permanecemos três dias em Oiapoque. Meu pai encontrou afinal um homem que lhe mostrou este lugar onde hoje vivemos. Naquela época, uma índia Palikur, cujo marido vinha do Uaçá, Antônia Albéria, morava na ilha em frente. Chegamos e ficamos na casa dela. Na manhã seguinte deixamos as mulheres na ilha e fomos ver o terreno do lado de cá que era apenas um matagal. Inspecionamos o lugar e meu pai nos disse que era um bom lugar, uma boa terra. E no dia seguinte limpamos o terreno. Cada um de nós limpou uma parcela de terra para construir uma casa. Depois, fomos buscar nossas famílias.

No dia 13 de agosto de 1950, dormimos em nossas terras. Em compensação, passamos um 15 de Agosto muito triste, nunca o esquecerei. O dia 15 de Agosto era dia de grande festa para nós, em Maná. Mas as mulheres plantaram as sementes e seis meses depois tudo estava bem.

A primeira visita que recebemos foi a visita de uma família brasileira do Juminã. Eram “Amazonenses”. Ele se chamava Abílio e ela Júlia. Eles nos convidaram para ir caçar jacarés com eles no Juminã. Fui lá

com meu cunhado Joseph e nossas famílias. Matamos quinze jacarés na ocasião. Tiramos as peles para vendê-las. Em “Ponta dos Índios”⁷ (Demonti) havia um entreposto onde se encontrava de tudo. Era um lugar importante. Havia também ali um posto de alfândega brasileira. Fomos lá para vender as peles. Eram os funcionários da alfândega que as compravam, a cinco mil réis por uma grande pele. Dividimos o dinheiro com os brasileiros. Meu cunhado e eu ganhamos 100.000 réis. Fizemos compras do lado brasileiro.

Alguns meses depois, já tínhamos nossa roça e as dificuldades tinham acabado.

Antes daquele episódio, oito dias após a nossa chegada aqui, fui visitar o prefeito de Oiapoque. Era o primeiro prefeito, Roque Penaforte. Ele nos assegurou que ninguém nos tiraria as terras nas quais estávamos instalados e eu sempre insisti junto às autoridades para obter a homologação que foi assinada, afinal, na Presidência do General Figueiredo em 1982⁸.

Dois anos após a nossa chegada, o Governador do Amapá, o Capitão Janary Nunes veio nos visitar. Fui até o porto recebê-lo. Ele apertou minha mão e me perguntou o que nos seria mais necessário aqui e eu lhe respondi: “a escola”. Seu secretário tomou nota do pedido e nos prometeu sua construção. O prefeito que o acompanhava, nos disse que ele se encarregaria da casa de farinha e depois eles visitaram a aldeia. Oito dias depois, a madeira para a construção da escola chegou e essa escola ainda existe.

São José é o nome de nossa aldeia. Em Maná o padroeiro da comunidade era Saint Joseph; nossa aldeia, portanto, recebeu o mesmo nome. Aliás, meu avô se chamava Joseph e meu filho mais velho também é Joseph. Foi por isso que esse santo também se tornou o padroeiro da aldeia.

Eu nunca lamentei minha mudança. Consegui tudo o que queria. Graças a Deus, meus filhos têm tudo que eles precisam.

7 Ponta dos Índios, localidade situada do lado brasileiro, defronte Trois Palétuviers da Guiana, outrora chamada Demonti.

8 No início, Eurico Fernandes quis assentá-los no Karipura, uma montanha na embocadura do Uaçá e que já havia sido habitada pelos Karipuna. Mas os Galibi-Kali’na, habituados a terras baixas, perto do mar, não aceitaram a idéia. Até 1985, o Karipura estava em nome dos Galibi de Oiapoque.

Precisei repetir frequentemente o fato seguinte: “Eu não cheguei aqui preparado pela metade, cheguei já inteiramente desenvolvido. Não éramos gente atrasada e não precisávamos ser pacificados”⁹.

Num dado momento Eurico Fernandes me propôs ser enfermeiro dos índios daqui. Eu aprendi o português e foi ele que me deu meu primeiro dicionário Português- Francês e Francês-Português. Mas eu não quis aceitar essa oferta de trabalho. Eu sei como são os índios e pensei: “Eles vão sentir ciúmes e tudo vai recomeçar”.

“Eu não cheguei aqui como um miserável ou como um pobre. Não era pobre em Maná, nem tampouco sou pobre aqui. Eu vim porque desejei vir, porque eu pensei que o Brasil era o país dos índios. Essa foi uma ideia que sempre me perseguiu.

Os gendarmes franceses vieram me ver três vezes. Eles vinham de Saint Georges para me convencer a voltar a Caiena: “Você ganhará mil francos por mês”. Eu lhes respondi: “Estou bem aqui, estou tão bem quanto em Couachi. Não quero ser comprado por dinheiro”.

Aliás, quando, mais tarde, fui visitar meus sogros em Paddock, um médico soube que eu me encontrava ali e me chamou para que eu fosse trabalhar em Caiena, mas eu recusei. Estava apenas visitando meus sogros”¹⁰.

02/02/1995

9 Aqui Gérard Lod apresenta uma observação importante, consciente das diferenças existentes entre a política referente aos índios no Brasil e na Guiana. No Brasil, uma das tarefas do SPI, Serviço de Proteção ao Índio e depois da FUNAI, Fundação Nacional do Índio, a partir de 1968, foi durante muito tempo de estabelecer o contato com os grupos de índios “isolados”, de “pacificá-los” e de mantê-los sob a tutela do Estado.

10 Com efeito, Lod era enfermeiro e falava Galibi. Outrora em Saint Laurent, ele percorria as aldeias com um médico. Ele era também, obviamente, uma pessoa conhecida. O que não lhe agradava em Maná na época, era a falta de qualquer educação séria. Em 1935, o primeiro missionário chegou na região, um holandês, o padre Gérard Dumènes. “Ele batizou os índios, eles levaram as crianças, as meninas, para colocá-las na escola das irmãs em Maná, mas elas não aprenderam nada, somente tarefas domésticas. Portanto, nada de escola”.

Os filhos de Lod segundo ele mesmo

“Emilien Joseph Corneille, quando de nossa chegada aqui, tinha 5 anos. Ele estudou aqui até os 16 anos, passou três meses em Caiena e desejava ir para a França estudar a mecânica. Ele tinha livros. Certa vez, indo para Oiapoque paramos em Saint Georges. Os policiais me perguntaram: “Onde está seu filho?”. “Ele está na canoa”, respondi. Fomos até a delegacia esclarecer o negócio.

O policial disse: “Vou passar em sua casa”. Em Caiena perguntaram para o meu filho: “Onde você mora?”. “Estou em casa”, ele respondeu. Eles lhe deram um documento. Eles deviam chamá-lo para o serviço militar. Mas nunca o chamaram. Nunca, nada. Perguntamos explicações por carta. Responderam que o consideravam brasileiro. Ele ficou chocado. Teria desejado fazer seu serviço militar. Eu o declarei, portanto, como brasileiro em Oiapoque. Também declarei Thérèse como brasileira. Ele foi a Belém fazer seu serviço militar. Ele me pediu um pouco de dinheiro. O comandante de Clevelândia lhe deu uma passagem para seu transporte. Dois meses depois ele estava no quartel. Depois do serviço militar, ele entrou na Marinha. Seis meses depois, ele recebeu seu diploma, foi assim que ele trabalhou nas ilhas, numa serraria. Saiu dali, pois não o pagavam bem. Ele entrou na Funai. Depois trabalhou numa companhia de navios. Depois ele entrou na Petrobrás. Ele queria ir para o estrangeiro. Foi mandado para a Bolívia, passava muito tempo longe. Ele se casou. Eles vivem em Belém. Ele trabalha num navio que faz a linha Belém – Manaus.

Thérèse foi para a escola da aldeia, aqui mesmo. Depois foi para Clevelândia numa família para poder continuar a frequentar a escola e estudar e Lucila também. Elas estavam na casa de famílias de militares. Havia um colégio lá. Quando o padre criou um colégio em Oiapoque elas terminaram seus estudos na cidade. Lucila estudou pedagogia em Belém. Ela trabalhava de dia numa loja e estudava a noite. Depois Gilberta e Grégoire também foram estudar em Belém. Eles moravam na casa de seu irmão, o sargento. Grégoire estudou na escola militar de Clevelândia. Ele aprendeu a arte da construção. Em 1990 ele começou o curso Pedagógico oferecido, na época, pelo CIMI em Oiapoque.

Thérèse tinha ido a São Paulo com a família do sargento Pinto. Eles agora estão em Belém, ele se aposentou. Thérèse criou seus quatro filhos. Ela voltou, pois, sua mãe estava doente. Quando Thérèse vai para Belém, ela fica alojada na casa de seus antigos protetores, parentes adotivos, patrões. Ela permaneceu cinco meses na casa deles por ocasião de sua última operação. Thérèse viveu mais tempo na casa de seus parentes adotivos que em casa. Ela seguiu um curso de enfermeira. Lucila, ela, voltou; ela entrou aqui na Funai, como professora.

Gilberta também voltou para cá. Propõem para ela ensinar em Oiapoque, como professora de escola primária. Depois ela ensina durante dois anos em Taparabu, depois em Manga e Santa Isabel. Agora ela está no fórum e trabalha com o juiz, no secretariado. Ela se torna depois funcionária da Funai.

Alexandra estudou aqui na aldeia, em Clevelândia, em Brasília para onde seguiu a família do coronel Artur Borges. Ela seguiu cursos na universidade. Antes, permaneceu em Goiânia com a mesma família. Depois eles moraram em São Paulo. Ela estudou contabilidade e depois voltou para cá. Passou num concurso e agora trabalha no fórum como “oficial de justiça”.

Pedro Brasil estudou aqui. O ensino aqui não era diferente. Era o ensino dos brancos. Pedi uma bolsa de estudo para ele e ele conseguiu uma. O levei para Belém, onde ele vivia na casa do irmão. “O que é que você quer fazer?”, lhe perguntei. Ele queria se especializar em eletrônica. Pedi informações a meus amigos oficiais de Clevelândia. Ele fez seu serviço militar em Belém. Não por muito tempo. Ele decidiu ir se especializar em São Paulo. Prestou um concurso e foi primeiro. Era em Guaratinguetá. Ele seguiu uma formação durante três ou quatro anos para se tornar especialista em aeronáutica. Ele já está na aeronáutica. Ele saiu como sargento de terceira classe.

Depois que ele voltou para Belém, em seguida se tornou sargento de segunda classe e agora de primeira classe. Vai se tornar sub-tenente, especialista de rádio e radar. É um bom profissional. Agora ele está em Brasília. Ele acompanha as viagens do Presidente da República. Ele viaja o tempo todo. Fez muitos cursos no Rio e em São Paulo. Casou com uma paraense, como meu filho mais velho. Tem três filhos.

É por isso que estou muito feliz de ter vindo para o Brasil. Meus filhos tiveram a sorte de poder estudar e eu estou tranquilo aqui. Estamos com boa saúde. A doença de minha mulher, mesmo na América que é o país mais adiantado, as pessoas morrem dessa doença. Na Guiana não havia futuro para nós, os índios, tampouco para os outros, aliás. Eles têm dinheiro e aquilo lhes serve para que?

Aqui tenho terras, minha roça, não teria aquilo lá. Por vezes, me culpavam por ter vindo para cá, mas penso que fiz a coisa certa. O que meus filhos e netos teriam feito lá. Poderia me dizer, Senhora? Houve parentes nossos que saíram daqui e voltaram a Mana apenas por causa da bebida. Aqui nunca permiti as bebedeiras. Bebo cachiri, um vermute, uma cerveja, um vinho, mas com moderação e não sempre. Aqui nunca permiti o consumo de aguardente (taffia).”

Lod demonstra um vivo interesse pela ciência. Ele me diz que entende tudo, bem depressa e que não é necessário repetir-lhe as coisas. Ele lê várias revistas científicas como Globo Ciência e outras e sempre comenta suas leituras, as recomenda para os outros e se espanta diante das invenções médicas, genéticas e, sobretudo, da informática. Mas voltará sempre a uma profunda convicção pessoal: a ciência não pode explicar tudo. Ele teme não ser entendido por sábios incrédulos e não tem nenhuma paciência com as pessoas que não compartilham suas ideias.

Levanta-se antes do amanhecer, reza no seu quarto, onde há um pequeno altar. Às 6h, ele escuta as notícias da Guiana. Ele tem, assim, muitas vezes notícias de parentes que faleceram ou outras notícias interessantes, como o lançamento de um foguete em Kourou, muitas vezes visível na sua aldeia, São José.

Grégoire me diz que seu pai tem resposta para tudo, interrompe rapidamente uma conversa e desafia o interlocutor. Um dia, alguém no Oiapoque lhe disse que ele não era brasileiro e ele respondeu: “E você, você vem da Arábia Saudita.” O homem ficou surpreso e lhe deu um aperto de mão, dizendo: “Você adivinhou, porque sou descendente de turcos.” Grégoire disse que seu pai logo reconhece a etnia e a nacionalidade das pessoas, os puros e os misturados.

Ao meio-dia almoçamos massas e frango, “cardápio internacional”, explica Gerard Lod. Eu enumero todos os restaurantes que existem em São Paulo com suas receitas mais típicas, tudo isso lhe interessa.

Momentos de convivência

Chegada em Galibi de manhã. Marie Egyptienne, irmã de Gérard Lod está no porto com os filhos de Santa, nos esperando. Descarregamos. Gérard Lod e Guy vem ajudar. Tudo como sempre. Um tapete cor de rosa embaixo do jambuzeiro, bonito. Me instalo na enfermaria. Há um professor de Vigia, Paulo, ele dá aula para os seis alunos da aldeia. Almoço com Lod, lentilha, veado caçado por ele e peixe moqueado. Descanso. De tarde vou visitar Guy e Margueritte, irmã caçula de Caroline e Mathilda. Felizmente me dão um mapa da Guiana Francesa e me emprestam um livro sobre os Galibi. Quando Margueritte nasceu, as suas irmãs já tinham ido embora de Maná. O Guy me disse que eles não sabiam da história da Família Lod, é algo inédito. Com o mapa, consegui me situar melhor.

De noite jantamos sopa na cozinha. Depois leitura na sala da casa nova. Gérard Lod em seguida comenta a sua leitura sobre Darcy Ribeiro e sobre doenças provocadas na Amazônia por causa do desmatamento. Tudo isso provocado pelas leituras da Revista Ciência Globo. Segundo ele as árvores são seres vivos e ele cita uma especialmente viva, o *fromager*. Tudo o que ele lê nas revistas, ele reinterpreta à luz de seus conhecimentos tradicionais.

27/05/1995



Acordamos cedo. Lod e Lucila vão para Oiapoque, fico escrevendo, depois vem a Mathilda visitar a Caroline com as três crianças da Santa.

Ontem, sábado, todo o pessoal foi para Trois Paletuviers jogar futebol. Os de Ariramba também foram.

Faço uma visita à Santa e dou alguns presentes para eles. Ela faz colares de côco maravilhosos e me dá um de presente. Depois fui ver a família do Julien. Julien não considera os do Curipi como sendo índios porque não falam uma língua indígena. Ele disse que se ele viajar, se afastar, sempre falará a sua língua. Enfim, consideram-se, com os Palikur, os únicos índios verdadeiros na região. Ele é contra o ensino do patoá, que “*não serve para nada*”. Ensinam, segundo ele, o Galibi às crianças, em casa, o que lhes parece suficiente para manterem a língua.

Quando chegaram aqui já falavam o patoá. Em toda a Guiana falam o patoá francês e no Suriname o Taki Taki, que é o patoá holandês, e que ele entende também.

Quando vieram de Maná o seu pai que era do Suriname, conduzia uma canoa e a outra era conduzida pelo seu tio. E a terceira pelo Lieutenant. Eram barcos de 12 metros. Ele disse que são índios da Costa Marítima, pescavam no mar e mesmo em alto mar e caçavam. Em julho tem muita tartaruga nos rios de Maná. Diz que Galibi tem desde Kourou até no Suriname. Os Galibi entendem os Apalai mas não os Wayana. Quando pergunto do destino dos barcos ele me disse que foram vendidos naquela época para pessoas de Caiena. Ninguém fotografou porque naquela época não havia "civilização" naqueles lugares. Em Saint Georges não havia nada, apenas algumas casas de crioulos e um *gendarme* e um *douanier* que falavam francês. Oiapoque também, não havia nada, apenas uma dezena de casas. Julien me disse que naquela época não existia Trois Paletuviers, a uns quinze minutos de voadeira daqui, rio abaixo, na margem francesa do Oiapoque. Mas havia alguns Palikur que viviam em Ouanari. São eles que foram depois para Trois Paletuviers. Em Ouanari há uma comunidade crioula.

28/05/1995

Os vínculos entre Lod e os militares

“Depois de nossa instalação, aqui no Oiapoque, os oficiais de Clevelândia vinham, aos sábados, comprar produtos de nossa roça. Plantávamos muitos abacaxis e maracujás doces. Modestine também vinha comprá-los. Íamos vender nossa produção em Saint Georges. Numa ocasião vendi 25 unidades de uma só vez. Mandávamos até produtos para Caiena. Os oficiais nos visitavam nos anos 1962-64.

Alexandrine foi embora com a família do Tenente-Coronel Borges. Ele morreu em Brasília. Antônio Souza Pinto e sua família adotaram Thérèse. Era um Sargento de São Paulo. Sua mulher era paraense. Gilberte, quanto a ela, estava na casa de um Sargento em Clevelândia e estudava em Oiapoque. Ela estudou também em Belém, na casa de seu irmão, na escola militar da aeronáutica. (cf. informações 1996). Muitos oficiais de Clevelândia vinham nos visitar aqui: eles eram numerosos, pois mudavam bastante. O General Comandante de Belém responsável por Clevelândia vinha nos visitar. Eu falava de meu terreno com eles, eles me sossegavam e diziam: “É seu”. Eu o ganhei eu mesmo falando com eles. O Ministro da Guerra, Odilo Denis, veio aqui nos visitar, devia ser em 1960. Eu recebi deles, de um General, um belo fuzil com uma placa em meu nome. Era algo difícil na época. Certo dia, um Caporal e um Sargento atracaram aqui no meu porto e um deles me disse: “Eis a sua encomenda, veja o que é”. Era um presente do Comandante. Pergunto para eles quanto lhes devia. “É um presente” me dizem, “foi o General que lhe mandou”. “Bom obrigado”. Mais tarde eu fui para Clevelândia agradecê-lo. Antigamente os policiais de Saint Georges também eram meus amigos e também o médico. Agora não vou mais lá.

Conheci também muitos Brigadeiros da FAB que vinham aqui, como o Brigadeiro Camarão, Felipe Camarão. Fizemos, certa vez, Belém Oiapoque em duas horas, diretamente. Ele próprio pilotava o avião. Ele tinha dito para mim: “Amanhã o senhor irá comigo”. Foi em 1968. Ele ainda era Brigadeiro na época, em Belém. Ele gostava muito dos índios porque ele próprio descendia de índios Bororo e até hoje ainda tem parentes lá. Ele tem lá duas irmãs religiosas, que são mulheres Bororo, suas parentes.”

O ritual de iniciação da moça, por ocasião da primeira menstruação¹¹

“Ela permanece em reclusão, isolada em sua rede que suspendem no alto da casa. Ela não pode falar, nem dizer uma palavra. Ela precisa permanecer estendida, rígida e reta para evitar que suas costas encurvem quando envelhecer. Sem beber, nem comer, ela não pode pedir nada. Não é a mãe que cuida dela, mas outra pessoa adulta, uma parente próxima, porém, não consanguínea que lava sua roupa suja e que lhe traz apenas um pouco de água e um mingau branco. Depois a moça precisa permanecer sentada em sua rede e fiar algodão o dia todo. Para fazer as necessidades a pessoa que cuida dela a leva e lhe cobre a cabeça com um pano. Ela deve andar bem reta e não olhar em torno. Ela anda com um bastão de junco na mão. Depois sua mãe vai juntar muito algodão, retirando as sementes e empilhando os grossos flocos de fibra. A aldeia toda é convidada para assistir ao rito do algodão queimado. Acontece por volta de duas horas da manhã. Todas as mulheres lhe entregam algodão em chamas que ela passa rapidamente de uma mão para outra, obrigada a enfrentar essa provação sem se queixar. As mulheres, cada uma por sua vez, lhe dão conselhos, recomendando, sobretudo, que se mostre hábil e trabalhadora e sem preguiça nas suas tarefas. Esses conselhos são recitados em público, diante de todo mundo. Depois, por volta de seis horas da manhã, lhe dão cachiri para que ela vomite e limpe suas entranhas. Oferecem também para ela bebidas compradas no comércio e frutas. Ela experimenta só um pouquinho e joga o resto. Por muito tempo ela não poderá comer bananas e, antes de comer alguma, precisará pedir autorização à pessoa que cuidou dela.

Depois segue a provação das picadas de formigas tocandeiras, porém, todos os jovens se submeterão a essa prova juntamente com ela. Começam pelas mãos e pelos braços. Às vezes colocam duas jovens numa rede e despejam literalmente formigas em cima delas. Não podem se queixar. Algumas se mostram corajosas, outras menos. É para lhe dar energia e eliminar sua preguiça.

Depois sua mãe vai vesti-la e lhe por roupa limpa. Ela ainda não pode ir até o rio tomar banho. Quando for para a margem do rio, ela passará urucu sobre seu corpo. Outrora, pintava-se um pouco o rosto, somente alguns traços sobre as bochechas, acima dos olhos e na testa. Faziam uso de uma resina muito cheirosa, o aracuseri, que era misturada com carajuru, em português pariri. É preciso tomar cuidado, pois era um veneno de cor rosa lilás. Após todas essas provas, ela estará pronta para o casamento.

Não é ela que decide ou escolhe seu marido, mas seus pais. Caso a moça não goste do homem que lhe destinam, ela pode recusá-lo.”

11 Ver (MORAES, 2018).

O casamento

“Se tenho um filho e quero que ele se case, meu filho dirá: “gosto daquela moça e quero me casar com ela”. Os pais se informam para saber quem são os pais dela e se eles são pessoas apropriadas, bons pais. Os pais se colocam de acordo entre eles. Chegando o dia, será o pai e não o filho que fará o pedido de casamento. Por volta das duas horas da manhã eles partem. O pai do pretendente preparou dois grandes cigarros de tabaco enrolados com o tauari (*ulemari* em Galibi) e que leva com ele. Ao chegar, ele chama o pai da moça. Apresentam-se. São convidados a entrar e a sentar. Ele explica por que veio. Se a resposta é afirmativa, então acendem os cigarros. Um deles é oferecido ao pai da moça e o outro à mãe. É um rito sagrado, tão sagrado quanto um casamento na igreja. Se os pais da moça aceitam fumar os cigarros é porque eles aceitam formalmente o casamento.

Mesmo se um homem se divorcia ou, sendo viúvo, casa de novo, quando ele morre sua verdadeira mulher é aquela cujos pais aceitaram os cigarros ou aquela que foi aceita através do rito do cigarro.

Em seguida, a mãe diz à filha: “agora você vai levar alguma coisa ao seu noivo”, pode ser uma cuia de mingau de bananas ou outra coisa. O rapaz, da sua parte, vai trazer carne de caça para sua sogra. Mais tarde a mãe dirá à moça: “vai buscar a rede do seu noivo e traz para nossa casa”. É assim que o rapaz vai viver na casa dos sogros e, mais tarde, fará seu *kahbe*. Ele também pode ficar junto do seu pai. O sogro vai chamá-lo de *Pariumã*, o pai dos meus netos.

A nora não falará mais com seu sogro, por respeito. Mas ela pode conversar com os cunhados. Então o sogro quer saber se o genro é trabalhador e habilidoso para fabricar os instrumentos de trabalho, se ele sabe construir uma canoa, fazer um tipiti e uma peneira. Se ele sabe preparar uma roça. Se ele não satisfizer os sogros, ele pode ser dispensado. Naquele tempo, quem não sabia fazer essas coisas era considerado como um doente, como seria hoje alguém que não sabe ler.

Para a moça, é a mesma prova. Sua sogra lhe dá tarefas pesadas. Fiar algodão, ralar mandioca e preparar o caxiri. Ela não pode ser preguiçosa. Bem cedo ela vai ao banho e depois prepara tudo. Desde cedo está limpa e bem-vestida. É como entre os civilizados, há mulheres que são assim, sempre bem arrumadas.

A educação dos meninos era tarefa do pai e, das meninas, era tarefa da mãe. As famílias são discretas e cada um permanece na sua casa. Mesmo quando criança, eu não saía de casa. Cumprimentávamos os avós de forma polida, levávamos mensagens, mas não os incomodávamos. Sempre eduquei meus filhos dessa forma.”



Mais tarde, Gerard Lod explica melhor:

“Se um homem se casa novamente aqui na terra, apenas sua primeira esposa é reconhecida como legítima no céu. Mesmo sem o casamento civil ou religioso, a relação entre o casal, consagrada pelo costume e pela concordância dos velhos e da família, é sagrada perante a Deus.

Por exemplo, o meu avô escolheu a minha noiva. Não se escolhia pela aparência, mas pelas qualidades das pessoas.

Apreciava-se o trabalho, o conhecimento, a inteligência, a habilidade. O mais importante para os homens era fazer a roça, caçar, pescar e trançar cestos.

“Quem não faz tipiti não é índio”. Não se aceitava um genro preguiçoso.

Para as mulheres, o mais importante era a tecelagem do algodão, a cerâmica. O algodão é a primeira planta para fazer a rede.”

Lod me diz que ainda possui quatro redes em sua casa. Suas filhas não tecem mais o algodão. Sua esposa Caroline faleceu. Marie Egyptienne, sua irmã, tem reumatismos nos dedos. Margareth, hoje, faz colares para vender aos turistas que, às vezes, visitam a aldeia.

O nascimento das crianças

“O recém-nascido é banhado logo após o nascimento para limpá-lo bem. Nos hospitais, frequentemente, eles não são bem limpos, apenas passam um pano neles. Isso não é higiene. Alguns dias após o nascimento a mãe passa urucu sobre o corpo do filho para tirar a sujeira e limpar bem a pele.

A mulher que deu à luz fica quatro meses sem ir ao rio com o filho. O homem obedece a restrições por oito dias. Ele não vai nem caçar, nem pescar, ele não pode beber cachiri. Aquilo poderia matar seu filho.

A criança é concebida pelo sêmen do pai, e o que faz crescer o feto é a providência divina. A mulher grávida deve observar certos cuidados: não comer animais de tamanho grande para que a criança não engorde demais, o que dificultaria o parto. A mulher dá à luz em casa, ajudada por mulheres experimentadas. O pai pode assistir e ajudar. Cortam o cordão umbilical, deixando um bom pedaço com uma faca de bambu bem afiada. A placenta é enterrada na casa, onde fazem um buraco.

A criança recebe imediatamente o seio. Um dia depois do nascimento, a mãe reduz em mingau um pedacinho de banana sem semente ou filamento. A criança chupará um pouco no dedo de sua mãe e dormirá em seguida, não começará a comer outras coisas antes de completar seis meses.

A criança recebe um nome ao nascer. Os pais ou os avôs escolhem o nome. Não somos como os brancos. Utilizamos os termos de parentesco para falar com outras pessoas. Dizer, por exemplo, senhor, não é bom, não significa nada.

Entre Galibis, eu cumprimentaria uma pessoa mais nova como filho ou neto. Um homem da mesma idade será designado como primo ou prima, *mãé*. *Opi* ou *wuopú* são utilizados para tia e *wawa* para irmã mais velha. Os Civilizados não diferenciam os irmãos e irmãs mais velhos dos mais novos.”

O funeral e os mortos

“Quando uma pessoa morre aqui, todos os parentes que moram longe serão avisados, em Caiena, Kourou, Mana. Hoje avisam pelo telefone. Se os parentes dizem que virão, conserva-se o cadáver por vários dias para esperá-los. Quando todo mundo está reunido, ele é enterrado. À noite canta-se e dança-se ritualmente. Não são danças de festa. As mulheres cantam belos cânticos comoventes que induzem a repensar todo o passado. O que elas dizem é maravilhoso. Era como uma Bíblia. Conhecemos tudo aquilo desde a infância. Eu nunca desejei um padre, pois, nós, os índios, conhecemos aquilo desde sempre. Elas cantavam a noite toda e durante o dia também. Elas evocavam os lugares pelos quais o morto passaria, quando ele chegaria ao destino, como seria recebido por seus parentes, o caminho que seguiria. É muito bonito e instrutivo. Não se come e não se bebe álcool durante aquele rito. Os homens acompanham as mulheres e as pessoas dançam em torno do cadáver.

Colocava-se o morto num caixão, às vezes com sua rede, e a cabeça sempre direcionada para o sol nascente.

A criança no seio de sua mãe, já tem sua casa lá em cima e seus documentos. Ele tem tudo, espalhado na mesa. Quando alguém está prestes a morrer, já se sabe lá em cima, pois, os documentos sobre a mesa começam a rachar, a ficar rasgados e assim seus parentes lá em cima sabem que ele vai chegar. O documento é um papel, como o certificado de nascimento, quando a pessoa morre ele se rasga, é o seu atestado de falecimento. Os civilizados não sabem disso, não vi aquilo na Bíblia¹².”

12 Segundo Lod, não há mais ninguém para explicar as coisas corretamente, apenas o seu avô sabia.

Dos sonhos

“Os xamãs sonham para desempenhar suas funções curativas. Quando um doente chega em sua casa, ele não canta, é preciso sonhar primeiro e evocar os seus espíritos para realizar o diagnóstico. Depois ele canta com seu *maráka*. Seus espíritos chegam e o ajudam. Se a doença é grave, eles dizem: “façamos rápido, não o deixemos morrer”. O xamã precisa afastar o diabo e retirar o espírito do doente das mãos do invisível.

Uma vez curado, o doente retribuirá a cura. Não com dinheiro. Ele fará um cachiri. Ele irá ver o xamã e dirá: “veja, fiz um cachiri” e todos beberão, mas o xamã guardará uma parte, dois litros, mais ou menos, separados de propósito para os espíritos. O xamã ainda cantará e os espíritos chamados ficarão contentes com essa recompensa. É assim que eu vi meu pai e meu avô fazerem.”

O cigarro Tawari

“Ele pode medir 20 centímetros. Os xamãs o usam para cantar. É uma exigência dos espíritos. Quando eu era pequeno e meu pai me levava para visitar parentes que moravam longe, eles nos faziam entrar, sentar em bancos, e a primeira coisa que nos ofereciam era um cigarro de *tawari*. Isso deve ser um sinal de fraternidade. Depois a mulher oferecia *cachiri* ou um *xibé*, *tsamuru* em Galibi, de cassava, *aripá*.”

Xamanismo e religião

“Quando os missionários começaram a nos batizar, havia um que veio de Guadalupe, ele queria confiscar todos os *maráka* dos índios. Ele dizia que invocavam o diabo. Um dia, ele foi ver o meu pai, que era um grande xamã, e lhe perguntou: “Onde está o seu *maráka*?”. Ele respondeu: “Está na minha tocaia, você pode ir e pegá-lo, não pretendo usá-lo hoje”. Mas o missionário não se atreveu a confiscá-lo. Depois, ele começou fazer um sermão ao meu pai. O meu pai o deixou falar tudo o que tinha a dizer e depois, por sua vez, lhe disse: “Me escute, vou lhe mostrar que eu sei tanto quanto você. Você reza na igreja e eu rezo na minha tocaia com o meu *maráka*”. Quando meu pai acabou de falar, o missionário, como uma criança, ficou atônito, de boca aberta, e percebeu que meu pai sabia tudo. Desde aquele dia ele não tocou mais nos *maráka*.

Meu pai era um bom católico. É por isso que eu sempre digo que os missionários não nos ensinaram nada que nós não já soubéssemos.¹³”



“O Potá¹⁴ são os índios do mato que fazem isso, os Palikur, os Marworno e os do Curupi. Eles sopram sobre as pessoas, mas isso não cura. Às vezes até podem curar, mas é raro.”



13 Existe um sincretismo muito bem articulado entre o catolicismo, algo que é visto como fazendo parte de sua tradição, e a cosmologia indígena, especialmente o xamanismo. É a razão pela qual eles desprezavam os padres missionários dos séculos XIX, XX e o CIMI, que não entendiam que tudo o que eles queriam ensinar aos Galibi, estes já o sabiam e muito mais. Sendo assim, consideraram que não precisavam de seus ensinamentos. A religião católica foi introduzida entre eles pelos missionários jesuítas no século XVIII. Quando estes são expulsos, os Galibi continuam a se reunir, a discutir e transmitir esse legado dos jesuítas às novas gerações. Por isso, os missionários mais recentes, nos séculos XIX e XX, encontram uma sociedade indígena onde o catolicismo é uma tradição bem estabelecida. Consequentemente, são católicos bastante ortodoxos (ver: Collomb e Tiouka, 2000).

14 É quando o curandeiro ou o xamã sopram sobre o doente ou sobre uma parte de seu corpo, acompanhado de uma reza e de um ramalhete de ervas medicinais.

“A sombra em Galibi chama-se Akali como o espírito e a alma.

O xamã pode invocar o espírito de seu mestre, aquele que o iniciou, para ajudá-lo. Ele pode também invocar o espírito de seu pai ou avô. Os xamãs podem invocar os espíritos dos mortos.

O xamã não herda os espíritos de seu pai ou avô. A força do xamã é uma conquista pessoal.

E você, madame, você vai voltar a São Paulo como uma xamã.”



“Há uma planta cujo incenso gostamos muito, *alakuseli*. Ela possui uma resina com bom cheiro que, nós, os Galibi, passamos na testa. Aqui não tem.

Urucum chama-se *kusewe*. É apenas importante para a pintura. Uma mulher que deu à luz usa ele quando vai ao rio ou à roça, para tirar o seu cheiro, que poderia atrair os espíritos. As mulheres passam urucum nas pernas dos jovens iniciados quando saem de seu retiro. O urucum é o serviço das mulheres, o xamã não o usa. Passa-se nos recém-nascidos para limpar sua pele, tirar a sujeira. As crianças de uma mulher grávida não vão ao rio, para poder ir, passam-lhes urucum. Mas não colocavam em objetos, para quê? Para sujá-los? Também usa seu jenipapo para as pinturas.

Aramari é o nome de uma serpente. Aqueles que sabem fazer os desenhos dessa serpente sabem fazer tudo, como alguém que passou pela universidade; não é preciso lhe dizer mais nada.”



“A tocaia era de palha, bem fechada, de 2 a 3 metros de largura; é o lugar onde o xamã recebe os espíritos e dialoga com eles. O *maráka* fica lá permanentemente. Outros podem entrar lá, como os xamãs, jovens iniciados, mesmo mulheres podem entrar, a não ser que estejam indispostas.

O xamã possui dois espíritos protetores, o espírito que vem do alto e o espírito que está na terra.

Tuka-yána é o espírito do alto e, ao primeiro chamado do *maráka*, ele já está aqui. Ele chega como um vagalume, sob a forma de uma luz, como a ponta de um cigarro, e pousa no joelho, na coxa do xamã.

Pompono é o espírito que está na terra, ele chega depois de *Tuka-yána*. Ele também ajuda. Os dois podem parar e afastar o mal. São bons espíritos, mas esses dois são apenas do xamã. Todo mundo, entretanto, possui um espírito protetor, anjo da guarda, *Akali*.

Os animais, os peixes e plantas não possuem espírito, são os Mestres dos peixes, da caça e das plantas que possuem um espírito, não os animais.

Quando o xamã precisa realizar um trabalho difícil, ele precisa primeiro sonhar. No sonho o espírito vai informá-lo de que se trata e, quem sabe, a causa do mal. Estes espíritos são *Tuka-yána* e *Pompono*.

Se o caso é grave, se há urgência, os espíritos chegam logo na tocaia. Se não, o xamã começará a cantar e eles chegarão mais devagar.

São eles que vão parar e rechaçar os maus espíritos, como policiais. Eles enfraquecem os maus espíritos. Uma vez sob controle, esses maus espíritos podem entrar na tocaia e pode-se começar a dialogar, a negociar. É um pouco como um delegado que manda o réu sentar-se na sua frente fazendo-lhe confessar os seus malfeitos. Os bons espíritos podem pedir para os maus espíritos se retirarem do corpo de um doente. Às vezes os ouvíamos dialogar a três lá dentro e escutávamos o que diziam. Nesse sentido, as sessões eram públicas.

As árvores carregadas de Espíritos são o *arari*, o *takini*, o *parika*, o *apuculiwa*, o *Fromager*, chamado em Galibi *kumaka* e em português samaumeira. Há outras que não conheço. Não comemos suas frutas. Mas o Mestre xamã retirava a seiva do *takini*. É uma seiva adocicada e possui a cor de um xarope de caramelizado. Ele dava um pouco aos iniciados para permitir que entrassem em contato com os espíritos. Também, às vezes, dá-se um pouco aos enfermos, isso faz sair a doença de seus corpos.”

A Bíblia, o ensino religioso e o que o meu avô ensinou ao missionário que o havia insultado

“Na Bíblia, o oculto está presente sob a forma de parábola. Por que os padres nos escondiam a Bíblia? A palavra? As parábolas?

Apresentavam-nos o catecismo, as interpretações deles, mas eles não entendiam tudo o que estava escrito na Bíblia.

Essa é a razão pela qual tantas outras religiões americanas vieram preencher o vazio deixado pelos padres católicos. Foi apenas em 1935 que eles começaram a nos batizar. Antes, para permanecer católicos, precisávamos ir nos batizar do outro lado da fronteira, na Guiana Holandesa.

Eles nos escondiam a Bíblia e apenas os padres tinham o direito de lê-la. O catecismo não é suficiente, aprendem-se as coisas apenas pela metade.

No domingo, antigamente, os antigos ensinavam a religião aos Galibi. Sentavam-se em círculo, os velhos ensinavam, nós discutíamos e interpretávamos. Os antigos nos mostravam o que havia se passado, o que se passará e como precisávamos nos comportar. Davam-se muitos exemplos.

Mesmo que analfabetos e mesmo de tanga, os meus avós já sabiam muita coisa. Às três da madrugada já os ouvíamos falando, davam uma aula, faziam sermões e explicavam com exemplos. Não faça isso, não faça aquilo, a mãe e o pai falavam e os jovens apenas escutavam. Até hoje, tudo o que eles falavam deu certo, nada deu errado.

Porque o xamã, em primeiro lugar, invoca a Deus e depois faz o seu trabalho. Ele sabia mais do que os padres.¹⁵

No domingo seguinte, na Igreja, o padre falou na sua homilia tudo o que ele aprendeu com o índio, e todos os presentes, toda a congregação, logo pensaram: 'Isto são coisas que o velho contou para ele.' Eles se olhavam uns aos outros e os índios e os velhos negros comentavam: 'Ah! isso é o velho que contou para ele.'

A Bíblia falava em parábolas. A serpente era o diabo, isso os Galibi e os Pretos já sabiam. A maçã não é o caso. Deus está enganando Adão e Eva porque a serpente disse a eles: 'comam e vocês serão sábios como Deus' e assim comeram. Mas não foi assim, foi a queda. Então, Deus os enganou porque ele sabe tudo, e ele também fez a serpente que mente. O fato é que sem relações sexuais o homem não pode se reproduzir e procriar, então ele tinha mesmo que fazer isso. Parece que Deus não podia pedir a Adão ter relações sexuais, então ele mandou a serpente fazê-lo.

Ele fez isso para experimentá-los? Mas se tivessem obedecido a Deus não haveria os humanos, obedecem à serpente, mas é Deus quem manda na serpente.

Os índios antigos já conheciam o dilúvio - é como Noé e seu barco, arca. Agora, a corda do barco não era corda, mas o cipó Timbó, porque se fosse corda os tubarões já teriam comido, enquanto que com o timbó, eles não podem.

Até agora não entendo por que nos chamavam de selvagens quando já sabíamos tudo o que eles vinham nos ensinar e ainda muito mais. Eles não alcançaram a nossa inteligência e nos desrespeitaram. Há pessoas que pensam que são alguma coisa e na verdade você vai ver e não são nada.!!

¹⁵ No episódio do confronto entre o padre e o pai de Lod, com relação ao confisco dos maracás, houve uma discussão entre os dois, quando o pai de Lod revelou ao padre tudo o que ele sabia (ver nota 23).

História de Epakanon

Epakanon é uma narrativa sobre o conhecimento e as experiências xamânicas. É um evento que realmente aconteceu em um momento histórico perturbado pelo contato com os europeus, quando os xamãs kali'na tentam ressuscitar os mortos, os antigos. Percebe-se que há nas várias versões desse evento, mas especialmente nesta versão contada pelo Sr. Geraldo Lod, o encontro de uma espiritualidade xamânica e a religião cristã.¹⁶

“Epakanon, essa palavra significa aparecer, um milagre. Foi em Maná que aconteceu, num lugar chamado *Ulemali unti* em Galibi, pois, havia ali uma árvore de *tawari*. Era época de verão. Havia um *payê*, um xamã que derrubava o mato para fazer sua roça. Bem perto de onde ele trabalhava, havia pequenas aves *txicuã*, *pitxa* em Galibi, de cor marrom, gritavam: *pitxa, pitxa*. O xamã lhes disse: “Falem claramente, pois não entendo nada. Quero saber o que vocês anunciam, sejam notícias boas ou ruins, mas assim não entendo nada. Um pouco cansado, o índio senta, para um pouco, e olha em frente, quando vê chegar um homem muito bonito. Ele lhe diz bom dia. O homem lhe pergunta: “O que o senhor está fazendo?”. “Preparo minha roça”. O homem diz: “Quem falava com os *txicuã* era eu”, acrescentando: “Venho anunciar uma boa notícia, sou o mensageiro de Deus”, nosso criador *Kekanamon*, o criador, aquele que faz tudo. “Largue sua roça, pois uma boa coisa lhe acontecerá.” O homem segurava na mão uma cabaça pequeninha, uma pequena cuia, *kuwai*, em Galibi. Eles se sentaram e conversaram. O homem ia lhe contar tudo que iria acontecer. “Experimente um pouco de meu caxiri”, disse ele. O índio estranhou: “Porque oferecer tão pouco quando estou com tanta sede?”. O homem parece entender o que ele pensa. O índio começa a beber, mas o caxiri não se esgota até seu estômago estar cheio. Era um caxiri feito com banana, bem doce. Em seguida o homem lhe diz: “O senhor pode abandonar o trabalho e voltar para casa”. Chegando ali, sua mulher, como de costume, tinha preparado comida para ele, mas o índio lhe diz: “Não vale a pena, não sinto nem fome, nem sede”. A mulher não falou nada, mas se perguntou o que tinha acontecido a seu marido. O índio foi tomar banho e, depois, pegou seu *tawari*, enrolou tabaco e fumou cigarros. Um pouco mais tarde, ele colocou sua tocaia em ordem. À tarde, ele falou para a mulher: “Vai avisar o pessoal da aldeia, todos precisam ficar calmos, sem fazer nenhuma bagunça e os

cães precisam permanecer amarrados”. Depois ele lhe disse: “Você vai ficar aqui e ouvir o que vai acontecer”. Por volta de seis horas da tarde, o índio entrou em sua tocaia. Ele sacudiu o maracá, mas, já ao primeiro barulho, seus espíritos manifestaram presença. Eles anunciam: “Aquele que você encontrou em sua roça está chegando”. A mulher ouve o que os espíritos dizem e os índios se aproximam, reúnem-se lá fora para ouvir o que se diz. Chega o homem que o índio tinha encontrado na roça, mas os outros não o enxergam. Ele entra na tocaia e explicou tudo para o xamã e, lá fora, os outros ouviam. Isso aconteceu no primeiro dia e ele ainda não apareceu perante os outros índios. Na segunda noite, chegaram de lá de cima dois outros homens, três homens na terceira noite e quatro na quarta noite. Foi então que eles apareceram perante os outros índios. Eles conversavam com as pessoas da aldeia, mas mantendo distância, pois eram puros. Depois, outros desceram ainda. Na terra, os homens não precisavam mais trabalhar, nem caçar, o caxiri preparado nunca se esgotava. Havia sempre o que comer.

Uma escada que alcançava o céu podia ser vista e havia uma bandeira, um tipo de estandarte que ia até o chão, com franjas douradas, e brilhava como o sol ao amanhecer. Esta escada era como um exemplo para mostrar como se sobe lá em cima. Um exemplo para as pessoas que não sabem ler nem escrever, para explicar. Aqui [na terra] era sempre festa, uma festa que nunca terminava. Logo a boa notícia se espalhou por todas as aldeias, de norte a sul. Índios de todas as raças chegavam de lugares distantes. Havia gente de Sinnamary, Kourou, outros eram do Suriname e da Guiana Inglesa, Aruak também. Isso chamava-se Epakanon, a ressurreição dos mortos, dos puros. Epakanon é uma aparição, os mortos voltavam. A avó de meu avô, de Ougabo, viu tudo, ela assistiu a tudo. Essa avó se chamava Kouta Ikewe. Era moça então. Ela nos contou tudo. Aos domingos, segundo ela disse, não havia festa, somente explicações. Entre os homens que desceram havia um homem que usava uma roupa branca e que tinha uma longa barba. Ele explicou o que acontecia no céu, o que acontece àquele que praticou o mal na terra, àquele que praticou o bem, àquele que cometeu incesto. Ele explicava tudo para os índios. Ele falava do fogo eterno, do inferno.

O homem de roupa branca era Jesus, o Bom Deus em pessoa. Ele estava ali no meio dos outros. O índio xamã, aquele que tinha encontrado em sua roça o primeiro dos homens que vieram de

¹⁶ Vide para mais detalhes sobre esse episódio em G. COLLOMB, 2000.

cima, permaneceu na tocaia fazendo um regime, sem comer e sem beber para poder se metamorfosear como fazem as baratas, como se tirasse uma camisa para se transformar em pessoa pura e não morrer mais.

Porém, tudo terminou. Uma mulher daqui da terra tirou uma franja do estandarte para amarrá-la na ponta de seu *sepu*, um ornamento que as mulheres amarram em torno das pernas, entre o joelho e o tornozelo. Quando o Bom Deus percebeu o sacrilégio, ele se zangou, pois o estandarte não era uma coisa daqui, dos humanos, não podia ser tocado pelos humanos impuros. Nisso todos os homens de lá em cima desapareceram e até a escada sumiu. Antes de partir, o homem com a roupa branca lhes disse: "Eu vou castigá-los". Depois desse episódio, os índios reunidos foram embora nas canoas, fugiram, se escondendo durante o dia e viajando à noite. O xamã, na sua tocaia, não chegou a se transformar em alma pura, isso quase aconteceu, mas ele não conseguiu. O Bom Deus enviou o demônio da escuridão. Antigamente o lugar onde esses fatos ocorreram era considerado lugar nefasto. Meu pai me contava que, quando alguém se aproximava dali, ia devagar, falava baixinho. Mas agora tudo está bem. O lugar onde aquilo aconteceu chama-se *Kubari* em crioulo."

História de pessoas-porcos e da criança conduzida ao céu por um invisível (Satanás) e de como Deus transforma os humanos impuros e fedorentos em seres puros, trocando sua pele por "vestimentas" novas

"Havia um pai com o filho na canoa, perto de uma margem. O pai vê uma queixada e desce da canoa para caçá-la. Quando chega em terra vê que é de fato um monte de gente que estava ali, fazendo flechas. Eles falavam, explicavam: "esta é para caçar o porco, esta para o veado". Naquela época apenas usavam-se flechas para caçar e cada uma servia para um tipo de animal. O pai ficou por lá.

Na margem do rio, aparece na canoa o invisível em forma de seu pai e disse ao menino: "vamos lá em cima".

Estavam indo em direção ao sol, por um caminho liso, branco de areia. Havia pegadas de gente que já havia passado por ali. É o trecho que os mortos faziam. Lá em cima havia uma casa bonita, brilhando como ouro. Chegaram lá, entraram os dois, o homem falou: "eu trouxe esse menino". Deus estava de cabeça baixa, mas ele sabia que esse homem era Satanás, porque a hora do menino, para morrer, não havia chegado. Ele perguntou: "porque você trouxe esse menino que está fedendo?". Aí Satanás foi embora. Deus ficou com o menino. Ele lhe disse: "fique dentro desta mala durante oito dias". Depois de quatro dias ele começou a espocar a pele nas costas como uma barata, saiu a pele toda. Essa pele fedorenta joga-se toda fora, jogam para o urubu comer. O menino não falou nada mas ficou pensando: "ele está me comendo". Mas Deus que sabe todos os nossos pensamentos disse: "Você tem pena 'desse' que está fedendo"?

Agora não fedia mais. Deus tirou o menino da mala, deu-lhe roupa nova e disse: "Você agora pode ir ao paraíso visitar os seus parentes".

Ele conheceu o mundo de lá para poder contar tudo quando voltasse para a terra. Os parentes mortos estavam contentes, mas como a sua hora não havia ainda chegado, Deus o mandou de volta a terra, para contar."

História do urubu-rei

“O urubu é o rei dos carniceiros, é o que os brasileiros chamam de urubu-rei.

Em Galibi, *Kurumu*, preto, é o urubu comum, o urubu-rei é *Anuána*, o chefe que vive (no céu) acima. Se uma caça grande ou mesmo um homem morrer no mato, os *Kurumu* avisarão seu chefe *Anuána* e ele virá imediatamente. Se você tiver oportunidade de presenciar a descida desta ave, ouvirá um forte estrondo, como um foguete. Eles descem em dupla, um macho e uma fêmea. A gente ouve um barulho lá em cima, como “um jato”, e a ave desce em alta velocidade. O *Anuána* come o bicho e o homem também.

No tempo dos antigos havia um jovem, o *Anuána* tinha uma grande capa preta, *icheourou*, e este jovem queria tirá-la do *Anuána*. Como não conseguiu, decidiu se fingir de morto. Apanhou muita merda e espalhou pelo corpo e depois se jogou no mato. Os carniceiros chegaram, os *kurumu*, e lhe bicaram. Eles chamaram seu chefe *Anuána*. O jovem havia preparado seu tacape, *putu* em Galibi. Os *kurumu* chegaram querendo ter certeza de que ele estava realmente morto e trazendo o banco do *Anuána* onde ele se senta quando desce. *Anuána* chega com seu entusiasmo de sempre. Mas o morto ou suposto morto o esperava. Quando o pássaro quis rasgá-lo com o bico, deu-lhe um golpe rápido com o tacape. Ele lhe retira a capa preta e a pendura, estendida. Então o jovem vestiu a capa e repentinamente sentiu-se levantado, sob as asas, com muita força e, de repente, elevou-se em direção ao céu. Chegado lá em cima, já não sabia como descer. Como ele era impuro, o Bom Deus o jogou de volta na Terra. Não sei bem em que estado ele chegou, mas enfim foi ele quem contou essa história.

Você se lembra da história do garotinho que Deus vai purificar, retirando sua carcaça jogada aos urubus. É porque, madame, o nosso corpo, que depois será somente podridão, é apenas como uma camisa que tiramos.”

O gigante que veio da Europa e sua migração para o Brasil

“Assim a minha avó dizia: “Antigamente só havia índio”. Até que chegou um casal da Europa. Ficou em Kourou, onde havia muito índio. Toda a costa do oceano estava ocupada. O Europeu matou todos os índios, acabando com uma barriga grande. Quando acabou de matar na costa, os índios fugiram para as Îles du Salut.

Cairiri é um lugar frente a Kourou, onde há uma montanha de pedra. O pajé ficava no meio dos índios; cantava para falar com a mãe do tubarão e as mães de todos os peixes para que não deixem o monstro passar para as ilhas. O gigante fez um jacaré de pedra de doze metros para atravessar o mar, mas não conseguiu porque o tubarão destruiu o jacaré de pedra. Depois ele voltou transformado em cabas, abelhas, em enxames. Aí o peixe carataí começou a pular e comê-las.

Agora, você não podia nem matar, nem cortar esse gigante, porque quando o sangue caía no chão, brotava outro gigante. Precisaria pegá-lo vivo e colocá-lo num panelão para ferver, para o sangue morrer. Sendo assim o gigante voltou para o lugar dele em Kourou. De lá ele houve os índios cantando e dançando durante uma festa, mas ele não podia alcançá-los.

Ficou só e começou a pilar os ossos daqueles que já havia comido. Para isso ele fez um pilão de pedra. Em Kourou tem um lugar que se pode ver ainda a marca onde ele sentou e o pilão de pedra, e há também umas pedras que representam o jacaré. O nome da mulher dele era Uemborori, isto é a barriga que nunca enche. É o apelido que os índios lhe deram. A boca destes gigantes era no peito. Não adiantava atirar na cabeça, não havia nada. Ele tinha um pequeno índio de estimação e uma filhinha pequena, sempre aparecendo pequena. Um dia o casal foi juntar lenha, o indiozinho pegou a pequena e a matou, sufocando-a, sem derramar sangue e enterrou-a na areia. Quando os dois gigantes chegaram não encontraram nem a filha nem o indiozinho de criação. Procuraram por todo lado. O indiozinho havia se escondido dentro de um pau podre, e escutava tudo o que os gigantes diziam e Deus lhe deu o poder

de que o monstro não cheirasse o seu odor para pegá-lo. A mulher disse para o marido: “Eu já lhe disse há muito tempo que deveríamos ter ido embora”, mas ele insistia que não, ele queria acabar com todos os índios. Encontraram a filha morta. Depois este casal de gigantes foi embora para a América do Sul, para o Brasil. Eu já perguntei para todo mundo no Brasil se havia alguma notícia sobre eles, porém, ninguém conseguia me dar notícias.”

A árvore samaumeira e outras plantas

Essa árvore é respeitada por toda a população, os índios, os “créoles” e até mesmo os franceses. Nunca se encontra uma dessas árvores que tenha sido cortada. Quando os legionários construíram a estrada Caiena-Regina, eles precisaram mudar o traçado da estrada, na encruzilhada do ramal levando a Cacau, para não cortar uma samaumeira que, aliás, ainda está lá. Essa árvore tem flores brancas que caem e formam um tapete. Antigamente fabricavam travesseiros com aquelas flores.

Gérard Lod explica:

“Há o mestre dos bosques. Todas as plantas têm um mestre, são seres vivos. Existem plantas simples que não possuem mestres ou que têm mestres não muito fortes. Outras plantas são misteriosas, elas têm mestres fortes, bons ou malvados como os xamãs. Há médicos bons e previdentes que estabelecem diagnósticos acertados e aplicam também o remédio na medida certa. Até de uma pessoa morta eles podiam dizer qual foi o mal que a matou. Os Europeus, infelizmente, não entenderam a sabedoria dos índios e não puderam tirar proveito de seus conhecimentos.

Muitas plantas têm mestres fortes.

Há o mururê (em português), *tawên* (em créole), *takini* (em Galibi): é uma árvore. Outra árvore importante é o *arari*, em português ela se chama pau-mulato. O tronco é verde e liso, ele brilha como se fosse envernizado, bem liso e limpo; é uma árvore viva e que se manifesta em espírito. Caso a corte inocentemente, ela não lhe fará nada, mas se, sabedor de sua força, venha a cortá-la conscientemente, desgraças lhe acontecerão. Certa vez, Julien estava na floresta perto de Mana com um padre. Eles pararam. O padre quis cortar ramos de um Arari para pendurar sua rede. Os índios o avisaram. Ele insistiu e teimou em suspender ali sua rede. À noite ele foi perseguido pelos espíritos e precisou sair correndo.

Há também o invisível mestre do tabaco. Os xamãs invocavam os espíritos com a ajuda do tabaco.

As plantas cultivadas também têm seu mestre. A mandioca tem seu mestre.

Kwamaraka (galibi) é o mestre invisível do veneno, da planta que fornece o veneno. Este espírito teria a aparência de uma ave. Ela voa e o ouve-se de noite: 'kã, kã, kã'. Se ele entra no seu ventre você morre, apenas um bom pajé pode retirá-lo, sem tardar. É o pajé que diagnostica isso.

Há também uma avezinha, um tipo de pomba, *otolan* em Galibi, rolinha em português, e uma planta *tougourvé* em Galibi, mas também chamada *otolan*, que possuem poderes mágicos relacionados à distância. Quando, por exemplo, um xamã se encontra sozinho na aldeia, pois, seus filhos estão longe, caso sinta saudades, ele pega uma planta como o *tougourvé*, prepara uma decocção e toma banho com sua água. Seu poder faz com que essa planta ou seu espírito viaje até os filhos, que se sentem tocados e voltam imediatamente.”



Medicamentos

O Grégoire está com malária. Fez lâmina em Oiapoque cujo resultado foi dado pelo rádio. Mas antes de saber os resultados, Gérard Lod já foi buscar ervas medicinais para lhe aplicar banhos e preparar chás. Ele foi pegar galhos de quinina para fazer chá. A chicória que usam para cozinhar usam também contra o paludismo, ele a chama "*l'herbe de fièvre*". Há ainda duas espécies de folhas, uma chamada *maricrab*, em *créole*, e a outra *bon celeste*, palavra em Galibi quer dizer a comida do iguana. Desta planta, a espécie que cresce em terra firme é melhor para banhos quentes e chás. Quando alguém fica doente toda a família se movimenta e a primeira coisa é procurar as ervas.

Conversas

No dia 28, de tarde, conversei longamente com Marguerite, casada com Guy Hupin, 61 anos, um francês da metrópole, professor aposentado. Ela me disse que ela é a mais nova de onze filhos. Caroline é a segunda e Mathilde, a terceira. Seus pais eram de Couachi. Quando as duas irmãs mais velhas foram embora para o Oiapoque, com os maridos, sua mãe foi tomada de tristeza, para ela era como se suas filhas tivessem morrido. Ela procurava seus rastros e não os encontrava. Quando Marguerite nasceu, suas irmãs já tinham ido embora, portanto, ela não viveu este episódio.

Segundo Marguerite, sua mãe atribuía a partida de algumas famílias a uma epidemia que afligia Couachi na época. Crianças morreram. Houve na ocasião fortes acusações de feitiçaria. Depois da partida de Lod e suas famílias, a comunidade se dispersou totalmente. A família de Marguerite foi para Pointe Isère, onde ela nasceu. Outros foram para Terre Rouge, Pointe Isère, Aouara. Ela foi na escola das irmãs em Mana, no maternal. Mais tarde a família se instalou em Saint Laurent, na aldeia Paddock, pois seu pai, grande fumante, ficou tuberculoso e foi internado no hospital. Depois sua mãe ficou doente também. Hoje, ambos morreram.



Hoje de manhã Mathilde veio visitar sua irmã Caroline e lhe trouxe uma planta *cupiê*, que cresce perto de sua casa para fazer um chá, remédio para a sua doença.

A mulher vinda do oceano

“Existem aldeias e cidades no fundo da água. No rio Oiapoque, um pouco mais a jusante, há uma mulher invisível no fundo da água. Ela possui animais domésticos, como cães e galinhas, que não deixa sair. Eles estão trancados em gaiolas. A *Grande Couleuvre*, aquilo que chamam de Cobra Grande e em galibi *Tuna-aguru*, isto é, mestre da água ou, melhor dizendo, a sujeira, é a parte ruim da água. Pode ser um homem ou uma mulher. Pode assumir a forma de uma baleia ao emergir a superfície. Certa vez, quando residíamos em Mana, em razão de uma maré alta e muito forte, uma baleia encalhou na praia. Ela chegou ferida do lado do coração. Todos os índios se reuniram na praia. Efetivamente era uma mulher que o marido tinha ferido mortalmente com uma flechada. Soubemos disso da seguinte maneira: O xamã, tio de meu sogro, viu a situação em seu sonho, depois, ao acordar, ele pegou seu *maráka* e começou a cantar. Pelo canto o espírito da mulher veio até ele e lhe contou o que tinha acontecido, ela chamava-se Macouniamo e vinha do oceano.”

História que narra por que o sexo do peixe-boi e do boto é como o das mulheres

“Duas irmãs tomam banho no rio. Elas brincam de imitar animais aquáticos, a mais velha o peixe-boi (larawa Xiquiassu) e a mais nova o boto (*Iririkura Xiquiassu*). Elas ficam brincando, mas nunca mais saem da água.

O peixe-boi segue os barcos cheios de bananas até que ele ganhe algumas. Ele precisa delas para o seu filhote, porque os índios dão bananas aos seus filhos. Se não lhes jogam bananas, eles continuam a seguir o barco, eles não largam a canoa.

O boto leva os navegantes até a terra firme, porque antigamente era uma pessoa como nós. Todos os índios conhecem essa história em Maná. Nós somos descendentes dos antigos, é por isso que sabemos todas essas coisas.”

Iniciação do xamã

“Ele precisa de uma preparação severa. Meu avô era um bom xamã e meu pai também. É pelo canto que eles chamam os espíritos. O xamã tem uma espécie de anjo da guarda que o protege, é o *Acári*.

O treino é muito duro. Durante oito dias ele deve permanecer recluso em um *cabe* bem fechado, sem comer nem beber. Ele deve fumar todos os dias e beber sumo de tabaco verde. Ele deve cantar a noite toda. Às vezes, várias pessoas são iniciadas conjuntamente. Um xamã velho cuida da formação. Esse xamã vai buscar mururé na floresta, retira a seiva e lhe dá um pouquinho para beber. Imediatamente o iniciante se sente doente, tão fraco quanto após um mês de doença. Ele tem calafrios, treme e geme de fraqueza. É o mestre do mururé que provoca tal efeito. Depois ele canta durante várias noites seguidas, até poder entrar em contato direto com o mestre do mururé, seu espírito que lhe dirá quais são os bons espíritos que ele deve conservar e quais os espíritos do mal que ele deverá rejeitar, mandar embora. Uma vez iniciado, o jovem xamã poderá efetuar curas. É como entre os brancos, há médicos bons e ruins. No hospital de Saint Laurent havia, certa vez, um antigo prisioneiro que era bom com o bisturi. Todas as suas operações eram bem-sucedidas. Ele não tinha recebido ensino especializado, foi um enfermeiro, prisioneiro também, que lhe ensinou tudo.

Afinal o xamã, seu mestre, vai preparar uma bebida forte com sumo de tabaco verde e cachiri bem forte, para que o jovem iniciado vomite e se limpe interiormente. O xamã evitará certos alimentos, as mulheres menstruadas e aquelas que acabaram de dar à luz.

Eles vão procurar formigas (*inkú*), tocandeira (*irako*), ela possui veneno. Eles vão receber o espírito dessas formigas que ajudará o pajé nas suas curas. Eis por que é preciso ingerir algumas vivas. Esse espírito da formiga sempre acompanha o pajé. Ele engole a formiga com o cachiri e fica bêbado, mas é o que lhe dá força.

A formiga possui um mestre que é forte. Ele está sempre com você e lhe ajuda, é um bom espírito. Ele vive na terra firme.

Lux: “Antigamente havia mais espíritos bons e hoje há mais malignos?”

Não, madame, não havia melhores espíritos, mas melhores pajés! As pessoas não vão mais no fundo da água, porque em certo momento alguma coisa aconteceu. Hoje não existe mais comunicação possível. É como Israel e os palestinos.

Se um xamã morre, outro poderá cantar para ele. Um xamã poderá herdar os espíritos de um xamã morto. As pequenas pedrinhas que estão no *maráka* se reproduzem, elas podem ter filhos. Quando meu pai limpava seu *maráka*, ele lavava as pedrinhas com sumo de tabaco. Ouve-se a noite o barulho: 'toc! toc!', dessas pedrinhas, que se reproduzem. O *maráka* de meu pai está na casa de minha irmã, Marie Egyptienne, e, hoje ainda dá para ouvir o barulho daquela reprodução."

Segundo Grégoire os pajés ou xamãs têm o seu anjo da guarda, todas as pessoas têm, eles podem ainda ter os espíritos maus que são para fazer o mal mesmo. Há os espíritos bons e os espíritos maus, mas estes são aqueles que dão ao pajé a força para curar e fazer o bem, afastando os maus espíritos de outros pajés.

Os espíritos maus os pajés os tiram de três tipos de árvores e dos quais tiram sua força. O *Arari*, árvore bem lisa e muito perigosa. O pajé iniciante conversa com esta árvore, passa meses assim, é dureza. Este espírito ataca mesmo e o pajé que ajuda o iniciante tem que ser muito bom também. Pajé em galibi é *puiay* e em patoá *piaye*.

I-ogulu é o anjo da guarda e vem de cima. É ele que anuncia tudo ao pajé. Ele chega como uma luz, um vagalume, ou como a ponta de um cigarro na noite. O pajé o chama com o *maráka*. O *i-ogulu* diz ao pajé quais os espíritos visitantes que virão conversar com ele, o espírito de uma árvore, de um morto. O *i-ogulu* quando chega se senta na coxa do pajé.

Há um espírito que só tem quatro dedos no pé e que vem do Sul para a Guiana. Alegre, quando chega ele solta o trovão, dá grandes trovoadas, todos sabem que fulano chegou, de noite visita o pajé. Quando vai acontecer uma coisa boa ou ruim o pajé sonha o que é, é o anjo da guarda que o avisa, e ele vai para a tocaia falar com os espíritos visitantes. Às vezes você pode ouvir três vozes diferentes conversando.

O pajé canta e o espírito vem chegando, o anjo anuncia quem é que vem visitar. As pessoas da aldeia podiam ouvir o pajé conversando. Às vezes um espírito se endereçava a uma pessoa, perguntando como estava e essa podia responder. Às vezes o pajé pede a um espírito que se afaste, para não fazer o mal ou trazer doenças.

A relação entre pretos e índios na Guiana¹⁷

"Em Maná nós tínhamos um certo contato com os pretos. Os pretos africanos possuem grandes xamãs, eles sabem fazer remédios.

Os missionários franceses faziam diferença entre os pretos e os índios da Guiana. Até 1935, os índios da Guiana não eram batizados, mas eles batizavam os pretos. Os missionários pegaram nossas terras e em troca nos fizeram esta afronta. Por que fizeram isso conosco? Não posso lhe dizer. Eu mesmo fui batizado apenas com 14 anos e a minha esposa foi batizada em Albina, uma aldeia Galibi do lado holandês. Em 1935, um padre, acho que era holandês, Gérard Dummènes, foi o primeiro a nos batizar. Ele mandou nossas filhas estudarem com as freiras. Em 35, comecei a ir à escola, eu já conhecia o alfabeto. Dois pretos velhos que viviam na Pointe Isère eram nossos conhecidos. A mulher, Victória, me disse que me batizaria, ela era de Ouanary. Foi seu marido, Pompilisse Boré, que me ensinou o alfabeto. Esse preto havia participado da guerra de 14, na França. Ele esteve no *front*. Muitos pretos de Ouanary e de St Georges também morreram na guerra. Havia um preto de Iracoubo, Joseph Saibou, que voltou totalmente surdo. Obus tinham estourado ao seu redor, soterram-no até o peito e lhe romperam os tímpanos. Ele era analfabeto, mas voltou com o peito carregado de medalhas e cheio de decorações. Ele havia salvado muitos oficiais e mesmo um regimento inteiro.

No 14 de julho, quando vinham as autoridades, os militares, eles iam todos visitá-lo e cumprimentá-lo. Ele nos contava tudo sobre a guerra, como havia acontecido, era muito interessante. Agora ele faleceu."

17 Os pretos fazem parte da vida dos Galibi. Eles fazem parte das relações históricas em momentos e contextos diferentes. Para Gerard Lod, "preto" é uma categoria muito presente, com suas especificidades. Pretos casavam-se com Galibi e trabalhavam juntos. Às vezes são seus padrinhos, amigos, e, especialmente, curandeiros, feiticeiros reconhecidos. Na outra margem do rio Oiapoque, Lod ainda tinha bons amigos pretos. Ele diz que o Papa prega a fraternidade entre todas as raças e se pergunta por que o Brasil maltrata seus pretos. Lucila diz que seu avô era um grande pajé que cantava com seu *maráka* de noite e muitas pessoas vinham se tratar com ele, especialmente os pretos da margem guianesa do rio Oiapoque.



Segundo Grégoire, em Maná, a própria família era contra o Gérard e, assim, muito perseguido, decidiu vir para cá, essa foi a verdadeira causa da migração para o Brasil.

“Lod tinha muitos amigos, o pai dele era pajé, curava e era muito procurado. Pessoas na comunidade ficavam com inveja dele ser enfermeiro e assim o perseguiam. Um parente mandou fazer um feitiço contra meu avô, mas o feitiço pegou no Gérard, meu pai, que ficou doente durante três anos. Durante esses anos ele procurou uma pessoa para curá-lo. Um dia, ele disse: ‘hoje vou ter que procurar alguém para ficar bom.’ Era num domingo e ele convidou o seu pai para irem até a cidade e lá o pai levou-o para o seu compadre, um preto, padrinho de Gérard. Era em Maná. O padrinho disse que conhecia uma pessoa, uma velha africana chamada Ana. Chegando na casa dela o Gérard disse: ‘*Maman*, venho aqui para saber o que eu tenho!’ Ela olhou para ele e disse: ‘Ah! Isso pra mim é brincadeira!’ A velha era uma super-pajé, conhecia tanto o mal como o bem e logo diagnosticava o feitiço. Ela pediu o necessário para fazer o trabalho, cinco francos para comprar o algodão, o óleo de linhaça e um litro de tucupi tirado no mesmo dia. O padrinho tinha um pequeno sítio e logo providenciou o tucupi. De manhã cedo já estavam com tudo. A velha fez o remédio e o aplicou no Gérard, aí ele teve um grande sofrimento, uma dor muito forte até uma certa hora quando de súbito a dor parou de vez. Quando ele chegou na casa da velha ela o levou no fundo de seu quintal e disse: ‘Vê isso aqui, isso tudo é remédio’”.

Outra pessoa, mais tarde, lhe revelou quem tinha feito o feitiço em Maná e lhe revelou ainda tanto o seu passado como o futuro. Este era o Saramaká Codi, de Tampac.

Quando já estava no Brasil ele conheceu o Capitão Codi de Tampac. O Gérard o encontrou por acaso, em Oiapoque. O Codi se tocou ao vê-lo e disse: “puxa, nunca tinha encontrado um homem igual a você, o meu sangue vai muito contigo”, sendo assim Lod parou e foi lhe dar a mão. Se cumprimentaram. “Se você quer conversar comigo vem me visitar em minha aldeia, Tampac”. Um dia, Gérard Lod resolveu ir a Tampac. Conversaram. E também em outras ocasiões. O Capitão Codi mandou ele sentar, acendeu uma vela, fez o sinal da cruz e começou a contar tudo.

Contou sobre a vida do avô de Lod, tudo o que aconteceu. Lod disse que ficou impressionado. Contou sobre o pai de Lod, sua vida e as doenças dele, e contou sobre Gérard Lod, o que as pessoas fizeram com ele, as doenças, como ia caçar e como passaria no futuro. Tudo era exato e ele não nos conhecia e nunca tinha estado em Maná. Era realmente um clarividente. Tudo o que ele disse aconteceu. Ele também veio nos visitar.

As panelas

Foi o dia que fomos aos Galibi do Oiapoque, passando por Tampac, aldeia Saramaka, do lado francês.

Em Tampac fomos recebidos pelo chefe Papa Lalan, um velho que nos convidou em sua casa. Ele nos mostrou a *casquette de capitaine* que ele recebeu do prefeito de Caiena. Ele já esteve no Brasil onde trabalhava no garimpo, depois, de barco, levava alimentação aos garimpeiros do Alto Oiapoque. Nos ofereceu uma garrafa de champanhe francês. Foi perto da margem do rio Oiapoque que vimos uma panela de ferro. O primeiro capitão, o Lundi dava um banho no pessoal, escolhia uma data e dava um banho geral em toda a população. É nessa panela que preparavam a erva. Tomavam banho lá para dentro do mato. O segundo capitão, o Codi, achou que era muito longe e levou a panela para a beira do rio para dar banhos lá. Daquela água preparada eles tomavam primeiro um gole e depois o Codi, também pajé, dava um banho na cabeça e a água escorria pelo corpo. Chamavam esse banho de “garantia”, para não pegar doença, feitiço. É uma proteção. Esse chefe agora não é pajé e assim a panela fica abandonada.

Segundo o tio avô do Elcil, marido de Clara, irmã do Dionísio e chamado Bocó, essas panelas são da época da escravidão e vinham da Europa, era para fazer açúcar e rapadura. Dizem que na Guiana, lá onde vivem os índios, tem ainda muitas.

Do lado brasileiro, a presença destas panelas encontradas lá na montanha Carupina em lugares reconhecidamente inacessíveis, deu origem a lendas. Segundo o enfermeiro Sival, filho do Timor, um Saramaká que veio morar entre os Karipuna e Palikur, essas panelas são imensas e o pessoal sempre quer organizar uma excursão para vê-las. O Álvaro, enfermeiro de Santa Isabel, acredita que foram trazidas pelos astronautas extraterrestres, porque para ele não tem explicação estarem por lá. Ele leu o livro “Eram os Deuses Astronautas” de Erich Von Däniken, ficou impressionado e o tomou como base para explicar essa presença insólita das panelas naquele lugar.

Já Geraldo Lod, para explicar o fenômeno, se baseia na mesma história dos gigantes, os primeiros europeus. Eles seriam os donos dessas imensas panelas. Assim como o gigante fez o jacaré de pedra de 12 metros e o pilão de pedra, fez também as panelas. Para alcançar aquele lugar na Carupina, apenas gigantes poderiam carregar panelas tão grandes.

Álvaro conta que durante a Assembléia no Tawari, no rio Urukauá, em janeiro de 1995, eles enxergavam à sua frente, ao longe, a montanha Carupina. Durante o intervalo dos trabalhos, os índios ficavam sentados, olhando em sua direção, falando sobre as panelas que estavam lá e tratando de se animar para ir até lá, mas ninguém foi.

Lod insiste que não pode ter sido gente que levou essas panelas para lá. São os gigantes, assim como seu pai lhe contou. Essas coisas, segundo ele, não existem mais hoje em dia e ele explica:

“Há milhares de anos poderia haver pessoas que possuíssem outras qualidades diferentes das nossas. Encontrei muitos potes e cacos de cerâmica, fazendo as minhas roças e construindo as cercas, encontrei cacos a 50 cm de profundidade. Encontrei também um machado de pedra para fazer a guerra.”

No dia 30 de janeiro, passeando na cidade de Saint Georges, encontramos uma dessas grandes panelas, em ótimo estado, exposta no meio de uma praça. Era um monumento por si só, alimentando nosso imaginário.

São essas panelas, ou melhor, pedaços dessas panelas, que os Karipuna e Galibi-Marworno compram na Guiana Francesa por um preço alto para produzir as lascas de ferro para a fabricação dos raladores de mandioca (VIDAL, 2000a).

As histórias de nosso pai

“Essa história que os homens são descendentes dos macacos é totalmente impossível.¹⁸ Não somos descendentes de macacos, madame; os que estudam muito às vezes erram. É o que os brancos às vezes não chegam a entender.

Os bichos são mesmo como gente. É Deus que nos fez, e deu inteligência aos macacos também.¹⁹”



De tarde Lod vai ao mato, à procura de uma casca da árvore *yaya*.

“É o nome que os índios dão a esta árvore. Vou tratar de aliviar as dores nas pernas de meu cunhado Joseph Jean-Jacques. Vou experimentar esse remédio, porque os médicos não estão encontrando uma solução. Como lhe disse, assim como acredito em Deus também acredito no mal, porque eu já passei por isso.”



“Você pode usar um segredo de caça, fogo, por exemplo, para matar pequenos porcos do mato, os *patira*, queixadas, possuem uma mancha branca no pescoço. Mas você apenas mata os que você precisa e deixa o resto. Os *patira* não lhe veem por causa do fogo que os cega. Então você pode matá-los. Isso é bom, não é um pacto com o diabo. É algo que você experimenta e não faz todos os dias. Há outros segredos de caça, para outros animais, mas não os conheço todos. Por exemplo, para a cutia há uma planta especial para poder matá-la.

A mãe dos animais do oceano, o grande espírito mestre da água, é *tuna aguru*, isso inclui a fauna aquática e as aves que habitam nas praias e nas margens da água. A água é *tuna*. As aves do mato possuem outro mestre, *tonoro sano* ou *tonoro yumã*.

18 De noite assistimos uma reportagem na TV Globo sobre macacos “inteligentes que sabem calcular”.

19 É a teoria perspectivista com um toque cristão. Macacos eram gente antes da ruptura.

O espírito mestre da caça (todos os animais que comemos) é *yumã* – *Tonomã*.

Os insetos também possuem espíritos mestres. *Mengoshi yumã* é o pai e a mãe das formigas.

O grande espírito mestre do mato é *Itchuruaborem* ou *itchuruaguru*, *itchuru*, o mato, e tudo o que nele se encontra, borboletas, lagartixas, serpentes, insetos.

O oceano é *Parana aguru*, *Parana porema*.

Chamamos os brancos *Paranaguru*, porque vêm do oceano. Você, madame, você faz parte do oceano.”



“Os índios do interior eram maus e selvagens, os chamamos *Txioto*, isso é, todas as raças da floresta. São aqueles que vivem à montante, nas nascentes dos rios. Nós, pelo contrário, somos índios do oceano, da costa, é totalmente diferente.

Os pretos Djuka do Suriname vêm do Brasil, são os que fugiram da escravidão e partiram para o norte, guiados pelos índios. Há muito tempo, havia mesmo brancos nas comunidades negras.

Os Saramaka de Tampac estão ali há muito tempo. Eles vieram para trabalhar e acabaram ficando nas margens do Oiapoque. Os Marworno eram daqui, do Uaçá, Amapá, Cunani, Maricá, Araguari, Calçoene e Macapá.”

Os espíritos e os astros

“Há animais do fundo da água que sobem para a terra firme, são os *Pakirarou*, que se parecem com os *Pakira*, mas eles apenas têm uma pata traseira. Eram muito perigosos e viviam no fundo da água. De noite eles sobem no barranco do rio. Em Couachi tinha. O seu grito era como o dos *Pakira*. *Cuá! Cuá!*”

Meu avô nos dizia: “façam muito cuidado. Eles estão submetidos ao Espírito-Mestre das Águas”.

O espírito da tempestade chama-se *Urain-máre*. Quando chegava em Couachi, a gente o ouvia de longe, ele vinha do sul e dirigia-se para o norte. Este espírito tinha amigos em Couachi. Ele se chamava também *Tari iurawa* e não era mau. Ele visitava meu pai e meu avô, xamãs, e que o conheciam. O meu pai sonhava que ele chegava, cantava e depois vinha falar com ele.

No mês de maio, quando sete estrelas sobem no céu, as crianças devem levantar-se cedo. Uma criança que dorme até tarde envelhece rápido. Logo quando acordavam eles iam tomar banho, como ainda fazem hoje.

Os astros, as sete estrelas, agem sobre os humanos e também sobre as plantas. A lua age sobre as mulheres. Elas não ficam indispostas todos os meses? É a lua que faz isso. A lua chama-se *Nuno*, ela age sobre a água, as marés, as plantas e os humanos.

Quando a lua muda chove. A lua é um astro menor que a Terra. O meu avô pegava uma taça de champanhe, de haste longa, e olhava para a lua através dela, ele dizia que desse modo ele via as pessoas que andavam de lá para cá.

Na ocasião de um eclipse do sol ou da lua, quando eles cruzam seus caminhos, eles se cortam com golpes de espadas e parecem sangrar. Antigamente os velhos índios, quando isso acontecia, davam tiros de espingarda ou batucavam sobre as chapas dos fornos para reanimar o astro enfraquecido por suas perdas de sangue.

Após um eclipse, antigamente, os velhos levavam as crianças à beira do rio e as lavavam na lama para limpar o sangue caído da lua.

Os índios gostavam muito do caçave. Uma vez, uma índia havia deixado caçave em uma peneira coberta com um pano. Após um eclipse, no dia seguinte, o caçave estava ensanguentado, era o sangue da lua que havia escorrido. Os índios jogaram fora esse caçave. O sol também sangrou naquela ocasião.

No último mês de março, quando ocorreu um eclipse, lá pela uma hora da tarde, estávamos todos aqui. Alexandra foi pegar películas de raio-X e as colocamos em frente aos olhos, o que nos permitiu ver nitidamente o eclipse solar.”

Objetos e lembranças

“O *maráka* é nosso objeto mais sagrado. Os objetos, em si, não têm espíritos mestres. É uma cuia perfurada com pequenos orifícios. No interior, pequenas pedras, claras como pedaços de cristal que também se encontram à beira-mar.

As pedras pertencem aos espíritos do alto, da terra e do fundo da água. É por isso que eles espocam, quebram com um som fraco e se reproduzem. Por meio desses espíritos, os bons xamãs invocam e curam os enfermos. O próprio xamã não vê nada, ele é como qualquer homem. O que vê é o espírito *AKARI*, o anjo da guarda. Também chamamos a alma de *Akari*, assim como a sombra. São os homens que fazem o *maráka*, mas somente os xamãs. As mulheres, devido à menstruação, não são xamãs. Você que é velha e escreve o tempo todo, vai acabar xamã.

Meu pai era canhoto e jogava com a mão esquerda.

Quando eu era pequeno, eu caçava muitas iguanas, camaleão. Com meu primo, fomos para a floresta para matá-los no mangue. Uma vez cacei um, e na barriga inchada não havia pequeninos, mas uma *mani*, era uma pedra na barriga do bicho. Isso dá sorte à caça.

Minha mãe confirmou que era a *mani* da iguana. ‘Você vai passar na testa antes de ir caçar iguanas.’

Daqui mesmo, sobre as moitas de hera, ou mesmo na ilha em frente, eu podia ver as iguanas. Aí um dia cansei das iguanas, sonhei demais com elas, elas apareciam sem cessar nos meus sonhos. Dei minha *mani* para meu avô, que guardou no pacará dele. Este Pacará ele perdeu um dia em um naufrágio.

O *maráka* fica na tocaia. Mas antes do maracá, o mais sagrado é o bom Deus e depois vem o maracá. Deus vê tudo e você não pode se esconder de Deus. Sobre o maracá, sempre pode haver outros xamãs mais fortes que te impeçam de ver. Eles estão bloqueando seu caminho.

Chacha é a palavra crioula para maracá. Tínhamos tambores para as festas, para cantar e dançar. Os tambores eram grandes, cobertos com pele de veado ou queixada. Não batemos neles como os negros, não é uma batucada. De quatro a seis tambores eram suspensos, presos por cordas às vigas e ficavam na altura de um homem. Havia o mestre das canções e os outros respondiam batendo nos tambores.

O convidado que vem de longe é convidado a cantar primeiro. Havia um do lado holandês que cantava e fazia gosto. Era Attile. Todos dançavam acompanhados por tambores.

Meu primo Jacobus também cantava bem. E ninguém resistia, todo mundo dançava.

Eu sei cantar, mas por que vou cantar agora? Cantar assim, por nada? Não precisamos disso. Inventávamos canções, pensando no passado, como tudo que te expliquei. Cantamos para saber. Na hora dos funerais, as mulheres cantavam tão bem e contavam coisas tão bonitas.

Não gosto da cantiga dos civilizados porque só cantam sobre mulheres, parece que não tem cantiga sem mulheres, e depois elas ainda são maltratadas!

Com a gente, as músicas eram sempre diferentes, eram sequências. Começávamos às seis horas da tarde e só terminávamos na manhã seguinte.

Os homens cantavam e as mulheres dançavam e vice-versa. As canções de mulheres e homens são diferentes.

As flautas com os bambus, nós as conhecemos aqui. Os Galibi não faziam turé, são os índios do mato que fazem isso.

Tínhamos uma flauta de bambu chamada *cuti* em Galibi. Meu avô tocava esta flauta de manhã cedo. Nossa grande festa, como ainda hoje, era no final do ano, no dia 31 de dezembro. Também celebrávamos o fim do luto, depois de um ou dois anos, dependendo da situação da pessoa.

Eles tinham flautas, os mais velhos as usavam para cantar a manhã por volta das quatro horas, era muito bonito. Era um instrumento de verdade, com dois orifícios, um entalhe e um orifício menor embaixo. Aquilo fazia música mesmo, não era como o turé, uma buzina que só faz hu!hu! A flauta buzina do turé é usada pelos índios do mato.

O Pacará era a mala do índio. O xamã tinha um para guardar seu *maráka*. Quem não soubesse fabricar um pacará era zero, como quem não sabe ler, então as mulheres não os queriam. Se você não soubesse fazer essas coisas úteis, não sobreviveria. O Pacará é feito de arumã com ou sem desenhos marchetados.

Hoje em dia, não temos mais tempo para fazer isso. Ainda há grupos que o fazem porque, entre eles, são as mulheres que trabalham nas roças. Mas eu, com minha esposa, quando ela ainda estava bem de saúde, sempre íamos os dois para a roça. O algodão que ela atualmente fia o dia todo, só fiava à noite. Artesanato vende muito mal, é um sacrifício, não dá nada. Prefiro plantar minha roça e vender meus abacaxis.

Todos tinham seu banco, com cabeças de onças e pássaros. O xamã tinha seu próprio banco. Agora fazemos bancos de tábuas, como este em que você está sentada.

Karawachi é o chocalho para as mulheres quando dançam. Um cajado com um cesto cheio de sementes.

As cestas *couroucourou* e os leques, nós fazemos sempre. As mulheres fiam algodão e tecem redes até hoje. Eu faço o fuso, que serve para torcer a linha. Os leques são feitos de palha *kunanã*. As vassouras são de *kunanã* ou tucumã. Aprendi a fazer na escola. Eram os trabalhos manuais. A minha mulher ainda fazia cerâmica, mas agora ninguém mais faz.

O fuso, *cutxia*, é o homem quem fabrica. A gente abre várias vezes o algodão e bate, essa é a fase mais importante.

Os objetos importantes para nós eram as canoas, os remos, as flechas e os arcos. Essas flechas eram de três tipos: para peixes, para caça, e flechas com pontas redondas, *tobirai*, para matar pássaros. Não tínhamos zarabatanas nem arpões.

A chapa para assar a mandioca antes era de cerâmica. Mas isso há muito tempo.

Eu sempre faço as grandes prensas indígenas, o tipiti, de arumã também. Tem muito arumã nas nossas terras. Eu faço a peneira, o leque, sempre de arumã. Todos os homens aqui, exceto Nonato, sabem fazer esses objetos. As cuias são as mulheres que fazem.

Os ralos de mandioca, eu encomendo de um velho do Curupi, o José, da aldeia Espírito Santo. Eles são feitos de madeira com cacos de ferro incrustados. Às vezes, usamos uma folha de estanho com furos.

Os caldeirões de ferro de onde retiramos os cacos são muito difíceis de encontrar hoje em dia. Também fazemos pás de madeira para assar e virar a farinha de mandioca espalhada na chapa do forno.

Nossas duas colheres grandes de pau, tingidas de preto, vêm do Curupi, é bem possível que tenha sido Tangahá quem as fez. Foi minha filha Gilberta quem trouxe de lá quando era professora na aldeia Manga.

Quando meu padrinho me dava alguma coisa, eu guardava com cuidado. Guardava para sempre, como a ferramenta do meu avô, a furadeira de ferro, guardada sob o teto do meu cabe, e que ainda uso às vezes. Ou o saca-rolhas do meu avô – são coisas antigas.

O Pacará e o *Maráka* do meu pai estão com a minha irmã Marie Egyptienne. Ela é a guardiã. De minha mãe guardamos os apetrechos de trabalho doméstico.

O passado, as lembranças

Eu não me arrependo de nada. Da Guiana, não tenho nenhuma saudade.

Onde nasci é um lugar insalubre. Havia muitos maus espíritos lá. Eu não sei por quê. Será que o bom Deus não abençoou aquele lugar?

Aqui, às margens do Oiapoque, é um lugar tranquilo, onde estou bem. Eu tenho minha roça, onde vou todos os dias. Se eu não for à

roça, eu morro. Eu tenho boa saúde. A minha mulher, é verdade, está doente, mas mesmo na América, que é o país mais avançado do mundo, as pessoas morrem desta doença e os médicos não podem fazer nada. Aqui não há maus espíritos, ou bem poucos. As mulheres podem ir sozinhas se dedicar ao trabalho. Tudo está bem.

Meus filhos e netos vêm passar o fim de semana conosco. Eu telefono do Oiapoque para os que estão longe. Quando tivermos telefones celulares, será bom.

Só há uma coisa que realmente me arrependo. Eu gostaria muito de rever meus avós, meus ancestrais, para que possam nos contar as coisas de antigamente. Gostaria tanto de saber como era nos tempos antigos. Seria lindo para meus netos.

Às vezes me pego pensando, penso nos antigos, nos meus avós, nos meus antepassados. Por que eles morreram e não voltaram? Eles poderiam nos ensinar tantas coisas."

As margens do Oiapoque

"Aqui, onde estamos, escravos negros da Guiana moravam. Foram eles que plantaram nas margens do rio os cacauzeiros, que até hoje colhemos. E eles tinham cavado canais para escoar a água, drenar o solo e plantar arroz e bananas.

No interior de nossas terras ainda há mangueiras que eles plantaram; há vestígios de suas roças, de cabés e o lugar onde colocavam as chapas seus fogões. Encontramos grandes caldeirões de ferro e antigos vasos de cerâmica. Não sei por que os negros construíam seus cabés e faziam sua farinha terra adentro, tão longe das margens do rio.

Encontrei na minha roça uma pedra de afiar que lhes pertencia talvez, e que uso até hoje. E aqui mesmo, debaixo de minha mangueira, também achei uma grande ferramenta de ferro como um cinzel usado na construção de barcos. É muito antigo. Perto do rio, mais a jusante, do lado francês, vivia um senhor que ainda está vivo, François Goudet, antes ele vivia aqui mesmo e seu pai também. Ele plantou o cajueiro que ainda está na margem do rio. Todas as outras árvores, fomos nós que plantamos.

Quando chegamos aqui, havia muitos negros na outra margem, do lado francês, ouviam-se os tambores dos negros. Agora não tem mais ninguém, eles não querem mais trabalhar na roça, estão todos em Caiena.

Quando chegamos aqui, Oiapoque e Saint Georges não eram mais que pequenos burgos com algumas casas²⁰. Em 1950, em Saint Georges, o padre Rudo falava em patois. Ninguém falava o francês senão o policial. O patois era semelhante àquele falado no Uaçá, muito diferente daquele de Caiena. Ouanary era município como agora, antes havia muita gente. Havia um lugar chamado país dos índios, mas era somente um nome, eram negros que moravam ali. Quando chegamos, Trois Palétuviers não existia. Mas havia alguns Palikurs que viviam em Ouanary, foram eles que mais tarde se instalaram em Trois Palétuviers.

²⁰ Oiapoque, antigamente chamava-se Martinique, depois, Espírito Santo e depois Oiapoque como o nome do rio. Foi Rondon que mandou mudar o nome para enfatizar o caráter português da região.

Mais para o interior, no mato, havia pessoas antigas, na baía Toucouchi. Minha madrinha, aquela que me batizou era originária das Sources do Ouanary. Ela era bem negra, filha de escravos.

Em Petit Toucouxi havia Palikurs, agora não tem mais. Em Kuman-Kuman não tem mais ninguém, eles morreram. Em Rozé havia uma família.

Frente à aldeia Galibi, do lado francês há uma família de Curupi que, há muito tempo, vive ali. Por ocasião de Santo Antônio eles fazem uma festa, na qual vão pessoas de St. Georges e de Trois Palétuviers e, às vezes, nós também vamos.

A Vila Nova de Taparabu foi de fundação bastante recente.

Rio acima, de nosso lado, havia antigamente a "Casa Lili". Ela foi fundada por um comerciante português e era a casa com a maior variedade de mercadorias de todo o Oiapoque. Aquele português tinha casado com a irmã de Eurico Fernandes. Durante a guerra foi a Casa Lili que alimentava Caiena e até, muito mais ao norte, Mana.

Era café, açúcar, panos, enfim tudo que faltava. Os contrabandistas vinham buscar mercadorias aqui, tudo era do Brasil.

O café, eles o transportavam em canoas até Montagne d'Argent e lá eles transferiam o café em sacos franceses. Em Caiena diziam rindo "É café da Montagne d'Argent".

A Casa Lili buscava suas mercadorias em Belém. Havia um navio cargueiro que vinha a cada quinze dias ou todos os meses. Eles tinham até roupa para casamentos e batismos. Naquela época, as mercadorias eram muito baratas. Quando chegamos aqui, com 50,00 reais enchíamos nossa canoa de mercadorias."

Histórias de prisioneiros

"Era um prisioneiro que eu conheci em Maná. Um muçulmano argelino. Naquele tempo, Julien, meu irmão, trabalhava numa serraria que pertencia ao senhor Demangeot. Utilizavam um trator para deslocar as toras de madeira. Não sei como foi que aconteceu, mas certa vez esse trator caiu na água. Ninguém conseguia tirá-lo daí, nem mesmo os bombeiros. Chamaram esse argelino, pois, ele possuía uma força desmedida. Balançando o cabo, ele conseguiu levantar o trator de não sei quantas toneladas, deslocá-lo e depositá-lo em solo seco, em terra firme.

Esse prisioneiro encontrava-se nas Ilhas do Salut, condenado à prisão perpétua. As ilhas são rochedos e possuem cavidades que foram transformadas em celas. Aquele argelino matou, segundo ele próprio afirmava, 12 pessoas. Ele se chamava Maxime e pensava que permaneceria ali até a morte. Para que comesse, o carcereiro lhe enviava a comida em seu buraco e descia os alimentos, a marmita amarrada com um barbante. Era pão, carne em conserva, latas de carne que vinham da França.

Como todos os muçulmanos, ele era muito crente, aquele argelino. A Argélia era uma colônia francesa. Era por isso que os mandavam para cá. Ele rezava para o Bom Deus, pedindo para não morrer e poder sair dali.

Havia um homem, o pai de meu padrinho, o Senhor Passevent, que precisava de ajuda e mandaram para ele aquele argelino. Ele cuidava dos bois. O pai de meu padrinho e meu padrinho também, possuíam em Pointe Isère, onde nasci, seu gado e plantações de coqueiros. Um dia enquanto guiava seus bois, ele nos conhecia, ele contou para meu pai o que tinha acontecido com ele. Ele lhe contou que não tinha mais cabelos por causa do calor dos rochedos do cárcere. Como ele se revelou muito bom trabalhador, reconhecido por seu patrão, o Senhor Passevent, esse último que conhecia o chefe da prisão foi falar com o homem e foi assim que, mais tarde, ele foi perdoado pelo presidente da República Francesa; era nos anos 28-30, não lembro mais quem era o presidente. Ele foi até Caiena e depois voltou para nos ver. Ele estava realmente muito contente. E depois ele se instalou por sua própria conta, ele abriu um comércio, ele sabia se virar. E ele ainda foi para sua terra por sua própria conta.

Em 1952-53, a prisão foi fechada. Eles foram recebidos com uma festa na França, com o Presidente e as tropas. Foi talvez Deus que o salvou. Os muçulmanos, como a senhora sabe, rezam muito. Mesmo tendo matado, ele não podia permanecer num buraco sem ver a luz.

Muitos prisioneiros fugiam, morriam no mato, passavam a fronteira com a Venezuela ou vinham para cá.”

Caderno de campo

Tudo é calmo. A Alexandra limpa o jardim, coloca flores na mesa e prepara um suco de abacaxi.

Teresa capina alguma erva que invade o terreiro. No *cabe* cada coisa no seu lugar, a gaiola de dois periquitos que voam pelo jardim durante o dia e são apenas recolhidos de noite numa cesta coberta de panos. Há bacias e panelas com água potável, o filtro, o escurridor de louça. Cestos e cofos pendurados de esteios com um gancho de ferro e contendo o necessário para a limpeza do cotidiano. Cordas esticadas onde se joga uma roupa de trabalho, um pano, um corte de plástico. Há tambores, garrafas, o motor do barco, o tucupi, o sal. A grande mesa familiar com uma travessa repleta de frutas. A garrafa térmica vermelha do café. Vários pares de óculos a espera de seu dono e a cesta onde estão amontoadas todas as escovas de dente da família. Grandes tambores azuis de plástico sem tampa, ficam no canto do *cabe*, esperando a água da chuva que escorra por uma calha. Panelões enormes e bacias para lavar a roupa e a louça, em cima de jiraus. A casinha de banho, de madeira, fica depois do jardim, ao lado de um poço. Uma enorme bacia azul envelhecida, comprada no “lado francês” sempre cheia de água que a pessoa pega com uma cuia e joga no corpo, sensação refrescante. O olhar se perde ao longe, nas margens do rio, com o nevoeiro matinal ou o pôr do sol de tarde, com as palmeiras enfeitando a paisagem.

No jardim da Mathilde há um arbusto de pião. Ela me disse que a seiva, o ‘leite’ dessa planta é boa para fazer remédio. As suas ervas para remédio ela planta na roça. A sua filha Joana estava aqui, para o fim de semana. Sentada na porta da casa paterna, pensativa, olha para o grande jameiro em frente da casa. As crianças brincam de rodinha, cantam e se divertem no fim de tarde. Quando Nonato liga o motor de luz algumas pessoas dirigem-se à casa do Julien, onde há uma televisão que durante o dia é coberta com um paninho branco, bordado de croché. Assistem à novela e às notícias do Jornal da Globo. Mathilde num cantinho da sala tem um altar familiar. Três estatuetas de Nossa Senhora de Nazaré que ela ganhou em Belém, uma imagem de Nossa Senhora Aparecida e outra de Nossa Senhora de Guadalupe. Duas cestinhas com flores artificiais e no meio uma vela acesa, na espera tranquila das preces dominicais.

Hoje de manhã, banho, café. Às 8 horas toca o sino que informa que haverá missa, rezada na escola. É domingo de Pentecostes, do Espírito Santo. As pessoas vêm chegando, de roupa de domingo, os homens com a melhor camisa e calça comprida, as mulheres de vestido ou saia. As mulheres trazem flores para colocar ao pé do santo, São José e acendem velas. Tereza traz a bolsinha de pano para as contribuições. Paulo e Nonato já estão sentados lendo o folheto, distribuído pela paróquia de Macapá, que orientará as rezas e a liturgia. Nonato é quem dirige, baseado na leitura, o culto e ele puxa também os cânticos. Grégoire ajuda na leitura e Alexandra. Agradecem pela semana que passou e também mencionam a minha presença. As crianças bem quietas estavam presentes. Acabado o culto foram saudar o Jean-Jacques que estava deitado na sua casa. E o grupo se dispersa, cada um voltando para sua casa.

Noite muito tranquila, estamos na sala lendo. Carolina meio cochilando e pensando em quê? Grégoire mexendo com o rádio e lendo o Almanaque Brasil 1995. Lod lendo revistas e finalmente se retirando no quarto para arrumar a rede do casal.

Espera-se para um futuro não tão remoto a instalação de uma televisão, a coluna de concreto já foi construída atrás da casa para sustentar a antena parabólica que alguém de Oiapoque virá instalar. Lucila se ocupa desta parte, ela é a mais prática das irmãs.

Lod me contou novamente como foi a demarcação de suas terras. Ele sempre se deu bem com os representantes do Governo, os militares e as autoridades que o visitavam. Ele tinha tirado um terreno pequeno. Queria pagar ao INCRA para demarcar. Eram 120 cruzeiros. Juntou o dinheiro e ia demarcar. O Djalma lhe disse: a FUNAI vai fazer a demarcação. Mas ele não ia esperar a FUNAI. Quando o INCRA mandou a carta, passou por aqui o Expedito Arnaud que lhe disse de não pagar, e solucionou a situação em Macapá, por ser reserva indígena. Então veio o major Saul e lhe delimitou uma terra bem maior.

“O Governo me homologou essa terra até o Taparabu, eu não fiz nada, eles que fizeram. Às vezes me perguntam: “Como você conseguiu?”. Eu digo: eu não fiz nada, eles que providenciaram. Até o Jairo me perguntou como eu consegui. Eu não fiz nada.”



No meio de nossas conversas, Lod se distrai bastante. Sempre preocupado, ele está constantemente à escuta e examinando com seus olhos por trás dos grandes óculos tudo o que acontece em seu *cabe*. Ele corre com seu longo bastão atrás das galinhas invasoras, silencia seus papagaios que gritam, remove com uma pá o cocô das galinhas impertinentes. Carrega água potável do poço da casa de Guy, enche baldes e bacias para o banho. Descasca um abacaxi ou uma laranja, arruma a louça e lava uma cuia. Às vezes, repentinamente, levanta-se, pega sua espingarda e se embrenha no mato à procura de uma cutia cujo barulho ouviu. Depois volta, lava as mãos e senta-se no banco, à minha frente, e retoma a conversa. Às vezes é um diálogo, mais frequentemente um monólogo motivado por uma pergunta. Tem sempre ideias precisas e poucas dúvidas. Ele é de uma lógica extenuante e deve me achar um pouco passiva, demasiada na escuta. Mas quando, no dia seguinte, li para ele as entrevistas do dia anterior, ele gostou, ficou feliz e confiante. Ele tem um ótimo senso de humor e nós rimos muito.

Diário de Campo | Último encontro – 1998

18 / 10 / 98 – De manhã, em Oiapoque contratei uma voadeira e seguimos rumo aos Galibi onde ainda chego antes do almoço. As chegadas com toda a bagagem, longe das casas, são sempre angustiantes, especialmente debaixo de um sol escaldante. Mas, finalmente sempre aparece alguém para ajudar.

19 / 10 / 98 – Ontem de tarde conversei com Gérard Lod que, sentado no seu cabe, confeccionava uma cestinha de palha de arumã para sua filha colocar os shampoos. Ele continua muito crítico de tudo e com mais insistência. Ele não mudou, mas parece mais fechado sobre si mesmo. Fala também mais baixo. Curte essencialmente sua casa e gosta de falar sobre as viagens que fez a Brasília e outros lugares do Brasil.

Falei com Santa, dois de seus filhos estudam em Oiapoque, hospedados em casa da Vitória. Ela fez o curso do “Turé” em Santa Isabel e gostou bastante.

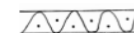
O governo do Amapá promoveu um vestibular em setembro de 1998 em Oiapoque e Laranjal do Jari para professores que estejam de fato ensinando. As aulas seriam administradas intensivamente durante as férias. Três índios Karipuna conseguiram passar.

Aqui na aldeia Galibi, apenas cinco crianças estão na escola estudando com o Paulo, professor não-índio e casado com Diana, filha de Julien. Os outros estudam em Oiapoque. Eles voltam à aldeia durante as férias.

Nonato e Margarete construíram sua própria casa.

Hoje de manhã fui à roça com Thérèse e Geraldo Lod, ele na frente, sozinho e nós atrás. Há uma pequena roça, logo ao lado da aldeia, que ele abriu quando voltou de Brasília. Outra, ele abriu agora, ao lado da antiga que ainda produzia. Em frente uma roça-capoeira que pertencia a Madame Caroline. Mais longe ainda, há várias capoeiras. Teresa plantou sementes de melancia. Lod desenterrou cará para o nosso almoço: mingau de cará com peixe defumado e ensopado. Comemos cajus e abacaxis pequenos, deliciosos. Eles plantam mandioca, macaxeira, muito abacaxi, fava, feijão, melancia, batata, jerimum, tomate e pimentão. Às vezes tem alfaces, também plantam flores. Há muitos pés de laranja, limão, tangerina, cupuaçu, abacate, banana e mamão. Ontem de noite fizemos um lanche com leite e biscoitos. No café da manhã acrescenta-se banana e mamão.

De tarde Lod procura um lugar fresco debaixo da mangueira para confeccionar seu artesanato.



Lod que havia lido a minha publicação sobre a Cobra Grande (VIDAL, 2009), formulou uma crítica interessante e fundamental sobre o meu texto. Voltamos assim, para concluir, mais uma vez, ao xamanismo e à relação entre humanos e outros seres.

“Não existe Cobra Grande. São os espíritos da água que se transformam em Cobra quando eles sobem à terra. Em todos os lugares tem água e animais com seus mestres.

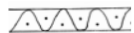
Esses espíritos são como gente, animais desconhecidos, de todas as espécies. Sempre invisíveis. Apenas quando Deus nos disser, os veremos. **O xamã não vê. É apenas o seu espírito que vê, porque a pessoa do xamã e o seu espírito são coisas diferentes.**”

Lod me disse que os Galibi se entendiam. A guerra era sempre entre os pajés ou xamãs e que às vezes destruíam aldeias inteiras.

“Os espíritos dos xamãs *piaye* sempre guerreavam entre si.”

“Os anjos bons também recolocam o seu espírito no seu corpo. Quando morremos é o nosso corpo, a nossa camisa, que morre.

É Deus que nos deu o espírito. Antigamente os índios se comunicavam com os animais do fundo da água e eles, por sua vez, vinham visitá-los. Depois acabou e eles não se comunicam mais. Ficam separados. Antigamente todos os animais eram gente. Quando passávamos de canoa, aquele que estava no fundo da água dizia: “São periquitos que estão passando”. E eles tratavam de nos caçar. A vida é um mistério, se pudessemos entender seria tão bom.”



Tenho plena consciência de ser uma amiga da família. “Papai está recebendo sua amiga”, dizem os seus filhos. Tratam de me agradar, me sinto em casa, me sinto bem. Cozinhamos de maneira simples ou com maior requinte. Não há homens para caçar, então compra-se um peixe ou um frango, aqui mesmo ou na cidade.

No nosso último almoço, juntos no *cabé*, tomamos um brinde de campari.

23/10/1998

Registros de campo



Casa Galibi Kali'na



Casa de Farinha Galibi Kali'na



Geraldo Lod e madame Caroline sob um jambuzeiro



Geraldo Lod em sua roça



Santa Karipuna, esposa de Miguel Jeanjaques, faz beiju típico Galibi Kali'na, chamado galette.



Abanos feitos por Geraldo Lod



Cesto de pele de tatu, cabaxi



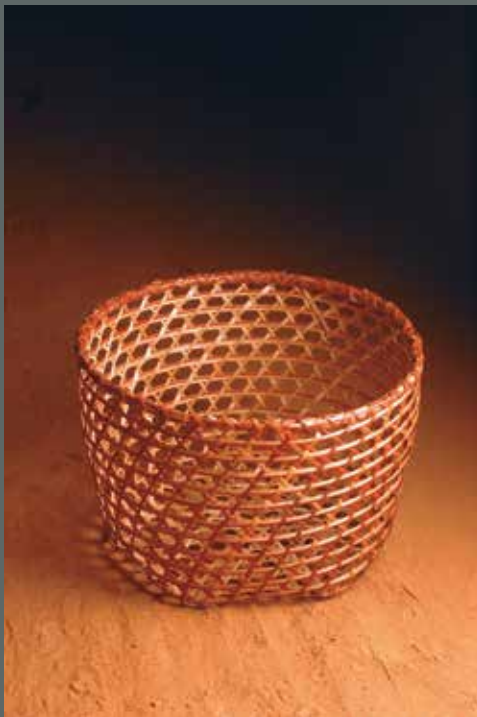
Geraldo Lod tecendo abano



Rede Galibi Kali'na em uso



Marie Egyptienne fiando algodão



Cesto Galibi Kali'na



Geraldo Lod trançando um cesto



Vestimenta Galibi Kali'na



Margareth confeccionando joalheria Galibi Kali'na



Festa de confraternização na aldeia Galibi Kali'na



Celebração da festa de 50 anos da chegada dos Galibi Kali'na ao Brasil



Visita dos Galibi Kali'na da Guiana Francesa à aldeia Manga (Karipuna)



Galibi Kali'na preparando a exposição Memória e Identidade dos Kali'na Tilewuyu



Geraldo Lod e seu irmão Julien



Geraldo Lod e Dionísio Karipuna



Joseph Jeanjaques e sua esposa Marie Egyptienne



Marie Egyptienne com sua filha, Margareth



Mathilda Lod em sua casa



Julien Lod no portão de sua casa

Récits et Mémoire d'un Chef Galibi de l'Oyapock

Lux Vidal

Récits et Mémoire d'un Chef Galibi de l'Oyapock

Propos tenus au cours de nombreuses
conversations informelles, à
Lux Vidal, son amie et anthropologue
à l'Université de São Paulo
(1995-2000)

Introduction

Qu'est-ce qui induit des individus ou des groupes à quitter leurs terres et à émigrer vers un pays inconnu? Nous avons souvent abordé ce sujet avec Monsieur Gérard Lod car nous étions tous les deux des immigrants, lui arrivé en 1950 de Guyane Française et moi en 1955 de France.

Au départ je n'avais pas l'intention de travailler avec les Galibi Kali'na, mais seulement de faire la connaissance d'un des peuples indigènes qui vivent dans la région de l'Oyapock, au nord de l'Amapá.

Puis, avec le temps, cette région m'a enchantée et je suis devenue une amie de Seu Geraldo comme on l'appelait, c'était le nom sous lequel il était connu. Un jour, cependant, lors de mon troisième séjour chez les Galibi, en 1995, il exprima le désir de raconter son histoire. Geraldo Lod pratiquait l'art de la conversation avec considération et beaucoup d'humour.

Aucune de ces conversations n'a fait l'objet d'un enregistrement. Elles se sont déroulées parfois en français et parfois en portugais car, suivant l'occasion, nous utilisions une de ces deux langues. J'ai ensuite rédigé quelques textes ethnographiques sur les Galibi de l'Oyapock [cf. références]. Les témoignages que je présente ici, résultent de telles conversations. D'où mon intention de rédiger un texte bilingue reflétant la dynamique de nos conversations dans ces deux langues.

Je dois à la gentillesse et à la compétence de Claude Papavero et D'Antonella Tassarini les traductions d'une langue à l'autre. Je remercie également Mariana Baumgaertner qui m'a constamment aidée à organiser ces textes. Je soulignerai que Gérard Collomb m'a toujours encouragée à les publier. Je tiens aussi particulièrement à remercier les enfants et la famille de Geraldo Lod, ainsi que tous les Galibi de l'Oyapock pour l'amitié et l'accueil chaleureux que j'ai reçu d'eux.

Il y a plus d'une décennie que les Galibi de l'Oyapock ont subi de grandes transformations rénovatrices ayant mis en valeur leur culture traditionnelle, une circonstance qui offre à cette publication un caractère encore plus significatif de jalon historique.



Présentation

“Nous apprécions la brousse et l’océan de la même façon, car les deux se complètent. Ils nous donnent tout ce dont nous avons besoin, la pêche, l’abbatis, la chasse, les fruits, les remèdes, le bois!”

Ce livre a été écrit sous le signe de l’amitié, des bons souvenirs de mon séjour chez Monsieur Gérard Lod, sa famille, toute la communauté Galibi Kali’na et les familles de Julien et Mathilda Lod et de Joseph et Marie Egyptienne Jeanjaques.

J’ai mis entre guillemets, en caractères gras les dires de Geraldo Lod choisis comme étant les plus significatifs. Il ne faudrait pas perdre de vue, cependant, que de tels récits exposent le point de vue de Monsieur Lod qui n’est pas forcément celui de toute la communauté. La totalité des témoignages forme un grand ensemble de textes que j’ai réunis et remis, sans révision ou édition, à Gérard Lod et sa famille.

Le chef Galibi se différencie de par ses aptitudes et sa curiosité intellectuelle. Lorsqu’il décrit le mode de vie des anciens, il ne le considère pas seulement comme des “histoires” du passé, mais comme des manières spécifiques de penser, connaître et se *comporter*, en somme comme une philosophie et un style de vie. Si les Galibi Kali’na accordent une telle importance à la propreté du village, des maisons, des abattis et du corps, comme, par exemple, lorsqu’ils continuent actuellement encore à prendre trois bains par jour, il ne s’agit pas uniquement d’un comportement social, mais d’une conséquence directe de l’idée de “pureté” que la cosmologie Galibi exprime. Notre corps n’est qu’une chemise, une “carcasse puante”. Ce qui est fondamental c’est l’esprit immortel. Chez les Galibi d’après Monsieur Lod la notion de personne se résume à cet aspect de l’être, le reste peut être éliminé. Un autre, très importante, est le catholicisme qui fait partie intégrante de la cosmologie Galibi traditionnelle et jouit d’une prééminence hiérarchique. Geraldo Lod répète toujours: “Dieu d’abord, et ensuite le *maráka*”.

Ce ne fut pas tâche facile que d’organiser ces témoignages car ils furent spontanés et abordèrent des sujets très variés. C’est pourquoi j’ai choisi une séquence en fonction des thèmes recueillis. La grande majorité des textes date de 1995, sauf, vers la fin, lorsque j’ai mis en relief des textes datant de 1998.

Dates au sujet de la vie de Lod

1920 – Né à la Pointe Isère

14 ans – Entre à l'école. Il étudie jusqu'à obtenir le Certificat d'Etudes.

19 ans – Va travailler à l'infirmerie de Saint Laurent. Après avoir passé un examen, il est affecté comme infirmier indien, au service des indiens. Il travaille dans tous les villages. Il est le premier infirmier indien.

"Moi, j'ai commencé mes études à 14 ans. A 19 ans j'étais infirmier pour les indiens, à Couachi où j'étais affecté. J'avais suivi un cours de préparation. Un jour est arrivé un médecin qui travaillait pour les indiens et qui fréquentait les villages et il m'a emmené à Saint Laurent, mais je rendais service aux villages: Grand Village, Couachi, Pointe Isère et Ouara."

Le 25 avril 1942 il épouse Caroline. C'est le premier mariage qui est civil et religieux catholique. Il dit: *"J'ai ouvert le chemin"*.

30 ans – En 1950 il vient s'installer au Brésil.

Il meurt le 14/02/2018, à Oyapock, reconnu comme un grand leader par tous les indigènes de la région.

"*Nanatangon* c'est notre grand-père, notre ancêtre, notre aïeul. Nous sommes ses descendants. C'était un ancêtre, pas un Dieu. *Nanatangon* était l'ancêtre homme et *Nananoyān*, la femme ancêtre, notre grand-mère. Les femmes Galibi parlent une langue entre elles et les hommes une autre. Cela complique un peu les choses quand on veut apprendre la langue Galibi.

Pour cousin la femme dira *iawo* et l'homme *tûwo*. En Guyane Hollandaise, les Galibi de peau noire, appelés Mulato disent *Paāmon*. Ce ne sont pas des Africains, mais des Galibi. La femme dira pour la cousine *maê* et l'homme *takanon*. Pour la cousine germaine qui est comme une soeur, pour l'aînée un homme dira *shonê* et pour la plus jeune *wawa*; une femme dira *yaya* pour la cousine germaine aînée et *mimi* pour la cadette".

Aujourd'hui les enfants ne connaissent pas ces différences car ils appellent les personnes par leur nom."

06/06/1995

Récit de Gérard Lod: les raisons de la migration du groupe Kali'na-Tilewuyu de Mana au Brésil



Les préparatifs pour le voyage au Brésil et en Guyane Française.

Le voyage.

L'installation au village São José do Oiapoque.

Le récit (en une seule journée) commença en portugais, mais Gérard Lod ne tarda pas à enchaîner en français, ce qui me fit très plaisir.

“À Mana, trois enfants déjà étaient morts. Quelqu'un nous voulait du mal. Caroline, ma femme, me dit: “Où tu iras, je te suivrai aussi ». Dans la matinée du dimanche, ma mère me dit la même chose que Caroline. Deux jours plus tard j'ai été demander 15 jours de congé à l'hôpital où je travaillais. À l'hôpital j'ai parlé à mon chef, le docteur Varcelle¹, et lui ai demandé la permission de me rendre sur l'Oyapock. Il a accepté. Le Service de Santé a accepté ma demande. Ma mère me conseilla de voyager avec un cousin, Joseph Lieutenant. Nous arrivons à Cayenne où nous restons trois jours. Un douanier m'informa qu'un bateau brésilien partait dans l'après-midi pour Saint Georges. Nous achetons, donc, nos billets. Arrivés à Saint Georges mon cousin me demande “qu'allons-nous devenir? Je lui réponds: “ne t'en fais pas”. Le vapeur Oiapoque, un vieux cargo brésilien, accoste. Un homme passe avec une bicyclette, c'était un fonctionnaire de la Maison Tanon, je le connaissais, il s'appelait Dufonnais, je le connaissais de Mana. “Où puis-je trouver une chambre?” lui demandai-je. “Vous voyez ce Chinois là-bas, et bien c'est chez lui que vous logerez, il s'occupe de tous les passagers”. Après avoir débarqué nos bagages, je dis bonjour, et comme un européen je vais directement au sujet,

¹ Le Docteur Eric de Feutereau-Vassel était médecin à l'hôpital de Saint Laurent du Maroni, puis représentant dans la région de Saint Laurent / Maná du “Service Indien” de la Préfecture de la Guyane (information personnelle de G. Collomb).

disant ce qui m'amenait dans ces parages. Et le monsieur, Ho-A-Chuck², un chinois, me dit: "Tout à l'heure, à 9 heures, il y aura un transport pour Maripá. C'est un indien qui est le pilote, il est bilingue, il parle français et portugais." Nous avons pris un casse-croûte et nous avons attendu l'heure du départ.

On m'a demandé d'où je venais et je répondis: "de Mana", et j'ajoutai: "Je veux parler au représentant du Service des Indiens Brésiliens". Le pilote me dit alors qu'il connaissait une dame qui parlait bien le créole. Arrivés à Oiapoque, nous trouvâmes la dame qui était en train de nettoyer sa cour devant la maison et nous lui demandons où trouver ce représentant du Service des Indiens. Elle nous dit "Vous tombez bien, c'est ici même, le représentant est mon fils, Raimundo Braga". Elle nous pria de nous asseoir. Il y avait là un autre indien du bas-Amazone qui voulait aller à Camopi. Elle nous a servi du café, puis son fils est arrivé. Je lui ai adressé la parole en français et il m'a répondu en très bon français lui aussi. Bon, je lui ai 'déballé' toute mon affaire. Raimundo me dit: "je ne peux pas vous donner une réponse officielle, il y a un chef du Service des Indiens à Belém, il faut aller à Belém".

Il n'y avait pas de transport, à peine un avion par mois. C'étaient des avions C47 et Catarina et qui faisaient aussi la ligne Oiapoque-Cayenne. Raimundo réserva nos places. Nous allâmes chercher nos bagages à Saint Georges.

Nous partons finalement pour Belém, un Samedi (Juillet 1948) et mon cousin, toujours inquiet, me demande: "comment allons-nous reconnaître le bonhomme?" Je lui répondis: "on va se débrouiller". Car nous ne parlions que le français. À 5 heures de l'après-midi nous atterrissons à Belém. Deux hommes en paletot étaient au bout de la piste et je dis à mon cousin: "Les voilà, ce sont eux qui nous attendent". Nous nous dirigeons jusqu'à eux et les saluons en français. Nous leur demandons si l'un d'eux était Eurico Fernandes³. Il nous répondit en français: "Nous sommes justement venus vous attendre". C'était un homme simple et gentil. Eurico est parti un moment pour expliquer la question aux douaniers. Ensuite nous nous dirigeons vers les douaniers. Je leur expose ma mission, c'est à dire, obtenir le permis d'immigrer, avec ma famille, au Brésil. Eurico me dit qu'il n'y avait pas de problème

2 Membre d'une famille commerçante chinoise installée à Saint Georges.

3 Eurico Fernandes, administrateur du SPI, Service de Protection des Indiens, et pendant plusieurs années chargé du Poste de Contrôle, à Encruzo, sur la rivière Uaçá.

et que le lendemain il réglerait mes documents et il ajouta: "Vous viendrez avec un bateau brésilien qui fait la ligne et sans payer"⁴.

Puis nous attendons 15 jours à Belém l'avion qui nous mènerait de retour.

Eurico nous emmène chez lui où nous logeons et mangeons pendant notre séjour. Il y avait trois jeunes indiens chez lui, deux d'ici, du Curipi et un du Maranhão. Ils se promènent avec nous pour connaître Belém. Mon professeur à Mana m'avait montré une carte postale de la statue d'un indien sur la place "Praça Brasil". J'avais vu cette carte postale, mon professeur me l'avait montrée et je voulais la voir. Nous avons vu la Cathédrale de Notre Dame de Nazaré. A Belém Eurico a lui-même élaboré notre document, notre permis pour nous installer avec nos familles au Brésil. C'est lui qui a signé. Je n'ai plus ce document, il est tombé dans les mains des enfants et ils l'ont déchiré. C'est dommage, je me rends compte maintenant que ce serait un document historique. Je ne sais pas si ils en ont une copie à Belém.

Nous rentrons à Cayenne après deux mois de voyage. De Cayenne à Sinnamary, nous voyageons en camion et de là, n'ayant plus aucun moyen de transport nous allons à pied jusqu'à Mana. À Sinnamary, il y avait un prêtre, le Père Michel, qui nous hebergea. À 6 heures du matin les canots, des pagaies à rame, traversaient la rivière. Avant de partir, je vais acheter du pain, du lait, du fromage et des sardines.

Notre destination est Iracoubo, où nous arrivâmes vers 6 heures de l'après-midi. De nouveau nous allons chercher logement chez un prêtre. Comme il n'y avait pas de place chez lui nous allons loger chez un ancien bagnard, infirmier au dispensaire. Le lendemain nous partons vers les 5 heures du matin pour ne pas prendre beaucoup de soleil en traversant la savane. Il faisait nuit et nous voyions à peine la route. Vers midi nous nous sommes arrêtés, fatigués du soleil, et nous sommes restés à nous reposer à l'ombre d'un arbre à caju, près de Mamaribo et nous avons mangé des fruits. Nous voulions arriver jusqu'à Organabo, j'encourageais toujours mon cousin. C'était loin, je connaissais la route, mais le village était abandonné, c'était la brousse. Il y avait une petite rivière, il était nuit, mais je décide de traverser au gué à Counamama, avec de l'eau jusqu'à la ceinture, tout près d'une chute. De l'autre côté il y avait une petite crique, le Trou Poisson. Nous avons des lanternes. Nous sommes allés un peu plus loin. Nous avons allumé un feu et ramassé de la paille. Il y avait

4 De Maná à Oiapoque.

beaucoup de moustiques et nous avons allumé un feu tout autour de nous. Le lendemain nous avons tressé des caturi, jamaxi, des paniers pour transporter nos bagages. On avait mal aux pieds à cause des chaussures. À 6 heures du matin nous avons mangé notre casse-croûte et nous sommes repartis. Vers les 10 heures, après avoir traversé un pont à Grande Passerelle, mon cousin ne supportait plus les souliers aux pieds. Il a retiré ses souliers, mais impossible de marcher, et il fut obligé de les remettre. Finalement nous arrivons au lieu-dit Montagne Sable. Mon cousin suggère de laisser les bagages que nos papas viendraient chercher le lendemain, ce qu'ils firent. Nous nous demandons si nous arriverons à Bassin, une crique avec beaucoup de poissons. Je regarde le soleil et il était encore tôt. À 100 mètres de Bassin, un homme arrive à notre rencontre, il s'approcha et arrivant tout près je reconnais un arabe, un algérien que je connaissais. C'était un homme très fort, il avait même ramassé une fois un tracteur tombé à l'eau. L'arabe nous demande: "d'où venez vous?". Je lui répondis: "Nous venons de la pêche à Bassin". Il nous dit: "Comme ça?". Je lui demande: "et vous", il me dit: "Je vais à Cayenne". "À pied?" lui demandai-je un peu méfiant.

Nous arrivons à Bassin Aouara. "C'est ici que nous allons dormir", dit mon cousin. Il y a un arbre qui s'appelle Conachini dans notre langue, je pensais que si nous pouvions arriver jusque là ce serait bien bon car c'était un endroit bien propre. Arrivés au pied de cet arbre, je m'aperçois que nous sommes sur un chemin de chasse et qui nous mènerait directement à Couachi.

Nous arrivons finalement chez la mère de mon cousin. Ma tante était dans son abattis, nous demandons s'il y a des pastèques, mais il n'y en avait plus, et j'ai tout de suite pensé au casili. Nous continuons notre chemin et arrivés au cimetière, déjà tout près du village, je me suis approché de ma maman qui était en train de balayer son cabé. Quand elle nous a vu arriver, elle a jeté son balai et elle a commencé à pleurer, car elle pensait qu'on nous avait tué. Je lui demande une coui de casili bien pleine. En ce temps là ma fille Thérèse avait sept mois. Quand je suis arrivé elle ne voulait pas m'embrasser car elle ne me reconnaissait plus.

À Couachi il y avait de nombreuses familles. Les familles Lod (nom hollandais), Lieutenant, François, Grand-Emile (le grand-père de Caroline), Charles Philippe, Tiouka (hollandais). Il y avait aussi trois familles créoles.

Le lendemain je fis une réunion pour montrer la documentation obtenue à Belém. Nous racontons notre voyage et les péripéties vécues. Tous reconnurent que la mission avait été une réussite ainsi que les perspectives de transport.

Mais là commencèrent nos ennuis. La population de la commune de Mana, surtout les commerçants, n'étaient pas contents, car nous étions les principaux fournisseurs de manioc, légumes et viande de gibier. Alors ils décident d'aller parler au préfet⁵ à Cayenne pour empêcher notre transport par bateau. Quand le bateau brésilien arrive à Mana, je vais m'adresser au commissaire qui était un martiniquais. Je lui montre nos documents et il me dit qu'il n'y a pas de problème: "Vous pouvez prendre le bateau". Sur ce il marque la date du prochain voyage, il y avait une autre famille qui embarquait aussi. Mais le moment venu, le commissaire me fait savoir que le préfet avait empêché le voyage par bateau. Je lui dis: "merci bien". Le même jour je programme une réunion au village. Même comme ça nous décidons de partir, et nous irons en canots. "Êtes-vous d'accord?". Tous ont répondu que oui, qu'ils étaient d'accord. Mon papa a trouvé que c'était bon.

Après deux mois d'absence à l'hôpital, mon chef m'a dit: "j'ai envie de vous enfermer en prison". Je lui ai répondu: "la prison n'est pas faite pour les chiens, c'est bien pour les hommes, si vous m'enfermez je n'y serai pas tout seul, vous serez bien avec moi". Je l'aurais retenu par le bras, j'étais aussi fort que lui. Ils nous auraient enfermés les deux.

Au fond, il voulait seulement me faire peur. Les gendarmes me firent les mêmes remarques. Je leur ai répondu de la même façon: "vous entrerez avec moi!". Je continuais donc à travailler à l'hôpital et je donnais mon argent en contribution pour les préparatifs du départ.

Il nous a fallu une année entière pour construire les quatre canots. Finalement seulement trois partiront. Ce sont mes parents qui fabriquent les canots. Quand tout est prêt, je donne à mon père l'argent pour acheter le matériel nécessaire, les clous, cordes, voiles.

Nous avons fait beaucoup de farine de manioc. Tout était prêt pour le départ. Un matin, je descends à Mana pour parler avec le brigadier de la Douane et lui demander le "manifeste" qui nous permettrait de partir avec les trois canots pour Cayenne. Il m'a dit: "Oui, je ne peux

5 Robert Vignon, premier préfet de Guyane après la fin du statut colonial et le passage au statut de département d'outre mer en 1947 (information personnelle de G. Collomb).

pas vous refuser le manifeste, maintenant je suis obligé de vous donner l'autorisation car ce sont vos propres canots." "Quand partez-vous?" C'était un jeudi et je lui répondis: "Nous partons samedi!" Et samedi matin nous avons commencé à charger les trois canots. Nous emportons une barrique de 150 litres d'eau potable, une pour chaque canot. Du couac, farine de manioc, en quantité, de la cassave, du sucre, du café, du chocolat, une caisse de lait condensé, deux boîtes de biscuits, des noix de coco à l'eau, du bois pour faire la cuisine, de l'huile, du pétrole. Tout le nécessaire, des hamacs, des tambours pour danser et des bancs de bois. Des bâtons de manioc pour planter, des graines de citrouilles, de pastèques, de piments et ananas.

Le 18 juillet 1950, à 2 heures de l'après-midi nous avons quitté le village Couachi⁶, et à 7 heures de la nuit nous sommes arrivés à Mana où je suis descendu dire au revoir à mon parrain. Je lui ai parlé de mon cabé que je laissais et des planches qui s'y trouvaient et de mes plantations. Mais la famille n'a pas profité de ces choses, ce sont les autres qui ont profité de mes jardins. Nous poursuivons notre voyage pendant la nuit.

Dimanche nous étions en plein océan, longeant la côte. Le même jour les douaniers ont averti Cayenne de notre arrivée. Tout notre voyage était officiel et tout au long de notre parcours les autorités étaient averties. On nous attendait et à chaque escale on nous accueillait. Premier arrêt sur l'océan le 19 au soir. Il n'y avait pas de vent, alors nous sommes obligés de tirer les canots à la corde et les femmes marchent sur la plage. Nous dormions dans les canots. On s'arrête à Kourou mais sans aller au village. Après Kourou nous sommes arrêtés à un endroit pour prendre des crabes. Après cinq jours de voyage nous arrivons à Cayenne. À l'embouchure de Cayenne, il y a un rocher "l'Enfant Perdu" et il y a un phare là-bas. De

6 38 personnes embarquent dans trois canots de 12 mètres chacun. Lod ne se souvient pas de tous les noms. Ce sont: Gérard et Caroline Lod avec deux enfants; Son père Joseph et sa Femme; Joseph Jean-Jacques et Marie Egyptienne et deux enfants; Julien et son fils. Mathilde resta em Guyane car sa fille Monique n'avait que huit jours; Georges François, oncle de Lod, frère de sa mère, sa femme et cinq enfants. Ils restèrent 10 ans au Brésil, puis sont retournés à Mana. Ils reviennent plus tard à Saint Georges. Après une année, pendant la fête de Saint Georges, un des ses fils s'est bagarré avec un Palikur, celui-ci tomba malade et finit par mourir. À la suite de cet incident la famille retourne à Mana; Un autre jeune homme, parent de Jean Jacques est aussi venu; familles Lieutenant, Tiaradis (Hollandais), sa femme et trois enfants. Il est mort ici et sa femme est retournée em Guyane; le frère du père de Lod demanda qu'on le fasse venir, il passa ici quelques années avec sa femme et ses enfants, ensuite il est retourné et il est mort. Les pilotes des canots étaient Joseph Lod, Georges François et Lieutenant. Les canots ont été plus tard vendus à des gens de Cayenne. Julien m'a dit: "Personne n'a photographié notre voyage et notre arrivée au Brésil car à cette époque il n'y avait pas de 'civilisation' dans ces endroits".

loin je voyais des gendarmes, des douaniers et la population réunie sur le pont et qui nous attendaient. Quand j'ai débarqué ils nous ont tous salués nous demandant des détails sur la traversée. Je demande un nouveau "manifeste" pour aller à Saint Georges. Nous passons la nuit à Cayenne et de bonne heure, le jour suivant, nous partons.

Après trois jours de voyage nous arrivons sur l'Oyapock. Comme je connaissais bien la côte ce ne fut pas un voyage difficile pour moi. Le 27 Juillet, arrivés à Saint Georges nous montrons les documents et passons la douane. À Saint Georges il n'y avait rien à l'époque, une maison à bardeaux, des cases en paille, de créoles. Il y avait un prêtre et un douanier, des créoles qui parlaient patois et un gendarme qui parlait français.

Le lendemain nous remontons l'Oyapock et nous nous arrêtons à Oiapoque, du côté brésilien, pour voir si le responsable du Service de l'Indien était là. Quand nous sommes arrivés on nous informe que le responsable est un autre fonctionnaire, Raimundo Fernando et qui se trouvait à Encruzo, sur l'Uaçá, comme inspecteur de service. Nous sommes restés trois jours à Oiapoque. Mon papa a finalement rencontré un homme qui lui a montré cet endroit ici où nous vivons. À cette époque, une femme indienne Palikur et dont le mari était de l'Uaçá, Antonia Alberia, habitait l'île en face. Nous sommes venus et nous sommes restés chez elle. Le matin suivant nous avons laissé les femmes sur l'île et nous sommes venus voir le terrain de ce côté et qui n'était que de la brousse. Nous avons inspecté les lieux et mon papa nous a dit que c'était un bon endroit, une bonne terre. Et le jour suivant nous avons déblayé le terrain. Chacun a défriché une parcelle pour y construire une petite barraque. Et puis nous avons été chercher nos familles.

Le 13 Août 1950 nous avons dormi sur nos terres. Mais par contre nous avons passé un 15 Août bien triste, je m'en souviendrai toujours. Le 15 Août était une grande fête pour nous à Mana. Mais les femmes ont planté les graines et six mois après tout était déjà bon.

La première visite que nous avons reçue a été d'une famille brésilienne du Juminã, des "Amazonenses". Lui s'appelait Abilio et elle Julia. Ils nous ont invité à aller chasser avec eux le caïman, au Juminã. J'y suis allé avec mon beau-frère Joseph et nos familles. À l'occasion nous avons tué quinze caïmans. Nous avons retiré leur peau pour la vendre. À "Ponta dos Índios"⁷

7 Ponta dos Índios, localité du côté brésilien, face à Trois Palétuviers, em Guyane, autrefois nommé Demonti.

(Demonti), il y avait un entrepôt de tout, avec des magasins. C'était une grande commune. Là se trouvait aussi un poste de douane brésilien. Nous y sommes allés pour y vendre les peaux. C'étaient les douaniers qui les achetaient, à cinq mille réis une grande peau. Nous avons partagé l'argent avec les brésiliens. Mon beau-frère et moi nous avons gagné 100.000 réis. Nous avons fait nos achats du côté brésilien.

Quelques mois après nous avons déjà notre abattis et nos difficultés étaient finies.

Avant cet épisode, huit jours après notre arrivée ici, j'ai rendu visite au maire, prefeito de Oiapoque. C'était le premier maire, Roque Penaforte, et il nous a assuré que les terres où nous étions installés personne ne nous les retirerait, et j'ai toujours insisté auprès des autorités pour obtenir l'homologation qui fut finalement signée sous la Présidence du Général Figueiredo en 1982⁸.

Deux ans après notre arrivée le Gouverneur de l'Amapá, le Capitaine Janary Nunes est venu nous rendre visite. Je suis allé à l'embarcadère le recevoir. Il m'a serré la main et m'a demandé ce qui était le plus nécessaire ici et je lui ai répondu: "l'école." Son secrétaire a pris note et nous en a promis la construction. Le préfet qui l'accompagnait nous a dit qu'il se chargerait de la casa de farinha⁹ et puis ils ont visité le village. Huit jours après, le bois pour la construction de l'école arrivait et jusqu'à présent cette école existe toujours.

São José, c'est le nom de notre village. À Mana, le patron de la commune était Saint Joseph, donc ce village porte le même nom. Par ailleurs, mon grand-père s'appelait Joseph et l'aîné de mes enfants s'appelle Joseph aussi, et c'est pourquoi ce saint est aussi le patron du village.

Je n'ai jamais regretté mon déplacement. J'ai eu tout ce que j'ai voulu. Grâce à Dieu mes enfants ont tout ce qu'il leur faut.

Il m'a fallu souvent réaffirmer la chose suivante: 'Je ne suis pas arrivé fait par la moitié, je suis arrivé tout entier, tout développé.'

8 Au début, Eurico Fernandes voulait les établir au Karipura, une montagne à l'embouchure de l'Uaçà et qui avait déjà été habitée par les Karipuna. Mais les Galibi-Kali'na, habitués aux terres basses, près de la mer, n'acceptèrent pas l'idée. Jusqu'en 1985 le Karipura était au nom des Galibi de Oiapoque.

9 Le carbet, ou cabé, en patois.

Nous n'étions pas des retardés et nous n'avions pas besoin d'être pacifiés¹⁰.

À un certain moment Eurico Fernandes m'avait proposé d'être infirmier des indiens d'ici. J'ai appris le portugais et c'est lui qui m'a donné mon premier dictionnaire Portugais-Français et Français-Portugais. Mais je n'ai pas voulu accepter cette offre de travail, je sais comment sont les indiens, je me suis dit: "Ils vont être jaloux et tout va recommencer."

"Je ne suis pas arrivé ici comme un misérable ou un pauvre. Je n'étais pas pauvre à Mana ni ici non plus. Je suis venu car j'ai voulu venir parce que je pensais que le Brésil était le pays des indiens. C'est une idée qui m'a toujours poursuivie"

"Trois fois les gendarmes sont venus me voir, ils étaient de Saint Georges. Ils venaient pour me persuader de retourner à Cayenne. "Tu gagneras cinq mille francs par mois". Je leur ai répondu: Je suis bien ici. Je suis aussi bien ici qu'à Couachi. Je ne veux pas être acheté avec de l'argent.

D'ailleurs, lorsque plus tard je suis allé voir mes beaux-parents à Paddock (village kali'na de Saint Laurent du Maroni), un médecin sachant que j'étais dans les parages m'a fait appeler pour aller travailler à Cayenne, mais je refusai. J'étais à peine en visite chez mes beaux-parents¹¹.

02/02/1995

10 Ici Gérard Lod fait une remarque importante, conscient d'une politique vis à vis des indiens différente au Brésil et en Guyane. Au Brésil, une des tâches du SPI et ensuite de la Funai, Fondation de la Protection des Indiens depuis 1968, fut pendant longtemps d'établir le contact avec les groupes d'indiens "isolés", de les "pacifier" et de les maintenir sous la tutelle de l'État.

11 En effet Lod était infirmier et parlait Galibi. Autrefois à Saint Laurent il parcourait les villages avec un docteur. Il était aussi, bien sûr, une personne connue. Ce qui ne lui plaisait pas autrefois à Mana c'était le manque de toute éducation sérieuse. En 1935 arrive le premier missionnaire dans la région, un Hollandais, le Père Gérard Dumènes. "Il a baptisé les indiens. Ils ont pris les enfants, les filles, pour les mettre à l'école à Mana chez les soeurs, mais elles n'ont rien appris, seulement des services domestiques. Donc pas d'École"

Les enfants Lod selon leur père

“Emilien Joseph Corneille avait 5 ans à notre arrivée en 1950. Il a étudié ici jusqu'à 16 ans. Il a passé trois mois à Cayenne et il voulait aller en France étudier la mécanique. Il avait des livres. Une fois, en allant à Oiapoque, nous nous sommes arrêtés à Saint Georges. Les gendarmes m'ont demandé: "Où est votre fils?". "Il est dans le canot", dis-je. "On le cherchait". Nous sommes allés à la gendarmerie éclaircir cette affaire.

Le gendarme a dit: "Je vais passer chez vous". À Cayenne, on avait demandé à mon fils "Où tu habites?" "Je suis chez moi", dit-il. Ils lui ont donné un document. Ils devaient l'appeler pour le service militaire. Mais ils ne l'ont pas appelé. Jamais rien. Nous avons demandé par lettre des explications. On nous a répondu qu'on le considérait brésilien. Il a été choqué. Il aurait voulu faire son service. Je le déclarai donc comme brésilien à Oiapoque. J'ai aussi déclaré Thérèse comme brésilienne. Lui, il est parti à Belém faire son service militaire. Il m'a demandé un peu d'argent. Le commandant de Clevelândia lui a fourni un billet pour son transport. Après deux mois, il était à la caserne. Après son service militaire, il est entré dans la Marine. Après six mois d'études, il a eu son diplôme, c'est comme cela qu'il a travaillé dans les Îles, dans une scierie. Il est sorti de là car on ne le payait pas très bien. Il est entré à la Funai. Puis il a fait un service dans une compagnie de bateaux. Puis il est entré à la Petrobrás. Il voulait aller à l'étranger. Il fut envoyé en Bolivie, il passait longtemps au loin. Il s'est marié. Ils vivent à Belém. Lui travaille sur un bateau qui fait la ligne Belém-Manaus.

Thérèse a été à l'école ici au village. Puis elle a été à Clevelândia dans une famille pour pouvoir continuer à aller à l'école et étudier et Lucila aussi. Elles étaient chez des familles de militaires. Il y avait un collège là. Quand le curé a fondé un collège à Oiapoque, elles ont terminé leurs études en ville. Lucila a fait ses études de pédagogie à Belém. Elle travaillait pendant la journée dans un magasin et étudiait le soir. Ensuite Gilberta et Grégoire sont partis aussi à Belém pour étudier. Ils habitaient chez leur frère, sergent. Grégoire a fait ses études à l'école militaire de Clevelândia. Il a appris l'art de la construction. En 1990 il a commencé le cours Pédagogique offert par le CIMI à Oiapoque.

Thérèse était partie pour São Paulo avec la famille du sergent Pinto. Ils sont à Belém maintenant, lui retraité. Thérèse a élevé leurs quatre enfants. Elle est revenue car sa mère était malade. Quand Thérèse va à Belém, elle loge chez ses anciens protecteurs, parents adoptifs, patrons. Elle est restée cinq mois chez eux lors de sa dernière opération. Thérèse a vécu plus longtemps chez ses parents adoptifs qu'à la maison. Elle a fait le cours d'infirmière. Lucila, elle, est revenue; elle est entrée dans l'enseignement ici, à la Funai.

Gilberta est aussi revenue ici. On lui propose d'enseigner à Oiapoque, comme maîtresse d'école. Puis elle enseigne pendant deux ans à Taparabu, puis à Manga et Santa Isabel. Maintenant, elle est au Forum et travaille avec le juge, au secrétariat. Elle devient ensuite fonctionnaire de la Funai.

Alexandra a fait ses études ici au village, à Clevelândia, à Brasília, où elle a suivi la famille du colonel Artur Borges. Elle a suivi des cours à l'université. Auparavant, elle a aussi séjourné à Goiânia avec la même famille. Puis ils ont habité São Paulo. Elle a étudié la comptabilité, puis elle est revenue ici. Elle a passé un concours et travaille maintenant au Forum comme "oficial de justiça".

Pedro Brasil_a étudié ici. L'enseignement ici n'était pas différent. C'était l'enseignement des blancs. J'ai demandé une bourse d'études pour lui et il l'a obtenue. Je l'ai emmené à Belém, où il vivait chez son frère. "Qu'est-ce que tu veux faire?", lui demandai-je. Il voulait se spécialiser en électronique. Je me suis informé auprès de mes amis officiers de Clevelândia. Il a fait son service militaire à Belém. Pas longtemps. Il a décidé d'aller se spécialiser à São Paulo. Il a fait un concours et est passé le premier. C'était à Guaratinguetá. Il s'est formé pendant trois ou quatre ans pour devenir spécialiste en aéronautique. Il est déjà dans l'aéronautique. Il est sorti comme un sergent de 3^{ème} classe. Après, il est retourné à Belém, puis il est passé en 2^{ème} classe et maintenant en 1^{ère} classe, il va passer sous-lieutenant, spécialiste de radio et radar. C'est un bon professionnel. Maintenant il est à Brasília. Il accompagne les voyages du Président de la République. Il voyage continuellement. Il a fait beaucoup de cours à Rio et São Paulo. Il a épousé une paraense, comme mon aîné. Il a trois enfants.

C'est pourquoi je suis bien content d'être venu au Brésil. Mes enfants ont eu la chance de pouvoir étudier et moi je suis ici tranquille. Nous sommes en bonne santé. La maladie de ma femme, même en Amérique, qui est le pays le plus avancé, les gens meurent de cette maladie. En Guyane, il n'y avait pas d'avenir pour nous, les indiens, ni pour les autres d'ailleurs. Ils ont de l'argent et cela leur sert à quoi?

Ici, j'ai des terres, mon abattis, je n'aurais pas ça, là-bas. On m'a parfois reproché d'être venu ici, mais je pense que "eu fiz a coisa certa". Que seraient devenus mes enfants et petits-enfants là-bas? Vous voulez me dire, madame? Il y a des parents à nous qui sont partis d'ici pour rentrer à Mana seulement à cause de la boisson. Ici, je n'ai jamais permis les beuveries. Je bois du *cachiri*, un vermouth, une bière et du vin, mais avec modération et pas toujours; de la taffia, je n'ai jamais permis sa consommation ici!"

Lod montre un vif intérêt pour la science. Il me dit qu'il comprend tout très vite et qu'on n'a pas besoin de lui répéter les choses. Il lit plusieurs revues scientifiques comme Globo Ciência et autres et commente toujours ses lectures, les recommande aux autres et s'étonne devant les inventions médicales, génétiques et surtout informatiques. Mais il reviendra toujours sur une profonde conviction personnelle: la science ne peut pas tout expliquer. Il craint d'être incompris par des savants incrédules et il n'a aucune patience pour ceux qui ne partagent pas ses idées.

Lod se lève avant l'aube, fait sa prière dans sa chambre où il a un petit autel, puis, à 6 heures, il écoute les nouvelles de Guyane. Il a ainsi, souvent, des nouvelles de parents décédés ou d'autres nouvelles intéressantes comme le lancement d'une fusée à Kourou, souvent visible du village São José.

Grégoire me dit que son père a réponse à tout, il coupe rapidement la parole et rend la pareille. Un jour quelqu'un à Oiapoque lui a dit qu'il n'était pas brésilien et lui, il lui a répondu: "Et vous, vous venez de l'Arabie Saoudite". L'homme s'arrêta net et lui serra la main, disant: "Vous avez bien deviné car je suis descendant de turc". Grégoire dit que son père reconnaît de suite les ethnies et la nationalité des gens, les purs et les mélangés.

À midi, nous avons mangé des nouilles et du poulet, "menu international", précise Gérard. Je cite tous les restaurants qui existent à São Paulo avec les recettes les plus typiques. Tout cela l'intéresse.

Lod et sa relation avec les militaires

"Après notre installation ici à l'Oyapock, les officiers de Clevelândia venaient, les samedis, acheter nos produits de l'abattis. Nous plantions beaucoup d'ananas et de *maracujás doces*. Modestine aussi en achetait. On allait vendre notre production à Saint Georges. Une fois j'ai vendu 25 unités d'un seul coup. On en envoyait même à Cayenne. Les officiers venaient nous rendre visite dans les années 1962-64.

Alexandrine est partie avec la famille du lieutenant colonel Borges. Il est mort à Brasília. Antonio Souza Pinto et sa famille adoptèrent Thérèse. C'était em sergent de São Paulo. Sa femme était *paraense*. Tandis que Gilberte était chez em sergent à Clevelândia, et elle étudiait à Oiapoque. Elle a étudié aussi à Belém, chez son frère, à l'école militaire de l'aéronautique. Beaucoup d'officiers de Clevelândia venaient nous visiter ici; ils étaient nombreux car ils changeaient assez souvent. Le Général Commandant de Belém responsable de Clevelândia venait nous rendre visite. Je leur parlais de mon terrain, ils me rassuraient et disaient: 'C'est à vous'. Je l'ai gagné moi-même em leur parlant. Le Ministre de la Guerre, Odilo Denis, est venu ici, nous visiter, ce devait être en 1960. J'ai gagné d'eux, d'un Général, un beau fusil avec une plaque à mon nom. C'était une chose difficile à l'époque. Un jour un Caporal et un sergent ont accosté ici à mon port et l'un d'eux m'a dit: 'Voici votre commande, voyez ce que c'est'. C'était un cadeau du Commandant. Je leur demande combien je leur dois. 'C'est un cadeau', me disent-ils, 'c'est le Général qui l'a envoyé pour vous'. 'Bon, merci'. Plus tard je suis allé à Clevelândia le remercier. Autrefois les gendarmes de Saint Georges étaient aussi mes amis et le médecin aussi. Maintenant je ne vais plus chez eux.

J'ai aussi connu beaucoup de *brigadeiros* de la FAB qui venaient ici, comme le *Brigadeiro* Camarão, Felipe Camarão. Nous avons fait, une fois, Bélém Oiapoque em deux heures, directement. Lui-même pilotait l'avion. Il m'avait dit: 'Demain vous irez avec moi'. C'était em 1968. Il était encore *brigadeiro*, em ce temps là, à Bélém. Il aimait beaucoup les indiens parce qu'il était lui même descendant d'indiens Bororo et jusqu'aujourd'hui il a encore des parents là-bas. Il a deux soeurs religieuses là-bas qui sont des femmes bororo, ses parentes."

Le rite d'initiation de la jeune fille, lors de sa première menstruation¹²

“Elle est recluse, isolée, dans son hamac suspendu au haut de la maison. Elle ne peut pas parler, ni dire un mot. Elle doit rester bien étendue, toute raide et droite pour ne pas rester courbée plus tard. Sans boire ni manger, elle ne peut rien demander. Ce n'est pas sa mère qui s'occupe d'elle, mais une autre personne âgée, parente, qui lave son linge sali et lui apporte à peine un peu d'eau et une bouillie blanche. Après la jeune fille doit rester assise dans son hamac et filer le coton toute la journée. Pour faire ses besoins la personne qui s'occupe d'elle la mène et lui couvre la tête avec un linge. Elle doit marcher bien droit et ne pas regarder autour d'elle. Elle marche avec un bâton de roseau à la main. Puis sa mère va rassembler beaucoup de coton, retirer les semences et empiler les gros flocons. Tout le village est invité pour assister au rite du coton brûlé. Cela se passe vers deux heures du matin. Toutes les femmes lui passent du coton qui brûle avec une flamme, et qu'elle passe rapidement d'une main à l'autre, devant subir l'épreuve sans se plaindre. Les femmes, chacune à leur tour lui donnent des conseils, lui recommandant surtout d'être agile et travailleuse et sans paresse à la tâche. Ces conseils sont récités en public, devant tout le monde. Après, vers six heures du matin, on lui donne du *cachiri* pour la faire vomir et la nettoyer à l'intérieur. On lui donne aussi des boissons achetées dans le commerce et des fruits. Elle ne goûte qu'un tout petit peu et jette le reste. Elle ne pourra pas manger de bananes pendant longtemps et avant d'en manger elle devra demander la permission à la personne qui s'est occupée d'elle.

Ensuite vient l'épreuve des piques des fourmis flammants, *as tocandeiras*. Mais toutes les jeunes se soumettront à l'épreuve avec elle. Ce sont d'abord les mains et les bras. Parfois on met deux jeunes dans un hamac et on leur verse littéralement les fourmis dessus. Elles ne peuvent pas se plaindre. Certaines sont courageuses d'autres moins. C'est pour leur donner de l'énergie et retirer la paresse.

Ensuite sa mère va l'habiller et lui mettre du linge propre. Elle ne peut pas encore aller à la rivière se baigner. Quand elle ira au bord de la rivière elle passera de l'*urucu* sur son corps. Autrefois on se peignait un peu le visage, juste quelques traits sur les joues, au dessus des yeux et sur le front. On utilisait une résine très odorante, l'*aracuseri*, que l'on mélangeait avec du *carajuru*, en portugais *pariri*. Il faut faire attention car c'est un poison d'une couleur rose lilas. Après toutes ces épreuves, elle sera prête pour le mariage.

Ce n'est pas elle qui décide ou choisit son époux, mais bien les parents. Si la jeune fille n'aime pas l'homme qui lui est destiné, elle peut refuser.”

12 Vide (MORAES, 2018).

Le mariage

“Si j’ai un fils et que je veux qu’il se marie, mon fils dira: “j’aime cette fille et je veux l’épouser”. Les parents s’informent pour savoir qui sont ses parents et s’ils sont des gens convenables, de bons parents. Les parents s’entendent entre eux. Le jour venu ce sera le père et non le fils qui fera la demande en mariage. Vers deux heures du matin ils partent. Le père du prétendant a fabriqué deux longues cigarettes de tabac enroulées dans du *tawari* (*ulemari*, en Galibi) et qu’il emporte avec lui. Arrivés, il appelle le père de la jeune fille. On se présente. On les fait entrer et asseoir. Il explique sa venue. Si la réponse est affirmative, alors on allume les cigarettes. On en donne une au père de la jeune fille et l’autre à sa mère. C’est un rite sacré, aussi sacré qu’un mariage à l’église. Si les parents de la jeune fille acceptent de fumer les cigarettes, c’est qu’ils acceptent formellement le mariage.

Même si un homme divorce, ou veuf, se remarie, lorsqu’il meurt sa vraie femme est celle dont les parents auront accepté les cigarettes ou celle qui aura été acceptée par le rite de la cigarette.

Puis la mère dit à sa fille: “maintenant tu vas apporter quelque chose à ton fiancé”, cela peut être une *coui* (*kuwai*) de bouillie de bananes ou autre chose. Le garçon de son côté apportera du gibier à sa belle-mère. Plus tard la mère dira à la jeune fille: “vas chercher le hamac de ton fiancé et rapporte-le à la maison”. C’est ainsi que le garçon va vivre chez ses beaux-parents et plus tard fera son *cabé*. Il peut aussi rester auprès de son père. Le beau-père l’appellera *Pariumã*, le père de mes petits enfants.

La belle fille ne parlera pas à son beau-père, par respect. Mais elle peut causer avec les beaux-frères. Maintenant le beau-père veut savoir si son gendre est dur à la tâche et habile à fabriquer les instruments de travail, s’il sait construire un canot, faire une couleuvre, *tipiti* et un tamis. S’il sait préparer un abattis. S’il ne satisfait pas ses beaux parents il peut être renvoyé. Dans ce temps là, celui qui ne savait pas faire ces choses était considéré comme un infirme, comme aujourd’hui quelqu’un qui ne saurait pas lire.

Pour la jeune fille, c’est la même épreuve. Sa belle-mère lui donne de lourdes tâches. Filer le coton, râper du manioc et préparer le *cachiri*. Elle ne peut pas être paresseuse. De bonne heure elle va au bain et puis prépare tout. Dès le matin elle est propre et bien habillée. C’est comme chez les civilisés, il y a des femmes qui sont comme cela, toujours en bonne tenue.

L’éducation des garçons était à la charge du père et celle des filles de la mère. Les familles sont discrètes et chacun reste chez soi. Même lorsque petit je ne sortais pas de chez moi. On disait toujours poliment bonjour aux grands-parents, on livrait un message, mais nous ne dérangions pas. J’ai toujours élevé mes enfants de cette façon.”



Plus tard Gérard Lod précisera encore:

“Si un homme se remarie sur la terre, à peine sa première femme est reconnue comme légitime au ciel. Même sans mariage civil ou religieux, la liaison entre les époux, consacrée par la coutume et l’accord des vieux et des familles, est sacrée devant Dieu.

Par exemple, mon grand père a choisi ma fiancée. On ne choisait pas sur l’apparence, la beauté, mais sur les qualités des personnes.

On appréciait le travail, la connaissance, l’intelligence, l’habileté. Le plus important pour les hommes c’était faire l’abattis, chasser, pêcher et tresser des paniers.

‘*Quem não faz tipiti não é índio*’. On ne voulait pas pour gendre un fainéant.

Pour les femmes le plus important c’est le tissage du coton, la céramique. Le coton c’est la première plante pour faire le hamac.”

Lod me dit qu’il a encore quatre hamacs dans sa case. Ses filles ne filent plus le coton. Sa femme, Caroline, est décédée. Marie-Egyptienne, sa soeur, a des rhumatismes aux doigts. Margareth fait des coliers aujourd’hui pour vendre aux touristes qui visitent le village, parfois.

La naissance des enfants

“Le nouveau-né est baigné tout de suite après sa naissance pour bien le nettoyer. Souvent dans les hôpitaux on ne les nettoie pas bien, on leur passe à peine un chiffon. Ceci n'est pas de l'hygiène. Quelques jours après la naissance sa mère lui passe de *l'urucu* sur la peau pour faire sortir la saleté et bien nettoyer la peau.

L'accouchée passe quatre mois sans aller à la rivière avec son enfant. L'homme obéit à des restrictions pendant huit jours. Il ne va ni chasser, ni pêcher, il ne peut pas boire de *cachiri*. Cela pourrait tuer son enfant.

L'enfant est conçu par le semen du père et ce qui fait grandir le fœtus c'est la providence divine. La femme enceinte doit prendre ses précautions. Ne pas manger de grosses bêtes pour que l'enfant ne devienne pas trop gros ce qui provoquerait un accouchement difficile. La femme accouche dans la maison, aidée par les femmes expérimentées. Le père peut assister et aider. On coupe le cordon ombilical, laissant un bon morceau, avec un couteau de bambou bien coupant. On enterre le placenta dans la maison, faisant un trou.

On donne de suite le sein à l'enfant. Le lendemain de la naissance, la mère réduit en bouillie un tout petit morceau de banane sans graines ni fils. L'enfant en sucera un peu du doigt de sa mère et dormira aussitôt. Il ne commencera à manger autre chose que vers le sixième mois. On donne le nom à l'enfant à la naissance. Les parents ou les grands parents choisissent le nom. Nous ne sommes pas comme les Blancs. Nous utilisons les termes de parenté pour nous adresser aux autres personnes. Dire, par exemple, Monsieur, ce n'est pas bon, cela ne veut rien dire.

Entre les Galibi, je saluerai un plus jeune comme fils ou petit fils. Un homme du même âge je l'adresse comme cousin, ou cousine, *mãé*. On utilise *opi* ou *wuopú* pour tante et *wawa* pour grande soeur. Les Civilisés ne font pas de différence entre les frères et soeurs plus vieux et plus jeunes.”

Les funérailles et les morts

“Si une personne meurt ici, tous les parents au loin seront avertis, à Cayenne, Kourou, Mana. Aujourd'hui on avertit par téléphone. Si les parents disent qu'ils viennent on conserve le cadavre plusieurs jours, pour attendre les personnes. Quand tout le monde est rassemblé on l'enterre. Le soir on chante et danse rituellement. Ce ne sont pas des danses de fêtes. Les femmes chantent de beaux cantiques émouvants qui font repenser tout le passé. Ce qu'elles disent est merveilleux. C'était comme une Bible. Nous connaissons tout cela depuis l'enfance. Je n'ai jamais voulu de prêtre car nous, les indiens, on connaissait cela depuis toujours. Elles chantaient toute la nuit et pendant la journée aussi. Elles évoquaient où le mort passerait, quand il arriverait à destination, comment il serait reçu par ses parents, le chemin qu'il va suivre. C'est très beau et instructif. On ne mange pas et on ne boit pas d'alcool pendant ce rite. Les hommes accompagnent les femmes et on danse autour du cadavre.

On mettait le mort dans un cercueil, parfois avec son hamac et la tête toujours en direction du levant.

L'enfant dans le sein de sa mère, a déjà sa maison là-haut et ses documents. Il a tout son matériel étalé sur sa table. Quand quelqu'un est prêt à mourir, on le sait déjà là-haut, car les documents sur la table commencent à se craqueler, à se déchirer et ainsi ses parents là-haut savent qu'il va arriver. Le document c'est un papier, comme un certificat de naissance, quand la personne meurt, il se déchire, c'est son attestation de décès. Les civilisés ne savent pas cela, je ne l'ai pas vu dans la Bible¹³.”

13 Selon Lod, il n'y a plus personne pour expliquer les choses correctement. Seulement son grand-père savait.

Des rêves

“Les chamanes rêvent pour entreprendre leur fonctions curatives. Quand un malade arrive chez lui, il ne chante pas. Il lui faut d’abord rêver et invoquer ses esprits pour faire le diagnostic. Ensuite il va chanter avec son *maráka*. Ses esprits arrivent et l’aident. Si la maladie est grave ils disent: “faisons vite, ne le laissons pas mourir”. Le chamane doit éloigner le diable et retirer l’esprit du malade des mains de l’invisible.

Une fois guéri le malade rétribuera la cure. Non pas avec de l’argent. Il fera du *cachiri*. Il ira voir le chamane et dira: “voici j’ai fait du *cachiri*” et tout le monde boira, mais le chamane en gardera une part, deux litres à peu près, séparés tout exprès pour les esprits. Le chamane chantera encore et les esprits invoqués seront contents de cette récompense. C’est ainsi que j’ai vu mon père et mon grand-père agir.”

La cigarette *Tawari*

“Elle peut mesurer 20 cm. Les chamanes s’en servent pour chanter. C’est une exigence des esprits. Lorsque j’étais petit et que mon père m’emmenait en visite au loin chez des parents, on nous faisait entrer et asseoir sur des bancs et la première chose qu’on offrait c’était une cigarette de *tawari*. Cela doit être un signe de fraternité. Ensuite la femme offrait du *cachiri* ou sinon un *xibé*, *tsamuru* en Galibi, de cassave, *aripá*.”

Chamanisme et religion

“Quand les prêtres ont commencé à nous baptiser, il y en avait un qui venait de la Guadeloupe, il a voulu nous confisquer tous les *maráka* des indiens. Il prétendait qu’ils invoquaient le diable. Un jour, il alla voir mon père qui était un grand chamane et il lui demanda: “Où est votre *maráka*?” Il lui répondit: “Il est dans ma *tocaye*, vous pouvez aller le prendre, je n’ai pas l’intention de m’en servir aujourd’hui”. Mais le prêtre n’osa pas y aller et le confisquer. Ensuite, le prêtre se mit à sermonner mon père. Mon papa laissa le prêtre dire tout ce qu’il avait à dire et puis, à son tour, il lui dit: “Ecoutez-moi, je vais vous montrer que j’en sais autant que vous. Vous, vous priez dans l’église et moi, je prie dans ma *tocaye* avec un *maráka*”. Lorsque mon père eut fini de parler, le prêtre, comme un enfant, en était ébloui, bouche bée et il s’aperçut que mon père savait tout et depuis ce jour-là, il ne toucha plus aux *maráka*.

Mon père était un bon catholique. C’est pourquoi je dis toujours que les prêtres ne nous ont rien appris que nous ne sachions déjà¹⁴.”



“Le Potá¹⁵ ce sont les indiens de brousse qui font ça, les Palikur, les Marworno et ceux du Curupi. Ils soufflent sur les autres, mais cela ne guérit pas. Parfois, ils peuvent guérir, mais c’est rare.”



14 Il y a un syncrétisme très bien articulé entre le catholicisme, ce qui est perçu comme partie de leur tradition, et la cosmologie amérindienne, en particulier le chamanisme. Et le raison pour laquelle ils méprisaient les pères missionnaires des XIXe et XXe siècles et le CIMI, qui ne comprenaient pas que tout ce qu’ils voulaient enseigner aux Galibi, ils le savaient déjà et très plus. Par conséquent, ils considèrent qu’ils n’avaient pas besoin de ses enseignements. La religion catholique a été introduit parmi eux par des missionnaires jésuites au 18ème siècle. quand ceux-ci sont expulsés, les Galibi continuent de se rencontrer, de discuter et de transmettre cet héritage des jésuites aux nouvelles générations. Pour cette raison, les missionnaires les plus récents, aux XIXe et XXe siècles, trouvent une société autochtone où le catholicisme est une tradition bien établie. Conséquence craintivement, ce sont des catholiques assez orthodoxes (voir: Collomb et Tiouka, 2000).

15 C’est quand le guérisseur ou le chamane souffle sur le malade ou une partie malade du corps, accompagné d’une prière et d’une gerbe d’herbes médicinales.

“L'ombre en Galibi se dit Akali comme l'esprit et l'âme.

Le chamane peut invoquer l'esprit de son maître, celui qui l'a initié, pour l'aider. Il peut invoquer aussi l'esprit de son père et grand-père. Les chamanes peuvent invoquer les esprits des morts.

On n'hérite pas les esprits de son père ou grand-père. La force du chamane est une conquête personnelle.

Et vous, madame, vous allez revenir à São Paulo comme une chamane.”



“Il y a une plante dont nous aimons beaucoup l'encens, *alakuseli*. Il a une résine de bonne odeur que nous, les Galibi, passons sur le front. Ici il n'y en a pas.

Urucu se dit *kusewe*. Il est important seulement pour la peinture. Une femme accouchée s'en passe lorsqu'elle va à la rivière ou à l'abattis, pour retirer son odeur qui pourrait attirer les esprits. Les jeunes initiés, quand ils sortent de leur retraite, les femmes leur en passent sur les jambes. *L'urucu* c'est le service des femmes, le chamane ne l'utilise pas. On en passe sur les nouveaux-nés pour nettoyer leur peau, enlever les saletés. Les enfants d'une femme enceinte ne vont pas à la rivière, pour y aller on leur passe de *l'urucu*. Mais on n'en mettait pas sur les objets, pourquoi faire? Pour les salir? On utilisait aussi le *jenipapo* pour les peintures.

Aramari c'est le nom d'un serpent. Ceux qui savent faire les dessins de ce serpent savent tout faire, comme quelqu'un qui est passé par l'université; je n'ai pas besoin de vous en dire plus.”



“La *tokaye* était en paille, bien fermée de 2 à 3 m de largeur; c'est le lieu où le chamane reçoit les esprits et dialogue avec eux. Le *maráka* y est déposé en permanence. D'autres peuvent y entrer comme les chamanes, jeunes initiés, même des femmes peuvent y avoir accès à moins qu'elles ne soient indisposées.

Le chamane possède deux esprits protecteurs, l'esprit d'en haut et l'esprit d'en bas, de la terre.

Tuka-yána est l'esprit d'en haut et au premier appel du *maráka*, il est déjà là. Il arrive comme une luciole, sous la forme d'une lumière, comme une pointe de cigarette, et se dépose sur le genou, la cuisse du chamane.

Pompono, est l'esprit d'en bas, de la terre. Il arrive après *Tuka-yána*. Il aide aussi. À eux deux ils peuvent arrêter et éloigner le mal. Ce sont de bons esprits. Chacun a plusieurs esprits mais ces deux ne sont que du chamane. Tout le monde, par contre, a un esprit protecteur, un ange gardien, *Akali*.

Les animaux, les poissons ou plantes n'ont pas d'esprit, ce sont les maîtres des poissons, du gibier et des plantes qui ont un esprit, mais pas les animaux.

Quand le chamane doit réaliser un travail difficile, il doit d'abord rêver. En songe l'esprit va lui montrer de quoi il s'agit, ce qui arrive à un malade et peut-être la cause du mal. Cet esprit ce sont *Tuka-yaná* e *pompono*.

Si le cas est grave, s'il y a urgence, les esprits arrivent de suite dans la *tokaye*. Sinon, le chamane commencera par chanter et ils arriveront plus lentement.

Ce sont eux qui vont arrêter et repousser les mauvais esprits, comme des policiers. Ils affaiblissent les mauvais esprits. Une fois contrôlés, ces mauvais esprits peuvent entrer dans la *tokaye* et on peut commencer à dialoguer, à négocier. C'est un peu comme un *delegado* qui fait asseoir devant lui l'accusé et lui fait avouer ses méfaits. Les bons esprits peuvent demander aux mauvais esprits de se retirer du corps d'un malade. Parfois on les entendait dialoguer à trois voix là-dedans. Et on écoutait ce qui se disait. Dans ce sens les séances sont publiques.

Les Arbres chargés d'Esprits sont l'*arari*, le *takini*, le *parika*, l'*apuculiwa*, le Fromager appelé en Galibi *kumaka* et en Portugais *samaumeira*. Il y en a d'autres que je ne connais pas. On ne mange pas leurs fruits. Mais le maître-chamane retirait la sève du *takini*. C'est une sève sucrée et elle a la couleur d'un sirop de caramel. Il en donnait un peu aux initiés pour leur permettre d'entrer en contact avec les esprits. On en donne aussi un peu, parfois, aux malades, cela fait sortir la maladie de leur corps."

Histoire d'Epakanon

"Ce mot veut dire apparaître. C'est sur la Mana que ceci est arrivé, à un endroit appelé *Ulemali unti* en Galibi, car il y avait un arbre *tawari* (*ulemali*) là-bas. Ceci se passa avant l'arrivée des Blancs. Un homme sabrait son abattis, il travaillait, c'était un chamane. Les oiseaux *Txicuã*, en portugais, les oiseaux diables, de couleur marron, poussaient des cris: txi txi. Le chamane leur dit: "parlez clairement car je ne comprends rien. Je veux savoir ce que vous avez à annoncer, le bon ou le mauvais, mais ainsi je ne comprends rien". Un peu fatigué, l'indien s'assied, s'arrête un peu et regarde devant lui lorsqu'il voit venir un homme. Il lui dit bonjour. L'homme lui demande "que faites-vous comme ça?" Je fais mon abattis. L'homme dit: "c'est moi qui parlait avec les *Txicuã*", et ajouta-t-il "je viens annoncer une bonne nouvelle, je suis l'envoyé de Dieu", notre créateur, *Kekanamon*, le créateur, celui qui fait tout. "Laissez votre abattis car il vous arrivera quelque chose de bon". L'homme tenait à la main une toute petite calebasse, une petite coui, *kuwai* en Galibi. Ils s'assirent et causèrent. L'homme lui dira tout ce qui va arriver. "Goutez un peu de mon cachiri", dit-il. L'indien se demanda: "pourquoi m'en donne-t-il si peu alors que j'ai tellement soif". L'homme semble avoir compris sa pensée. L'indien se met à boire mais le *cachiri* ne cesse de couler, jusqu' à lui remplir l'estomac. C'était comme un miracle.

L'homme lui dit ensuite "vous pouvez laisser votre service, votre travail et rentrer chez vous". Arrivé chez lui, comme c'est l'habitude, sa femme lui avait préparé quelque chose à manger mais l'indien lui dit: "ce n'est pas la peine, je n'ai ni faim ni soif". Sa femme ne dit rien mais se demanda ce qui était arrivé à son mari. L'indien s'en alla prendre son bain et puis il alla chercher son *tawari*, enroula son tabac et se mit à fumer des cigarettes. Un peu plus tard il a mis de l'ordre dans sa *tocaye*. L'après-midi il dit à sa femme: "allez avertir tout le village pour que les gens restent bien calmes, qu'il n'y ait aucun désordre, et que les chiens soient attachés". Il dit ensuite à sa femme, "toi tu vas rester ici et tu vas écouter ce qui va se passer".

Vers six heures de l'après-midi l'indien est entré dans sa *tocaye*. Il a secoué son *maráka*, mais ses esprits étaient déjà là, au premier

son. Ils lui disent, "celui que tu as rencontré à l'abattis arrive". La femme écoute ce que les esprits disent et les indiens arrivent et se rassemblent dehors pour écouter ce qui se dit. L'homme que l'indien avait rencontré dans l'abattis arrive, mais les autres ne le voient pas. La *tocaye* était fermée. Il a tout expliqué au chamane et les autres, dehors, écoutaient.

Ça c'était le premier jour et il n'était pas encore apparu aux autres. La seconde nuit sont arrivés encore deux hommes de là haut, la troisième nuit, trois hommes et la quatrième nuit, quatre hommes. Et à ce moment là ils apparurent aux autres. Ils parlaient avec les villageois à distance, sans les toucher, car ils étaient purs. Après cela d'autres sont encore descendus. Les hommes sur la terre n'avaient plus besoin de travailler, ni de chasser, le *cachiri* qu'ils avaient préparé ne tarissait pas. Il y avait toujours à manger.

On pouvait voir comme un escalier qui montait là-haut et il y avait comme un drapeau, une espèce d'étendard qui tombait jusqu'au sol et qui brillait comme le soleil. Ici c'était la fête tout le temps, elle ne terminait jamais. La bonne nouvelle s'était déjà répandue, dans tous les villages. Les indiens arrivaient, de toutes les races, et ils venaient de loin. La grand-mère de mon grand-père, de Organabo, est allée voir. Elle a tout vu. Elle a assisté à tout. Cette grand-mère s'appelait Kouta, Ikéwe. Elle était jeune fille à ce moment là. Elle nous raconta tout. Le Dimanche, disait-elle, il n'y avait pas de fête, seulement des explications. Il y avait un homme parmi ceux qui étaient descendus qui était en robe blanche et avait une longue barbe. Il expliqua comment cela se passait dans le ciel. Ce qui arrive après la mort à celui qui fait du mal sur la terre, à celui qui fait du bien, à celui qui commet l'inceste. Il expliquait tout aux indiens. Il parlait du feu éternel, de l'enfer.

L'homme en blanc, mon aïeule disait que c'était Jésus, le bon Dieu en personne. Il était là parmi les autres. L'indien chamane, celui qui avait rencontré le premier homme venu d'en haut, dans son abattis, resta dans sa *tocaye*, faisant un régime, sans manger ni boire et ceci pour pouvoir se métamorphoser, comme font les cafards, comme s'il retirait une chemise, pour se transformer en pur et ne plus mourir.

Mais une fois terminé, une femme, d'ici sur la terre, retira une frange de l'étendard pour attacher à la pointe de son *sépou*, un ornement qu'elles serrent autour des jambes, sous les genoux

et leurs chevilles. Quand le Bon Dieu s'aperçut de ce sacrilège il ne fut pas content, car l'étendard n'était pas quelque chose d'ici, des humains, on ne pouvait pas y toucher, il n'aurait pas fallu y toucher.

Sur ce fait, tous les hommes d'en haut disparurent, même l'échelle disparut. Avant de partir l'homme en blanc leur dit: "je vais vous punir". Après cet épisode, les indiens qui étaient assemblés, s'en vont dans la nuit, chacun dans son canot. Ils se cachent pendant le jour et voyagent la nuit. Le Bon Dieu avait envoyé le démon de l'obscurité.

Autrefois cet endroit, où cela s'est passé, était considéré mauvais, mon père me disait que lorsqu'on en approchait on allait doucement et on parlait bas. Mais maintenant tout est bien. L'endroit où ceci se passait c'était Kubari, en créole. Epakanon est important non seulement pour les indiens, mais pour tout le monde."

Histoire de l'*urubu rei*

“*L'urubu* est le roi des charognards, c'est ce que les brésiliens appellent *urubu-rei*.”

En Galibi, *Kurumu*, noir, c'est l'*urubu* commun, l'*urubu-rei* c'est *Anuána*, le chef qui habite (au ciel) en haut. Si un gros gibier ou même un homme meurt en brousse, les *Kurumu* vont avertir leur chef *Anuána* et celui-ci viendra aussitôt. Si vous avez l'occasion d'assister à la descente de cet oiseau, vous entendrez une forte détonation, comme une fusée. Ils descendent à deux, un mâle et une femelle. On entend un bruit là-haut, comme “*um jato*”, et l'oiseau descend à une grande vitesse. L'*Anuána* mange la bête et l'homme aussi. Il y avait un jeune homme autrefois, l'*Anuána* avait une grande cape noire, *icheourou*, et ce jeune homme voulait la retirer de l'*Anuána*. Comme il n'y arriverait pas, il décida de faire le mort. Il ramassa beaucoup de merde et en passa sur tout son corps puis il se jeta dans la brousse. Les charognards arrivent, les *kurumu*, lui donnent un coup de bec. Ils vont appeler leur chef *Anuána*. Le jeune homme avait préparé sa massue, *putu* en Galibi. Les *kurumu* sont arrivés, voulant s'assurer qu'il était bien mort et apportant le banc de l'*Anuána* où celui-ci s'assied quand il descend. *Anuána* arrive avec sa fougue habituelle. Mais le mort ou soi-disant mort l'attendait. Quand l'oiseau voulut le déchirer avec son bec, il lui asséna un rapide coup de massue. Il lui retire sa cape noire et la suspend, étendue. Puis le jeune homme revêtit la cape et d'un seul coup il se sentit soulevé, par dessous les ailes, avec une grande force et d'un coup il monta vers le ciel. Arrivé là-haut, il ne sut plus comment descendre. Comme il était impur, le Bon Dieu le rejeta sur la Terre. Je ne sais pas bien dans quel état il arriva, mais enfin c'est lui qui raconta cette histoire.

Vous vous souvenez l'histoire du petit garçon que Dieu va rendre pur, lui enlevant sa carcasse jetée aux urubus. C'est pourquoi, madame, notre corps, ce qui plus tard ne sera que pourriture, c'est à peine comme une chemise que l'on retire.”

L'Arbre Fromager et autres plantes

Cet arbre est respecté par toute la population, les indiens, les créoles et même les français. On ne le trouve jamais coupé. Lorsque les légionnaires ont fait la route Cayenne-Régina, au croisement du carrefour, de l'embranchement avec Cacao ils ont dû dévier la route pour ne pas couper un fromager et qui d'ailleurs existe toujours. Il a des fleurs blanches qui tombent et font un tapis. On en faisait autrefois des oreillers.

Gérard Lod nous explique:

“Il y a le maître des bois. Toutes les plantes ont un maître, ce sont des êtres vivants. Il y a des plantes simples qui n'ont pas de maîtres ou des maîtres pas très forts. D'autres plantes sont mystérieuses, elles ont des maîtres forts, bons et méchants comme les chamanes. Il y a des médecins bons et prévoyants qui font un diagnostic juste et qui appliquent le remède dans sa juste mesure aussi. Même d'une personne morte ils pouvaient dire quel est le mal qui l'avait tuée. Les Européens, malheureusement, n'ont pas compris la sagesse des indiens et n'ont pas pu profiter de leurs connaissances.

Beaucoup de plantes ont des maîtres forts.

Il y a le mururê, tawên (en créole), takini (en Galibi), c'est un arbre. Un autre arbre important c'est l'Arari, en brésilien ça s'appelle pau-mulato. Le tronc est vert et lisse, il brille comme s'il était verni, tout lisse et propre; c'est un arbre vivant et qui se manifeste en esprit. Si vous le coupez innocemment, il ne vous fera rien, mais si vous le connaissez et le coupez en toute conscience il vous arrivera malheur. Une fois Julien est allé en forêt près de Mana avec un prêtre. Ils ont accosté. Le prêtre a voulu couper des branches d'Arari pour y pendre son hamac. Les indiens l'ont averti. Il a insisté à y suspendre son hamac. La nuit il a été poursuivi par les esprits et il a du déguerpir.

Il y a aussi l'invisible, maître du tabac. Les chamanes invoquaient les esprits à l'aide du tabac.

Les plantes cultivées ont aussi leur maître. Le manioc a son maître.

Kwamaraka (galibi) c'est le maître invisible du poison, de la plante qui donne le poison. Cet esprit aurait l'apparence d'un oiseau. Il vole, car on l'entend en l'air, la nuit: kã, kã, kã. S'il entre dans votre ventre c'est la mort certaine, seulement un bon pajé peut le retirer et encore faut-il que ce soit sans tarder. C'est le pajé qui diagnostique ça.

Il y a aussi un petit oiseau, un genre de pigeon, otolan (en Galibi), rolinha en portugais, et une plante, tougourvé en Galibi, mais aussi nommée otolan, qui ont des pouvoirs magiques à distance. Quand, par exemple, un chamane est seul au village car ses enfants sont au loin, s'il se languit, il prend une plante comme le tougourvé et en fait une décoction et se baigne avec son eau. Son pouvoir fait que cette plante ou son esprit voyage jusqu'aux enfants, ceux-ci se sentent touchés et reviennent immédiatement."

Conversas

Ce martin Mathilde est venue visiter sa soeur Caroline et lui a apporté une plante *cupiê* qui pousse près de sa maison pour lui faire une boisson, un médicament pour sa maladie.



Le 28, dans l'après-midi, j'ai bavardé longuement avec Marguerite, mariée à Guy Hupin, 61 ans, un français de la métropole, professeur retraité. Elle est née en 1952. Elle me dit qu'elle est la plus jeune de 11 enfants. Caroline est la seconde et Mathilde la troisième. Ses parents étaient de Couachi. Lorsque les deux grandes soeurs sont parties avec leurs maris à l'Oyapock, sa mère fut prise de tristesse, pour elle c'était comme si ses filles étaient mortes. Elle cherchait leurs traces et ne les trouvait pas. Quand Marguerite est née ses soeurs étaient déjà parties donc elle n'a pas vécu cet épisode.

Selon Marguerite sa mère attribuait le départ de certaines familles à une épidémie qui affligeait Couachi à l'époque. Des enfants sont morts. Il y a eu à cette occasion de fortes accusations de sorcellerie. Après le départ de Gérard Lod et des siens la commune s'est dispersée. La famille de Marguerite est allée à Pointe Isère où elle est née. D'autres sont allées à Terre Rouge, Pointe Isère, Aouara. Elle a été à l'école chez les soeurs à Mana, à la maternelle. Plus tard la famille s'est installée à Saint Laurent, au village Paddock car son père, un gros fumeur, était tuberculeux et interné à l'hôpital. Ensuite sa mère est aussi tombée malade. Aujourd'hui ils sont morts.

La femme venue de l'océan

“Il y a des villages et des villes au fond de l'eau. Sur l'Oyapock, un peu plus en aval, il y a une femme invisible au fond de l'eau. Elle possède des animaux domestiques, comme chiens et poules qu'elle ne laisse pas sortir. Ils sont enfermés dans des cages. La grande couleuvre ce qu'on appelle la *Cobra Grande*, se dit en Galibi *Tuna-aguru*, c'est à dire maître de l'eau ou mieux encore, la saleté, le mauvais de l'eau. Cela peut-être un homme ou une femme. Il peut prendre la forme d'une baleine en venant à la surface. Une fois chez nous à Mana, la marée haute et très forte a fait échouer une baleine sur la plage. Elle est arrivée blessée du côté du coeur. Tous les indiens se sont rassemblés sur la plage. En fait c'était une femme que son mari, avec une flèche, avait blessée à mort. Nous l'avons su de la façon suivante. Le chamane, oncle de mon beau père, voit la situation dans son rêve, ensuite reveillé il prit son *maráka* et se mit à chanter. Avec le chant l'esprit de la femme est venu vers lui et lui a raconté ce qui lui était arrivé, elle s'appelait Macouniamo et venait de l'océan.”

Histoire qui raconte pourquoi le sexe du peixe-boi, le lamantin, et du boto, le Marsouin est comme celui des femmes:

“Il y avait deux soeurs qui se baignaient dans la rivière. Elles s'amusaient à représenter des animaux aquatiques, l'aînée, le *Peixe-Boi* (*Jarawa Xiquiassu*) et la plus jeune le *Boto*, le Marsouin" (*Iririkura Xiquiassu*). Puis elles s'amusaient, mais jamais plus elles ne sont sorties de l'eau.

Le *peixe-boi* suit les bateaux remplis de bananes jusqu'à ce qu'on lui en donne, il en a besoin pour son petit, car les indiens donnent des bananes à leurs enfants. Si on ne leur jette pas de bananes, ils continuent à suivre le bateau, ils ne lâchent pas le canot. Le Marsouin emmènent les navigateurs jusqu'à terre car autrefois c'étaient des gens comme nous. Tous les indiens connaissent cette histoire à Mana. Nous sommes les descendants des anciens, c'est pourquoi nous savons toutes ces choses.”

Initiation du chamane

“Il a besoin d'une sévère préparation. Mon grand-père était un bon chamane et mon père aussi. C'est par le chant qu'ils appellent les esprits. Le chamane a une espèce d'ange gardien qui le protège, c'est l'*Acári*.

L'entraînement est très dur. Pendant huit jours il doit rester enfermé dans un carbet bien fermé, sans boire ni manger. Il doit fumer tous les jours et boire du jus de tabac vert. Il doit chanter toute la nuit. Parfois ils sont plusieurs à être initiés. Un vieux chamane s'occupe de sa formation. Ce chamane va chercher du *mururé* dans la forêt, il en tire la sève et lui en donne un petit peu à boire. De suite le débutant se sent comme s'il était malade depuis un mois, tellement il se sent affaibli. Il a des frissons, des tremblements et il gémit de faiblesse. C'est le maître du *mururé* qui provoque cet effet. Puis il chante pendant plusieurs nuits de suite jusqu'à pouvoir entrer en contact direct avec le maître du *mururé*, son esprit, qui lui dira quels sont les bons esprits qu'il devra garder et quels sont les mauvais qu'il devra rejeter, renvoyer. Une fois initié, le jeune chamane pourra entreprendre de guérir. C'est comme chez les blancs, il y a de bons et de mauvais médecins. À l'hôpital de Saint Laurent il y avait une fois un ancien bagnard qui était bon du bistouri. Toutes ses opérations étaient réussies. Il n'avait pas fait d'études spécialisées, c'est un infirmier, bagnard lui aussi, qui lui avait tout enseigné.

Finalement, le chamane, son maître, va préparer une forte boisson avec du jus de tabac et du *cachiri* bien fort, pour que le jeune initié vomisse et se nettoie l'intérieur. Le chamane évitera certaines nourritures, les femmes indisposées et les accouchées.

Ils vont chercher des fourmis (*inkú*), *tocandeira* (*irako*), elle a du venin. Ils vont recevoir l'esprit de ces fourmis qui aidera le *pajé* dans ses guérisons. C'est pourquoi Il faut en avaler quelques unes vivantes. Cet esprit de fourmi accompagne toujours le *pajé*. Il boit la fourmi avec le *cachiri* et il est tout ivre; mais c'est ce qui lui donne de la force.

La fourmi a un maître qui est fort. Il est toujours avec vous et vous aide. C'est un bon esprit. Il vit sur terre.”

Lux: "Y avait-il autrefois plus de bons esprits et maintenant plus de mauvais?"

"Non, madame! Il n'y avait pas plus de bons esprits mais de meilleurs *pajés*! Les gens ne vont plus au fond de l'eau car quelque chose est arrivé à un certain moment. Aujourd'hui il n'y a plus de communication possible. C'est comme Israël et les palestiniens."

La relation entre noirs et indiens en Guyane¹⁶

"À Mana, nous avons un certain contact avec les noirs. Les noirs africains ont de grands chamanes. Ils savent faire des remèdes.

Les missionnaires français faisaient une différence entre les noirs et les indiens de Guyane. Jusqu'en 1935 les indiens de la Guyane n'étaient pas baptisés. Mais les noirs, ils les baptisaient. Les missionnaires ont pris nos terres et en échange ils nous ont fait cet affront. Pourquoi ont-ils fait ça avec nous? Je ne peux pas vous dire. Moi-même je n'ai été baptisé qu'à 14 ans et ma femme a été baptisée à Albina, un village Galibi du côté hollandais. En 1935, un prêtre, je crois hollandais, qui était à Cayenne puis fut envoyé à Mana, Gérard Dummènes, fut le premier à nous baptiser. Il a envoyé nos filles étudier chez les Soeurs. En 35, j'ai commencé à aller à l'école. Je savais déjà l'alphabet. Deux vieux noirs vivant à la Pointe Isère étaient de nos connaissances. La femme, Victoria, me disait qu'elle me baptiserait, elle était d'Ouanary. C'est son mari, Pompilisse Boré, qui m'a enseigné l'alphabet. Ce noir, il avait fait la guerre de 14, en France, il était sur le front. Beaucoup de noirs d'Ouanary et de St Georges aussi sont morts à la guerre. Il y avait un noir d'Iracoubo, Joseph Saibou, il est revenu, lui, complètement sourd. Des obus avaient éclaté tout autour de lui, l'ensevelirent jusqu'à la poitrine et lui crevèrent les tympans. Il était analphabète, mais il est revenu la poitrine chargée de médailles et plein de décorations. Il avait sauvé beaucoup d'officiers et même tout un régiment.

Au 14 juillet, quand venaient les autorités, les militaires, ils allaient tous lui rendre visite et le saluer. Il nous racontait tout sur la guerre, comment ça s'était passé et c'était bien intéressant. Il est mort maintenant."

¹⁶ Les Noirs font partie de la vie des Galibi. Ils font partie des relations historiques à des moments et aussi dans des contextes différents. Pour Gérard Lod, 'noir' est une catégorie très présente, avec ses particularités. Les noirs ont épousé des Galibi; les Galibis travaillaient avec les noirs. Ils sont parfois leurs parrains, amis, et surtout des guérisseurs et sorciers reconnus. Sur l'autre rive de l'Oyapock, Lod avait et a encore de bons amis noirs. Il dit que le pape prêche la fraternité entre toutes les races, et se demande pourquoi le Brésil maltraite ses noirs. Lucila dit que son grand-père était un grand *pajé* qui chantait avec son *maráka* la nuit et beaucoup de gens venaient se soigner auprès de lui, surtout les noirs de la rive guyanaise de l'Oyapock.



“Une dame, notre voisine, africaine, connaissait bien les remèdes. Elle était arrivée d’Afrique dans le ventre de sa mère.

N’importe quelle maladie elle disait: ‘Ça ce n’est rien, c’est un jouet pour moi! Moi j’ai passé trois ans à souffrir, Madame! Je souffrais tellement que j’en pleurais et ma mère aussi. J’avais 21 ans. Un jour je me suis dit, il faut que je guérisse, c’est maintenant.

Je vais avec mon père à Mana, chez mon parrain. Notre voisine, Ana Atré, nous reçoit. Je lui dit bonjour et, sans attendre je lui révèle la raison de ma visite: ‘Je suis malade!’ Elle me dit: ‘Mais mon petit, pourquoi as-tu tellement souffert? Tu me connais pourtant!’ Elle avait dans son jardin toutes sortes de remèdes. Elle m’a demandé si j’étais courageux. Oui, ai-je répondu. ‘Bon, tu vas me donner cinq francs pour acheter à la pharmacie des soeurs, du coton et du lin. Il me faudra un litre de tucupi du jour, frais.’

Mais mon père était déjà reparti à notre village, à Couachi. Mon parrain va chercher le tucupi à la Pointe Isère, à la pagaie. “À six heures du matin je serai de retour”, dit-il. Il pagaie avec un gros canot. C’est loin et dur. Je ne sais pas comment il a réussi cette épreuve. Encore aujourd’hui cela m’étonne.

Ana Atré me dit: ‘Fais tout ce dont tu as besoin, pisser, faire caca. Quand je t’appliquerai le remède tu ne bougeras plus.’ J’appelais Ana Atré ma mère. A cinq heures elle m’a assis sur un banc, tous les remèdes étaient prêts. Elle a appliqué le remède sur les parties du corps où je souffrais. ‘Un peu plus tard, tu sentiras une grande douleur’, me dit-elle. ‘C’est tout, et demain tu seras guéri.’

Je suis parti, j’ai mangé et je me suis couché. La femme de mon parrain me dit:

‘Sens- tu quelque chose?’ ‘Non!’ Plus tard j’ai ressenti de fortes douleurs. A minuit les douleurs étaient insupportables. Ma marraine me disait, courage! et elle a passé une nuit blanche avec moi. Elle a posé ma tête sur ses genoux et elle m’éventait pour me rafraîchir. Vers quatre heures du matin ça allait mieux, et à six heures, encore mieux. Après trois jours tout était fini et je n’ai jamais plus été malade.

Ce qui est arrivé c’est un sort qu’on nous avait jeté, un *feitico*. Ce n’était pas pour moi mais pour mon père. Mais comme je suis passé par l’endroit où la ‘chose’ était enterrée, à Couachi, c’est moi qui ai attrapé le mal. Je ne sais pas de quel remède était fait ce *feitico*. Les descendants d’africains savent beaucoup de choses. Ils avaient du pouvoir. Ils laissaient leurs portes ouvertes et aucun voleur n’entrait dans leur maison. Ils avaient peur car les africains voient tout ce qui se passe.

Ana Atré voulait me repasser tout ce qu’elle savait, elle voulait me le donner, mais elle n’a pas eu le temps. Et maintenant je n’ai rien. Elle est morte de mort subite.”

Les histoires de notre père

“ Cette histoire que les hommes descendent du singe c’est absolument impossible.¹⁷ Nous ne sommes pas des descendants des singes, madame; ceux qui étudient beaucoup souvent se trompent. C’est ce que les blancs, parfois, n’arrivent pas à comprendre.

Os bichos são mesmo como gente. É Deus que nos fez, e deu a inteligência aos macacos também¹⁸. ”



Dans l’après-midi Lod va en forêt chercher une écorce de l’arbre *yaya*.

“ C’est le nom que les indiens donnent à cet arbre. Je vais essayer de soulager les douleurs à la jambe de mon beau-frère Joseph Jean-Jacques. Je vais expérimenter ce remède, car les médecins ne trouvent pas de solution. C’est pourquoi je vous dis que comme je crois en Dieu je crois aussi au mal, car je suis déjà passé par là. ”



“ Vous pouvez faire un secret de chasse, du feu, par exemple, pour tuer de petits pécaris, les *patira*, ils ont une tache blanche sur la poitrine. Mais vous ne tuez que ceux dont vous avez besoin et vous laissez le reste. Les *patira* ne vous voient pas à cause du feu qui les éblouit. Alors vous pouvez les tuer. Ça c’est bon, ce n’est pas un pacte avec le diable. C’est quelque chose que vous essayez et vous ne le faites pas tous les jours. Il y a d’autres secrets de chasse pour d’autres animaux, je ne les connais pas tous. Par exemple l’agouti, il y a une plante spéciale pour pouvoir le tuer. La mère des bêtes de l’océan, le grand esprit maître de l’eau, c’est *tuna aguru*. Cela inclut la faune aquatique et les oiseaux qui habitent sur les plages et au bord de l’eau. L’eau, c’est *tuna*.

Les oiseaux de la brousse ont un autre maître - *tonoro sano* ou *tonoro yumã*.

17 Nous voyons le soir, à la TV Globo, un reportage sur des singes “intelligents qui savent compter”

18 C’est la théorie de perspectivisme avec une touche chrétienne. Les singes étaient des gens, avant la rupture.

l’Esprit-Maître du gibier (tous les animaux que nous mangeons) c’est *yumã* - *Tonomã*.

Les insectes ont aussi des maîtres-esprits. *Mengoshi yumã* c’est le père et la mère des fourmis.

Le grand esprit maître de la brousse c’est *Itchuruaborem* ou *itchuruaguru*, *itchuru*, la brousse, *o mato*, et tout ce qui s’y trouve, papillons, chenilles, serpents, insectes.

L’océan c’est *Parana aguru*, *Parana porema*.

Les blancs ont les appellent *Paranaguru* car ils venaient de l’océan. Vous, madame, vous faites partie de l’océan. ”



“ Les indiens de l’intérieur étaient méchants et sauvages, nous les appelons *Txioto*, c’est-à-dire toutes les races de la forêt. Ceux qui vivent en amont, aux sources des fleuves. Nous, au contraire, nous sommes des indiens de l’océan, de la côte, c’est tout à fait différent.

Les noirs Djuka du Surinam viennent du Brésil, ce sont des évadés de l’esclavage qui sont partis vers le Nord, guidés par des indiens. Il y a bien longtemps, il y avait même des blancs parmi les communautés noires.

Les Saramaka de Tampac, il y a longtemps qu’ils sont là. Ils sont venus travailler et ont fini par rester là, au bord de l’Oyapock. Os Marworno eram daqui, do Uaçá, Amapá, Cunani, Maricá, Araguari, Calçoene e Macapá. ”

Des esprits et des astres

“Il y a des bêtes du fond de l'eau qui montent sur le sol, ce sont les *Pakirarou* et qui ressemblent aux *Pakira*, mais ceux-là n'avaient qu'une patte arrière. Ils étaient très dangereux et vivaient au fond de l'eau. La nuit, ils montent au bord de la rivière. À Couachi il y en avait. Leur cri était comme celui des *Pakira*. Couâ! Couâ!

Mon grand-père nous disait: “Faîtes bien attention. Ils sont soumis à l'Esprit-Maître des Eaux”

Quant à l'esprit de l'orage, il se nomme *Urain-mâre*. Quand il arrivait à Couachi, on l'entendait de loin, il venait du Sud et se dirigeait vers le Nord. Cet esprit avait des amis à Couachi, il s'appelait aussi *Tari iurawa* et il n'était pas méchant. Il visitait mon père et mon grand-père, chamanes, et qui le connaissaient. Mon papa rêvait qu'il arrivait, il chantait et après il venait causer avec lui.

Au mois de mai, lorsque les sept étoiles montent dans le ciel, les enfants doivent se lever tôt. Un enfant qui dort jusqu'à tard vieillit très vite. Aussitôt réveillés, les enfants allaient se baigner, comme nous faisons encore aujourd'hui.

Les astres, les sept étoiles, agissent sur les humains, et aussi sur les plantes. La lune agit sur les femmes. Ne sont-elles pas indisposées tous les mois? C'est la lune qui fait celà. La lune s'appelle *Nuno*, elle agit sur l'eau, les marées, les plantes et les humains.

Quand la lune change, il pleut. La lune est un astre plus petit que la Terre. Mon grand-père prenait un verre à champagne, à la longue tige, et regardait la lune à travers, il disait que de cette façon il voyait les gens qui allaient de ci et de ça.

Lorsqu'il y a une éclipse du soleil ou de la lune, quand ils croisent leurs chemins, ils se coupent à coup de sabre et ils paraissent saigner. Autrefois, les vieux indiens, quand ceci se produisait, ils tiraient des coups de fusil ou tambourinaient sur les platines des fours pour réanimer l'astre affaibli par ses pertes de sang.

Après une éclipse, autrefois, les anciens emmenaient les enfants au bord de la rivière et les lavaient dans la vase, dans la boue pour nettoyer le sang tombé de la lune.

Les indiens aimaient beaucoup la *cassave*. Une indienne, une fois, avait laissé de la *cassave* dans un tamis couvert d'un linge. Après une éclipse, le jour suivant, la *cassave* était ensanglantée. C'était le sang de la lune qui avait coulé. Les indiens ont jeté cette *cassave*. Le soleil saigne aussi à cette occasion.

En mars dernier, lorsqu'il y a eu l'éclipse, vers une heure de l'après-midi nous étions tous ici, Alexandrine a été chercher des pélicules et nous les avons mises devant nos yeux et nous avons pu voir très nettement l'éclipse du soleil.”

Objets et Souvenirs

“Le *maráka* est notre objet le plus sacré. Les objets, eux-mêmes, n'ont pas de maîtres esprits. C'est une coui percée de petits trous. À l'intérieur de petites pierres, claires comme des morceaux de cristal que l'on trouve aussi au bord de la mer.

Les pierres appartiennent aux esprits du haut, de la terre et du fond de l'eau. C'est pourquoi elles 'pipoquent', se brisent avec un son léger et se reproduisent. À travers ces esprits les bons chamanes invoquent et guérissent les malades. Le chamane lui-même ne voit rien, il est comme tout homme. Ce qui voit c'est l'esprit *AKARI*, l'ange gardien. Nous appelons aussi l'âme *Akari*, ainsi que l'ombre. Ce sont les hommes qui font le *maráka*, mais seulement les chamanes. Les femmes, dû à leur indisposition, ne sont pas chamanes. Vous qui êtes vieille et écrivez tout le temps, vous allez finir chamane.

Mon papa était gaucher et jouait de la main gauche.

Quand j'étais petit, je chassais beaucoup d'igouanes, *camaleão*. Avec mon cousin, on allait en forêt en tuer sur les palétuviers. Un fois, j'en ai chassé un, et dans son ventre grossi il n'y avait pas de petits, mais un *mani*, c'était une pierre dans le ventre de la bête. Celà donne de la chance à la chasse.

Ma mère me confirma que c'était le *mani* de l'igouane. 'Tu le passeras sur ton front avant d'aller à la chasse à l'igouane.'

Même d'ici, sur les touffes de lierre, ou même sur l'île d'en face, je voyais les igouanes. Puis un jour je me suis fatigué d'igouanes, j'en rêvais trop, ils apparaissaient sans cesse dans mes songes. Je donnai mon *mani* à mon grand-père, qui le garda dans son *pacará*. Ce *Pacará*, il le perdit un jour dans un naufrage.

Le *maráka* reste dans la *tocaye*. Mais avant le *maráka*, le plus sacré c'est le bon Dieu et après vient le *maráka*. Dieu voit tout et vous ne pouvez pas vous cacher de Dieu. Pour le *maráka*¹⁹, il peut toujours y avoir d'autres chamanes, plus forts, qui vous empêchent de voir. Ils vous barrent le chemin.

19 Ici *maráka* n'est pas seulement l'objet mais aussi la séance de cure ou le contact du chamane avec les invisibles. Il représente aussi l'invisible lui-même, un agent protecteur ou agressif selon le cas.

Chacha est le mot créole pour le *maráka*. Nous avions des tambours pour les fêtes pour chanter et danser. Les tambours étaient grands, couverts de peau de biche ou de pécarie. On ne les bat pas comme les noirs, ce n'est pas un tamtam. De quatre à six tambours étaient suspendus, accrochés par des cordes aux poutres et se trouvaient à la hauteur d'homme. Il y avait le maître des chants et les autres répondaient en battant les tambours.

L'invité qui vient de loin est invité à chanter le premier. Il y en avait un du côté hollandais qui chantait à faire plaisir. C'était Attilie. Tous dansaient accompagnés de tambours.

Mon cousin Jacobus aussi chantait bien. Et personne ne résistait, tout le monde dansait.

Moi je sais chanter, mais pourquoi vais-je chanter maintenant? Chanter comme celà, pour rien? On n'a pas besoin de ça. On inventait des chants, en pensant au passé, comme tout ce que je vous ai expliqué. On chante pour connaître. Au moment des funérailles, les femmes chantaient si bien et racontaient de si jolies choses.

Je n'aime pas le chant des civilisés car ils ne chantent qu'au sujet des femmes, on dirait qu'il n'y a pas de chants sans femmes, et après elles sont encore maltraitées!

Chez nous, les chants étaient toujours différents, c'étaient des séquences. On commençait à six heures du soir et on ne finissait que le lendemain matin.

Les hommes chantaient et les femmes dansaient et vice-versa. Les chants des femmes et des hommes sont différents.

Les flûtes avec les bambous, on les a connues ici. Les Galibi ne faisaient pas le *turé*, ce sont les indiens de la brousse qui font ça.

Nous avions une flûte de bambou appelée *cuti* en Galibi. Mon grand-père jouait de cette flûte tôt le matin. Notre grande fête, comme encore aujourd'hui, c'était à la fin de l'année, le 31 décembre. On fêtait aussi la levée du deuil, après un ou deux ans, selon la situation de la personne.

Ils avaient des flûtes, les anciens les utilisaient pour chanter le matin vers quatre heures, c'était très beau. C'était un instrument

véritable avec deux trous, une entaille et un trou plus petit dessous. Celà faisait vraiment de la musique, ce n'était pas comme le *turé* une *buzina* qui fait seulement hou!hou! La flûte *buzina* du *turé* ce sont les indiens de la brousse qui l'utilisent.

Le *Pacará* c'était la malle de l'indien. Le chamane en avait un pour garder son *maráka*. Celui qui ne savait pas fabriquer un *pacará* était zéro, comme quelqu'un qui ne sait pas lire, alors les femmes n'en voulaient pas. Si vous ne saviez pas faire ces choses utiles, vous ne pouviez pas survivre. Le *Pacará* est fait d'*arumã* avec ou sans dessins marquetés.

Maintenant, nous n'avons plus le temps de faire celà. Il y a encore des groupes qui en font car, chez ceux-ci, ce sont les femmes qui travaillent à l'abattis. Mais moi, avec ma femme, lorsqu'elle était encore en bonne santé, nous allions toujours tous les deux à l'abattis. Le coton qu'elle file maintenant toute la journée, elle ne le filait que le soir. L'artisanat se vend très mal, c'est un sacrifice, ils ne vous donnent rien. Je préfère planter mon abattis et vendre mes ananas.

Tout le monde avait son banc, avec des têtes de tigres, d'oiseaux. Le chamane avait son banc à lui. Maintenant on fait des bancs avec des planches, comme celui sur lequel vous êtes assise.

Karawachi, c'est le hochet pour les femmes quand elles dansent. Un bâton avec une vannerie remplie de graines.

Les paniers couroucourou et les éventails nous les faisons toujours. Les femmes filent le coton et tissent les hamacs jusqu'aujourd'hui. Moi je fabrique le fuseau à tordre le fil. Les éventails sont en paille de *kunanã*. Les balais sont en *kunanã* ou *tucumã*. J'ai appris à les faire à l'école. C'étaient des travaux manuels. Ma femme faisait encore de la céramique mais maintenant personne n'en fait plus.

Le fuseau, *cutxia*, c'est l'homme qui le fabrique. On ouvre le coton à plusieurs reprises et on le bat, c'est la phase la plus importante.

Les objets importants pour nous c'étaient les canots, les pagaies, les flèches et les arcs. Ces flèches étaient de trois types: pour le poisson, pour le gibier et les flèches aux pointes rondes, *tobirai*, pour tuer les oiseaux. Nous n'avions pas de sarabacanes et pas d'harpons.

La platine pour griller le manioc auparavant était en céramique. Mais ceci il y a longtemps.

Je fais toujours les grandes presses indiennes, les couleuvres, d'*arumã* aussi. De l'*arumã*, il y en a plein sur nos terres. Je fais le tamis, l'éventail, toujours d'*arumã*. Tous les hommes ici, à l'exception de Nonato, savent faire ces objets. Les couis, ce sont les femmes qui les font.

Les râpes de manioc, je les commande à un vieux du Curupi, José, du village Espírito Santo. Ils sont faits en bois avec des éclats de fer incrustés. Parfois nous utilisons une feuille de bidon percée de trous.

Les chaudrons en fer d'où nous retirons les éclats sont aujourd'hui très difficiles à trouver. Nous faisons aussi les rateaux en bois pour cuire et retourner la farine de manioc étalée sur la platine.

Nos deux grandes cuillers en bois, teintes de noir, elles viennent du Curupi, il est bien possible que ce soit Tangahá qui les ait faites. C'est ma fille Gilberte qui les a rapportées de là-bas quand elle était professeur au village Manga.

Quand mon parrain me donnait quelque chose, je le gardais avec attention. Je le gardais pour toujours, comme l'outil de mon grand-père, la perceuse en fer, rangée sous le toit de mon *cabé* et dont parfois je me sers encore. Ou bien le tire-bouchon de mon grand-père – ce sont des choses des anciens.

Le *Pacará* et le *Maráka* de mon père sont avec ma soeur Marie Egyptienne. C'est elle qui en a la garde. De ma mère nous avons gardé ses articles ménagers.

Le Passé, les souvenirs

Je ne regrette rien. De la Guyane, je ne garde aucune nostalgie.

Là où je suis né c'est un endroit malsain. Il y avait trop de mauvais esprits là-bas. Je ne sais pas pourquoi. Est-ce le bon Dieu qui n'a pas béni cet endroit?

Ici, sur l'Oyapock, c'est un endroit paisible, j'y suis bien. J'ai mon abattis, où je vais tous les jours. Si je ne vais pas à l'abattis, je meurs. J'ai de la santé. Ma femme, il est vrai, est malade, mais même en Amérique, qui est le pays le plus avancé du monde, on meurt de cette maladie et les médecins n'y peuvent rien. Ici, il n'y a pas de mauvais esprits ou bien peu. Les femmes peuvent aller seules vaquer à leurs travaux. Tout est bien.

Mes enfants et mes petits-enfants, ils viennent passer le fin de semaine avec nous. Ceux qui sont loin, je leur téléphone d'Oiapoque. Quand nous aurons le téléphone cellulaire, ce sera bien.

Il n'y a qu'une chose que je regrette vraiment. J'aimerais tellement revoir ici mes grands-parents, mes ancêtres, pour qu'ils puissent nous raconter les choses d'autrefois. J'aimerais tellement savoir comment c'était dans l'Antiquité. Ce serait joli pour mes petits-enfants.

Parfois je me prends à penser, je pense aux anciens, mes grands parents, mes aïeux. Pourquoi sont ils morts et pas revenus? Ils pourraient nous enseigner tellement de choses."

Les rives de l'Oyapock

"Ici, cet endroit où nous sommes avait été habité autrefois par des noirs esclaves de la Guyane. Ce sont eux qui ont planté les cacaotiers sur les berges de la rivière et que nous cueillons jusqu'aujourd'hui. Et ils avaient creusé des canaux pour écouler l'eau, assécher le terrain et planter du riz et des bananes.

Bien à l'intérieur de nos terres on trouve encore des manguiers plantés par eux; il y a des vestiges de leurs abattis, de cabés et l'emplacement des platines. On a trouvé de grands chaudrons en fer et des vases en céramique anciens. Je ne sais pas pourquoi les noirs construisaient leur *cabé* et faisaient leur farine si loin des berges, vers l'intérieur des terres.

J'ai trouvé dans mon abattis une pierre à polir qui peut-être leur appartenait et que j'utilise jusqu'aujourd'hui. Et sous mon manguier ici, j'ai aussi trouvé un gros outil en fer, comme un ciseau, pour la construction des bateaux. C'est très vieux. Ici vivait un monsieur qui vit encore, plus bas sur le fleuve, du côté français, François Goudet, il vivait ici auparavant et son père aussi. Il a planté l'arbre à *caju*, qui se trouve encore aujourd'hui sur la berge. Tous les autres arbres c'est nous qui les avons plantés.

Quand nous sommes arrivés ici, il y avait beaucoup de noirs sur l'autre rive, du côté français, on entendait les tambours des noirs. Maintenant, il n'y a plus personne, ils ne veulent plus travailler à l'abattis, ils sont tous à Cayenne.

Quand nous sommes arrivés ici, Oiapoque et St Georges n'étaient que des bourgs de quelques maisons²⁰. En 1950, à Saint Georges, le curé Rudo parlait le patois. Personne ne parlait le français à l'exception du gendarme. Le patois était comme celui parlé dans l'Uaçá, très différent de celui de Cayenne. Ouanary était une commune comme maintenant, avant il y avait beaucoup de gens. Il y avait un endroit appelé le pays des indiens, mais c'était seulement le nom, c'était des noirs qui y habitaient. Quand nous sommes arrivés Trois Palétuviers n'existait pas. Mais il y

20 Oiapoque, autrefois s'appelait Martinique, après Espírito Santo et après Oiapoque, le nom de la rivière. Foi Rondon que mandou mudar o nome da região.

avait quelques Palikurs qui vivaient à Ouanari, ce sont eux qui s'installèrent plus tard à Trois Palétuviers.

Vers l'intérieur, dans la brousse, il y avait des anciens, à la crique Toucouchi. Ma marraine, celle qui m'avait baptisée, était originaire des Sources du Ouanary. Elle était bien noire, enfant d'esclaves.

À Petit Toucouchi il y avait des Palikurs, maintenant il n'y en a plus. À Kuman-Kuman, il n'y a plus personne, ils sont morts. À Rozé, il y avait une famille.

En face du village Galibi, du côté français, il y a une famille du Curupî qui vit là depuis longtemps. Pour la Santo Antônio ils font une fête, où vont les personnes de St Georges et Trois Palétuviers et parfois nous aussi nous y allons.

La Vila Nova de Taparabu a été fondée assez récemment.

En amont, de notre côté, il y avait autrefois "La Casa Lili". C'était un commerçant portugais qui l'avait fondée et c'était la maison la plus assortie de tout l'Oyapock. Ce portugais avait épousé la soeur d' Eurico Fernandes. Pendant la guerre c'était la Casa Lili qui alimentait Cayenne et même bien plus au Nord, Mana.

C'était du café, du sucre, des étoffes, enfin, tout ce qui manquait. Les contrebandiers venaient chercher la marchandise ici; tout était du Brésil.

Le café, ils le transportaient en canot jusqu'à la Montagne Argent et là-bas on passait le café dans des sacs français. À Cayenne on disait en rigolant, c'est du café de la Montagne Argent.

La Casa Lili allait chercher ses marchandises à Belém, il y avait un cargo qui venait tous les 15 jours ou tous les mois. Ils avaient même du linge pour les mariages et les baptêmes. À cette époque, les marchandises étaient très bon marché. Quand nous sommes arrivés ici, pour 50,00 reais on remplissait notre canot de marchandises."

Histoires de bagnards

"C'était un bagnard que j'avais connu à Mana. Un musulman algérien. Dans ce temps-là, Julien, mon frère, travaillait à la scierie de M. Demangeot. On utilisait un tracteur pour déplacer les billes de bois. Je ne sais pas comment ce tracteur, une fois, est tombé à l'eau. Personne n'arrivait à l'en sortir, même pas les pompiers. Ils ont appelé cet algérien, car il était d'une force démesurée. En balançant le câble, il est arrivé à soulever le tracteur de je ne sais combien de tonnes, le déplacer et le poser sur le sec, la terre ferme.

Ce bagnard était aux Îles du Salut, condamné à perpétuité. Les îles sont des roches et forment des trous aménagés en cellules. Cet algérien avait, selon lui-même, tué 12 personnes. Son nom était Maxime et il pensait qu'il y resterait jusqu'à sa mort. Pour manger, le surveillant lui passait sa nourriture par un trou et descendait les aliments, la marmite, au bout d'une ficelle. C'était du pain, du corn-beef, des boîtes de viandes, cela venait de la France.

Comme tous les musulmans, il était très croyant, cet algérien. L'Algérie était une colonie française. C'est pourquoi on les envoyait ici. Il priait le bon Dieu pour ne pas mourir et pour pouvoir sortir de là.

Il y avait un homme, le père de mon parrain, Monsieur Passevent, qui avait besoin d'un aide et on lui envoya cet algérien. Il s'occupait des boeufs. Le père de mon parrain et mon parrain aussi avaient à la Pointe Isère, où je suis né, leur bétail et des plantations de noix de coco. Un jour qu'il menait ses boeufs, il nous connaissait, il raconta à mon papa ce qui lui était arrivé. Il lui dit qu'il n'avait plus de cheveux à cause de la chaleur des rochers du bagne. Comme il s'était révélé un très bon travailleur, reconnu par son patron, M. Passevent, celui-ci qui connaissait le chef du bagne alla lui parler en sa faveur et c'est ainsi que plus tard il fut gracié par le Président de la République Française; c'était dans les années 28-30, je ne me souviens plus qui était président. Il est parti à Cayenne et puis est revenu nous voir. Il était vraiment très content. Et ensuite il s'est installé à son compte, il a ouvert un commerce, il était débrouillard. Et il est encore allé chez lui, à son compte.

En 1952-53, le baignage a été fermé. Ils furent reçus avec une fête en France, avec le Président et les troupes. Peut-être est-ce le bon Dieu qui l'a sauvé. Les musulmans, comme vous savez, prient beaucoup. Même s'il avait tué, il ne pouvait pas rester dans un trou sans voir la lumière.

Beaucoup de baigneurs s'évadaient, mouraient dans la brousse, passaient la frontière du Venezuela ou de ce côté."



Lod, au milieu de nos conversations, se distrait souvent. Toujours inquiet, il est continuellement à l'écoute et scrute de ses yeux aux grosses lunettes tout ce qui se passe aux alentours de son cabe. Il court avec sa longue baguette derrière les poules envahissantes, fait taire ses perroquets criards, ramasse à la pelle le caca des poules impertinentes. Transporte de l'eau potable du puits de chez Guy, remplit des seaux et des bassines pour le bain. Épluche un ananas ou une orange, range la vaisselle et lave une coui. Parfois, soudainement, il se lève, saisit son fusil et s'enfonce dans la broussaille à la recherche d'un agouti dont il a entendu le bruit. Puis il revient, se lave les mains et s'assied sur le banc, en face de moi, et reprend la conversation. Parfois, c'est un dialogue, le plus souvent un monologue motivé par une question. Il a des idées toujours précises et peu de doutes. Il est d'une logique accablante et doit me trouver un peu passive, trop à l'écoute. Mais quand je lui lis le lendemain les entrevues de la veille, il apprécie, il est content et a confiance. Il a beaucoup d'humour et nous rions volontiers.



Lod qui a lu ma publication sur la *Cobra Grande* (Vidal, 2009) formule une critique intéressante et fondamentale au sujet de mon texte. Nous revenons ainsi pour conclure, encore une fois, sur le xamanisme et la relation entre humains et autres êtres.

"Il n'existe pas de *Cobra Grande*. Ce sont les esprits de l'eau qui se transforment en Cobra quand ils viennent sur terre. Partout il y a de l'eau et des bêtes avec leurs maîtres.

Ces esprits sont comme des gens, des bêtes inconnues, toutes les espèces. Toujours invisibles. Seulement quand le Bon Dieu nous dira, on les verra. **Le chamane ne voit pas. C'est seulement son esprit qui voit car la personne du chamane et son esprit sont des choses différentes."**

Lod m'affirme que les Galibi s'entendaient. La Guerre était toujours entre les *pajés* ou chamanes et qui parfois détruisaient des villages entiers.

"Les Esprits des piaye se faisaient toujours la guerre".

"Les bons anges remettent aussi votre esprit dans votre corps. Lorsque nous mourons **c'est notre corps, notre chemise qui meurt.**

C'est le Bon Dieu qui nous a donné l'esprit. Autrefois les indiens communiquaient avec les animaux au fond de l'eau et eux venaient les visiter. Après, c'était fini, et ils ne communiquent plus entre eux. Ils sont séparés. Autrefois toutes les bêtes étaient des gens. Lorsque nous passions en canot, celui qui est au fond de l'eau disait: "Ce sont des perroquets qui passent" et ils essayaient de nous chasser. La vie est un mystère. Si l'on pouvait comprendre tout ça, ce serait bon."

19/10/1998



J'ai pleine conscience d'être une amie de la famille. "Mon père reçoit son amie " disent les enfants. On essaie de me faire plaisir, je me sens chez moi, je me sens bien. On cuisine simplement ou on se prépare de petits plats. Il n'y a pas d'homme pour chasser, alors on achète du poisson ou du poulet, sur place ou en ville.

23/10/1998

Referências bibliográficas

- COLLOMB, Gérard; TIOUKA, Félix. *Na'na Kali'na: Une histoire des Kali'na en Guyane*. Matoury: Ibis Rouge Editions, 2000.
- Exposição Transfronteiraça*. Memória e identidade dos Kali'na Tilewuyu. Curadora Lux Vidal. 2010.
- MORAES, Cláudia Renata Lod. *Amiakô Woli Medera Neí: A transformação de menina para mulher e a menstruação como rito de passagem entre os Galibi Kali'na*. Artigo apresentado em banca de examinação de Trabalho de Conclusão de Curso como requisito para conclusão do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, com habilitação em Ciências Humanas. Oiapoque, 2018.
- VIDAL, Lux B. "Galibi Kali'na: história do contato e aspectos contemporâneos". In: *A Presença do Invisível: Vida Cotidiana e Ritual entre os Povos Indígenas do Oiapoque*. Iepé, Museu do Índio, Funai. 2016. p. 107-121.
- VIDAL, Lux B.; LEVINHO, José Carlos; GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.). *A presença do invisível na vida cotidiana e ritual entre os povos indígenas do Oiapoque*. Rio e Janeiro: Iepé – Museu do Índio, 2016.
- VIDAL, Lux B. "O ralador de mandioca: Povos Indígenas do Uaçá, Oiapoque, Estado do Amapá". In: Joaquim Pais de Brito (coord.). *Os índios, nós*. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia, 2000a.
- VIDAL, Lux B. "Outros viajantes". In: *Revista USP*. Formação do Brasil depois de Cabral. jun/jul/ago 2000b, p. 42-51.
- VIDAL, Lux B. *A cobra grande. Uma introdução à cosmologia dos Povos Indígenas do Uaçá e baixo Oiapoque* – Amapá. Publicação avulsa do Museu do Índio. Rio de Janeiro/Museu do Índio, 2009.





www.institutoiepe.org.br